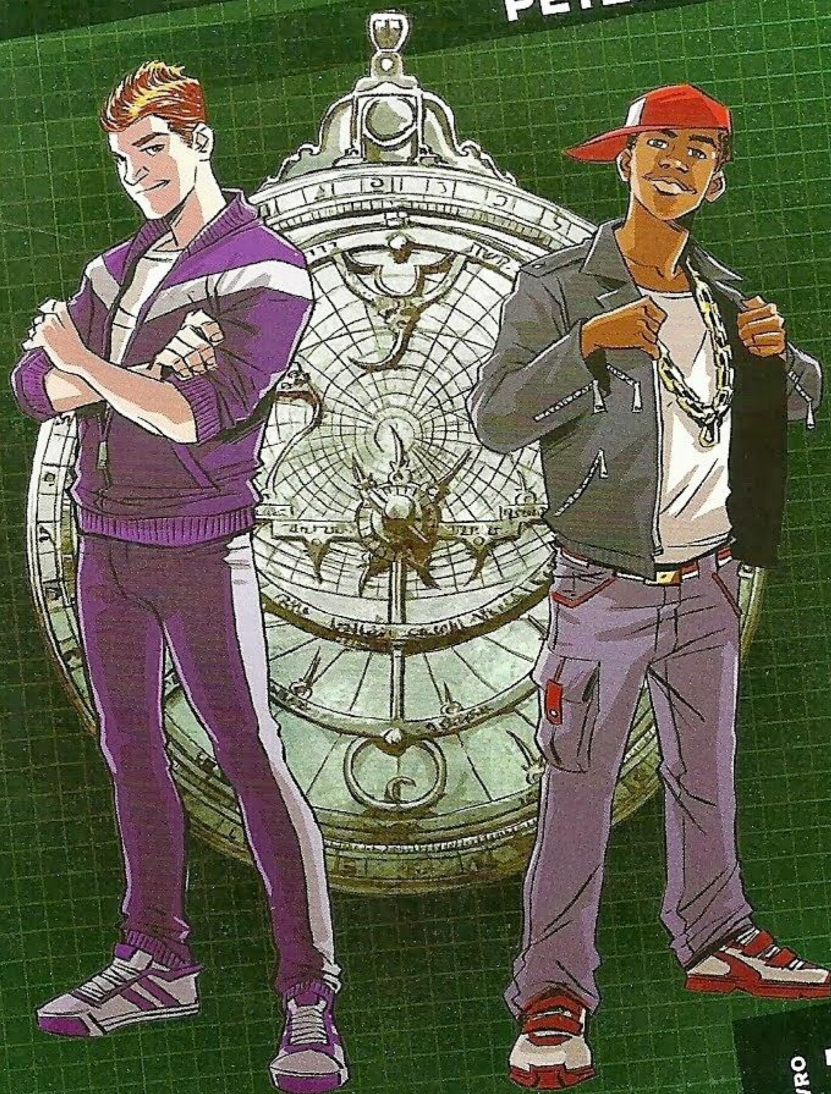
CAHILL vs. VESPER



NA CALADA DA NOITE

PETER LERANGIS



LIVRO 3

ea
editora ática

Não bastassem os sete Cahill sequestrados, agora Amy, Dan e Jake Rosenbloom precisam resgatar Atticus. E ainda recebem uma nova missão de Vesper Um: encontrar um *orbis latao*, de paradeiro desconhecido.

Amy e Dan têm quatro dias para entregar o estranho objeto ao inimigo, senão um dos reféns vai morrer. E, pior de tudo, os irmãos devem escolher quem sofrerá essa consequência caso falhem. Porém, eles sentem que finalmente estão alguns passos à frente dos Vesper... ou será só ilusão?

Com pouco tempo para desvendar o mistério e uma vida por um fio, os irmãos Cahill terão de superar difíceis obstáculos nesta viagem pela Turquia e pelo Uzbequistão.

Que espécie de família atrai um garoto inocente e faz dele alvo de matadores?

Capítulo 1

Em todos os seus 11 anos de vida, Atticus Rosenbloom nunca tinha imaginado que morreria deitado sobre pãezinhos e rosquinhas recheadas.

Obviamente, ele também nunca tinha imaginado que seria amarrado, enfiado num saco, jogado no porta-malas de um furgão de padaria e levado num passeio em alta velocidade, passando sobre todos os buracos das ruas da República Tcheca. Se ainda precisava de alguma prova de que Amy e Dan Cahill eram sinônimos de problemas, agora não faltava mais nada.

— Paodeceçaomelevano? — ele gritou. Com a boca coberta por uma bandana, ele tentava dizer: “Para onde vocês estão me levando?”.

Não adiantou. Não podiam ouvi-lo.

Atticus fez força para não chorar desesperadamente. Aquilo só podia ser um engano. Eles deviam tê-lo confundido com outro garoto nerd com dreads, camisa xadrez e tênis surrados.

Ele contorceu o corpo para a esquerda e para a direita, tentando soltar as cordas que amarravam seus pulsos. Bateu a cabeça em estantes metálicas, e pães e doces caíram ao chão em cascata. O cheiro doce e fermentado parecia zombar dele.

— Cuidado aí com os donuts! — Uma voz vinda do banco da frente o repreendeu. — A gente pode precisar deles no avião.

Atticus congelou. Ele conhecia aquela voz.

Seu cérebro, que já tinha absorvido 11 idiomas, não se esquecia de sons marcantes. Tão pouco escapavam da sua mente experiências de quase morte, como a do dia anterior, quando Dan e Amy tinham ficado presos numa biblioteca trancada e em chamas. Atticus e seu meio-irmão, Jake, tentaram ajudá-los, mas foram atacados por uma mulher e um sujeito vestidos de preto.

E o tal sujeito tinha a mesma voz que aquele sequestrador que gostava de donuts.

Dan falou que eram assassinos. Gêmeos. Vesper.

De repente, tudo fazia sentido, e de uma maneira horrível.

Atticus sabia que Dan e Amy eram Madrigal, membros do clã de elite da família mais poderosa do mundo – os Cahill. Os Vesper eram pessoas do mal que já tinham sequestrado sete membros dessa família. Como *resgate*, Dan e Amy estavam sendo obrigados a desempenhar tarefas desagradáveis: arrombar museus, roubar artefatos antigos, decifrar códigos impossíveis. Capacidade não lhes faltava, uma vez que tinham conseguido fazer algo igualmente impossível: localizar as 39 pistas.

Então por que os Vesper tentaram matar Dan e Amy na biblioteca? E por que eles me querem?

Insano. Aquilo tudo era insano!

O furgão virou à direita abruptamente. Atticus escorregou sobre uma camada de geleia de framboesa e bateu contra a porta traseira.

Ele gritava de dor quando o furgão parou de repente. A porta se abriu, e duas mãos desamarraram o saco em que estava preso. Atticus teve de piscar para ajustar a visão à luz repentina. A lufada de ar vindo de um motor a jato quase o derrubou.

— Desculpe pelos trancos — disse o sequestrador, arrancando a mordaça da sua boca. — A próxima parte do trajeto será mais tranquila.

Os olhos de Atticus se ajustaram rapidamente. O sujeito devia ter pouco mais de 20 anos. Dava a impressão de ter saído de uma sessão de fotos para revista de turismo: loiro, olhos azuis, musculoso e bronzeado. Atticus sentiu a corda que prendia suas mãos sendo desamarrada e substituída por uma algema em um de seus pulsos, às suas costas. Uma voz sedosa de mulher acrescentou:

— Quantos garotinhos da sua idade podem dizer que já andaram de jato particular, e de graça?

— Não sou um garotinho! — Atticus respondeu sem querer, as palavras saindo da sua boca antes que tivesse tempo para pensar. — Ok, cronologicamente falando, sim, 11 anos de idade se enquadra nessa definição, mas na realidade já estou na faculdade. Se vocês estão procurando um garotinho, pegaram a pessoa errada!

A mulher colocou-se ao lado dele, agora com o próprio pulso algemado ao de Atticus.

— Nem pense em ter ideias, garoto universitário, só porque estamos de mãos dadas.

Atticus recuou ao sentir a mão úmida da jovem agarrando a sua. Ela era sem dúvida a irmã gêmea do sujeito, mas com o tom loiro do cabelo elevado à 11ª potência. O uniforme de padeira que usava tinha mangas bem compridas, para esconder as algemas.

— Nós não cometemos enganos, Atticus — disse o sequestrador. — Sabemos que foi o vencedor do torneio de xadrez do quinto ano da sua região e ganhou o campeonato estadual de soletração com a palavra “renascença”. Por falar nisso, sempre que tive dificuldade com essa palavra...

— Me soltem agora mesmo, senão vou gritar por socorro! — Atticus berrou.

O homem o agarrou pela gola da camisa.

— Se você gritar, pirralho, alguém aqui vai cometer um assassinato. E, com esse se QI de 175, você é esperto demais para querer colocar seu irmão e seu pai em perigo.

Atticus se esforçou para não entrar em pânico. Os detalhes que conheciam a seu respeito e as provocações cruéis eram como alfinetadas dadas com uma lâmina minúscula, fazendo-o perder o prumo.

O homem olhou rapidamente para o lado, checando seu reflexo na janela de um prédio de tijolinhos marrons, perto dali. Passou cuidadosamente os dedos pelos cabelos.

— Você fica de babá, Cheyenne. Vou correr lá pra frente para ver se o avião está pronto.

— Não demore, Casper — disse sua irmã, empurrando Atticus para a frente. — E certifique-se de que há espelhos suficientes para você a bordo.

— Vocês chamam *Casper* e *Cheyenne*? — Atticus conseguiu dizer.

— E nosso sobrenome é Wyoming. Quer fazer uma piadinha a respeito? — Cheyenne deu um puxão no pulso de Atticus, apertando o passo. — Estávamos pensando em lhe dar uma refeição, um paraquedas e uma aterrissagem segura. Mas podemos esquecer o paraquedas.

— O q-que vocês vão fazer comigo — Atticus perguntou.

— Vamos levá-lo a um lugar mais seguro — respondeu Cheyenne. — Precisamos fazer algumas perguntas. Vai ser uma simples troca de... Guardiões.

Ele entendeu a indireta.

Atticus sempre tinha se orgulhado de ser diferente, gostava de ser único, singular. Mas havia um aspecto disse que trocaria num segundo.

Ele ainda podia ouvir as palavras da mãe no leito de morte: *Você é um Guardião. Precisa continuar. A tradição. Tanta coisa em jogo.*

Atticus só sabia que os Guardiões combatiam os Vesper. E que ele era o único Guardião que tinha restado.

— N-não sei nada sobre os Guardiões! — ele protestou.

— Talvez você mude de ideia depois de passar pelo nosso “tratamento” — Cheyenne respondeu.

As pernas de Atticus tremeram.

— E se eu disser que minha mãe morreu antes de conseguir me contar qualquer coisa?

— Eu então diria que ela foi uma péssima mãe — Cheyenne retrucou, dando e ombros.

Atticus olhou em volta do aeroporto, em pânico. Em poucos minutos, eles estariam em um avião, voando para longe de Praga. Ele seria o Refém Número 8. Agarrado por dois Vesper que já tinham tentado matar Dan e Amy com gás tóxico.

Os irmãos Wyoming não pensariam duas vezes antes de dar cabo de Atticus Rosenbloom.

Pense, Atticus. É a única coisa que você faz bem.

Casper estava gritando ordens a um funcionário grisalho do aeroporto num hangar a cinquenta metros do prédio de tijolinhos. Cheyenne puxava Atticus com força, tentando andar mais depressa.

Ele odiava ter de segurar a mão daquela mulher horrível. A última mulher com quem tinha ficado de mãos dadas fora sua mãe.

Sua mãe... a mulher mais bondosa e mais inteligente que ele já conhecera.

Sua mãe, que era Guardiã. Que, com seu último sopro de vida, lhe disse: "*Continue amigo de Dan Cahill"*. Ela sabia que haveria problemas pela frente.

Os Guardiões estavam envolvidos com os Cahill. A mãe de Atticus devia saber que algo desse tipo ia acontecer. Ela vinha tomando precauções havia anos: tinha papéis secretos e pagava um guru técnico esquisito para lhe dar acessoria.

Beezer.

O nome surgiu como um flash no meio de uma nuvem mental negra: Max Beezer, o técnico que auxiliava sua mãe. Atticus e Jake encontraram inúmeras engenhocas criadas por ele após a morte dela. Max tinha entregado a maioria de suas invenções a Dave Speminer, assistente da professora Astrid Rosenbloom, mas guardou algumas das mais bacanas para Atticus – como o minirrastreador em que Jake e ele haviam mexido no dia anterior. Nenhum dos dois sabia ao certo como funcionava. Era nanotecnologia. Tinha um design estranho, era minúsculo demais.

Mas valeria a pena fazer uma tentativa.

Atticus precisava de um momento a sós com o seu chaveiro.

Ele apalpou o bolso esquerdo freneticamente, mas o chaveiro não estava lá. Começou então a andar mais devagar, gemeu profundamente e se dobrou para a frente.

Cheyenne o olhou com fúria.

— O que é?

— Nada. Está tudo bem. Tudo mesmo. — Atticus se contorceu novamente. — Aqueles doces do furgão, mas o balanço todo... Fiquei enjoado. Foi uma mistura ruim. Mas vou ficar b-b-bem.

— Ah, que ótimo... — Cheyenne ironizou, parando o andar.

Do interior do prédio, Casper gritou:

— Como assim, o avião não está pronto? Alô, velhinho? Se liga! Pagamos com antecedência.

Cheyenne revirou os olhos.

— Se você chegar a virar gente grande, nunca trate os mais velhos assim — olhou rapidamente para a porta decrépita do banheiro masculino e prosseguiu: — Isso não é algum truque idiota, certo?

Atticus respirou fundo.

— Pode deixar — respirou profundamente mais uma vez. — Vou apenas sentar — inspira, expira — do seu lado no avião — inspira, expira — e segurar o enjoo.

— Nem pensar — Cheyenne o empurrou em direção ao banheiro, abriu a porta com um chute e empalideceu. — Eca. É a coisa mais nojenta que já vi na vida.

— Eu não me importo.

Atticus a puxou para dentro, mas Cheyenne recuou.

Enfiando a mão no bolso, ela tirou um conjunto de chaves e abriu as algemas.

— Você tem dois minutos. E nem tente dar uma de espertinho, senão vai se arrepender amargamente.

Atticus olhou para o interior do banheiro e fez uma careta.

— Preciso do meu chaveiro. Para poder usar meu bactericida.

— Seu o quê? — Cheyenne se espantou.

— Álcool gel — Atticus respondeu.

— Que tipo de garoto de 11 anos leva álcool gel ao banheiro? — Cheyenne se irritou.

— Um garoto que preza pela higiene? — Atticus deu de ombros. — É só porque... bem, você está vendo a pia e o vaso... E, afinal, nós dois vamos estar algemados juntos e tudo o mais...

O rosto de Cheyenne estava ficando verde. Ela enfiou a mão no bolso e tirou o enorme molho de chaves de Atticus, que continha sete chaves, cinco cartões de lojas, uma chave de fenda, um pen-drive e uma latinha minúscula, mas bem colorida, de bactericida. Cheyenne examinou o molho cuidadosamente, item por item.

Atticus prendeu a respiração.

Um sorriso espalhou-se lentamente pelo rosto de sua captora, que ergueu o pen-drive no ar.

— Ahá, menino esperto. Um transmissor!

Ele desprendeu o pen-drive do chaveiro, deixou-o cair no chão e o esmagou sob suas botas. Com um sorriso triunfal e malévolo, devolveu o molho a Atticus.

— Bem-vindo à primeira divisão, onde o QI vale muito menos que a esperteza. Você tem dois minutos.

O queixo de Atticus caiu. Ele lançou um olhar angustiado sobre os destroços de plástico e aço espalhados pelo chão. Voltando-se para entrar no banheiro dos homens, fez força para segurar um soluço.

Batendo a porta às suas costas, acendeu a luz.

Um minuto e 54 segundos.

Atticus abriu as torneiras das pias ao máximo. Água marrom jorrou, ruidosa, na pia manchada. Ele gemeu alto. Podia ouvir Cheyenne chamando o irmão.

Ele ergueu o chaveiro, separando a latinha de bactericida. Com cuidado, abriu a tampa.

Ela soltou um bip.

Com os dedos tremendo, ele iniciou um aplicativo na tela minúscula. E começou a digitar um código no teclado.

Capítulo 2

— Vocês ficaram parados enquanto eles levaram o menino embora? — Ian Kabra perguntou.

Amy se encolheu no sofá do quarto de hotel. Sentia-se entorpecida. No laptop de Dan, os traços do rosto de Ian estavam exagerados; seus olhos pareciam arregalados, acusadores. Ao fundo. Via-se a reluzente sede high-tech da família Cahill em Attleboro, Massachusetts, que Amy tinha projetado. Houve uma época em que os olhos escuros e misteriosos de Ian a faziam derreter. O ângulo da cabeça dele, a ruguinha no canto esquerdo da boca... ela era obcecada por ele. E Ian era igualmente obcecado por ela.

Agora, tudo o que Amy queria fazer era jogar seu sapato contra a tela. Ela o odiava. Odiava o som da voz dele.

Odiava que ele tivesse razão.

Reagan Holt, Ted Starling, Natalie Kabra, Phoenix Wizard, Alistair Oh, Fiske Cahill e Nellie Gomez. Sete pessoas que significavam muito para ela estavam apodrecendo numa cela de prisão. E agora Atticus tinha desaparecido.

Que espécie de líder deixa acontecer coisas desse tipo?

— Sim, foi exatamente isso que eles fizeram — Jake Rosembloom interveio, andando de um lado para o outro do quarto. — Nada!

— É minha culpa — Amy olhou de relance para o irmão, encolhido no sofá em posição fetal. — Só minha. Não de Dan. Eu deveria ter previsto isso.

Na tela, Sinead Starling empurrou Ian para o lado. Seus cabelos ruivos estavam presos com um elástico e suas feições delicadas contraíram-se com urgência.

— Já alertei todos os Cahill da nossa área, nossos contatos na polícia de Praga, a embaixada tcheca, aeroportos, serviços de limusine, todas as padarias de Plzen a Hradec Králové. Nada até agora. Estou achando que os Wyoming usaram um jatinho particular para um voo curto, sem nenhum consumo de combustível que chamasse atenção.

— Eles me mandaram não chamar a polícia! — Jake se enfureceu, como se Sinead não tivesse dito nada. — Então me enfiaram num táxi e me trouxeram para cá! É uma família e tanto a sua. Ladrões *e* covardes.

Amy mordeu o lábio. Ela bem que gostaria de ter podido chamar as autoridades. Mas ela e Dan estavam sendo procurados pela polícia pelo roubo da *Medusa*, um quadro mundialmente famoso de Caravaggio, por ordens de Vesper um. O próprio Jake os tinha denunciado à Interpol. Eles não podiam se dar ao luxo de procurar a polícia agora.

— Falar com a gente foi a coisa certa a fazer — Sinead afirmou. — Vamos encontrar Atticus. Temos os meios para isso.

— *E se vocês não conseguirem encontrá-lo?*

A explosão de angústia de Dan pegou todos de surpresa. Ele ergueu os olhos cheios de lágrimas do smartphone. A tela de seu telefone exibia a imagem de um garoto magrelo com dreads no cabelo e um sorriso desengonçado: Atticus.

Amy sofria pelo irmão, não tinha sido fácil para Dan fazer amigos após a caça às pistas. Ele tinha sobrevivido ao desabamento de uma caverna, sido levado de helicóptero ao topo do monte Everest, ficado preso numa tumba egípcia, visto um homem morrer sugado por areia movediça na Jamaica e, ainda por cima, era o único que sabia uma fórmula complexa de 500 anos. Que outro garoto seria capaz de entender tudo isso?

Atticus. Ele era o único que realmente "sacava" Dan.

— Eu dei azar a ele... — Dan murmurou. — A culpa é minha.

Jake tinha um nó na garganta. Ele gemeu, um som mais animal que humano. Impossível de ser ouvido sem provocar mal-estar físico.

Amy conhecia bem a sensação de temer pela vida de um irmão. Ela tinha sorte. Dan estava vivo.

E ela se sentia culpada por não ter mostrado a Jake a mensagem de texto que Dan tinha recebido de Vesper Um:

Vocês estavam com Il milione o tempo todo. Vocês não deveriam guardar segredos de mim. Seu castigo por isso: menos um Guardião.

Não obstante todo o treinamento pelo qual havia passado, Amy tinha sido pega totalmente desprevenida. Ela e Dan estavam fazendo uma entrega, e as entregas anteriores tinham sido seguras.

Eu deveria ter vigiado Atticus com atenção total. Como pude ser tão burra?

Por mais que quisesse falar com Jake sobre a mensagem, não conseguira. Ele era um verdadeiro barril de pólvora. Odiava os Cahill e traíra Dan e Amy uma vez. Se o fizesse de novo, ela e Dan iriam para a cadeia. E isso, por sua vez, acarretaria a morte dos reféns.

E o fim das esperanças de reencontrarem Atticus.

— Isso aqui tem a ver com aquela bobagem toda de Guardiões, não tem? — Jake perguntou, quase cuspindo as palavras. — A avó de Atticus ficou com a guarda de um mapa antigo qualquer, que vocês roubaram da biblioteca. Minha madrasta deve ter guardado alguma coisa também. Vamos, me contem o que era. E o que Att deveria proteger.

Amy respondeu com a verdade.

— N-não s-sabemos — falou, esforçando-se para não gaguejar, como sempre acontecia quando se sentia péssima.

— E ele também não — Jake declarou. — Quer dizer que, seja lá o que for essa coisa secreta e desconhecida, ela deve estar... desprotegida. Estou certo?

Amy sacudiu a cabeça, impotente.

— P-pode ser.

— Quer dizer que, seja lá quem for a pessoa que quer essa coisa, não deve querer que o Guardião saiba do que se trata — Jake prosseguiu, sua voz se elevou com sua fúria. — Porque, se o Guardião soubesse, iria lá tomar conta dessa coisa. Portanto, esses Vesper... Seria do interesse deles... matar...

Lógica. Uma lógica idiota, fria, cruel, horrível. Pare com isso!

— Eles estão mentindo! — Dan disse de repente, com a voz cheia de desespero. — É o que eles fazem melhor. Eles também disseram que matariam um refém, mas não mataram.

— Deram um tiro no ombro de uma pessoa — Jake observou. — Chegaram perto de matar.

Amy se contraiu ao lembrar a imagem medonha de Nellie Gomez, que fora *au pair* dela e de Dan e agora era sua guardiã legal, ensanguentada e se contorcendo de dor no cativeiro dos reféns.

Pelo laptop, Sinead disse em alto e bom som:

— Nossos agentes encontraram o que se suspeita ser um centro de comando dos Vesper em Legnica, Polônia. Antigo território dos Tomas. Estamos vigiando o local. É possível que Atticus esteja lá. Os reféns também.

Jake virou-se e partiu em direção à porta.

— Vou atrás do meu irmão. Vou encontrar Atticus, nem que tenha que morrer para isso. E, se eu morrer, vou arrastar vocês todos comigo.

Amy correu até ele.

— Jake, você não pode!

— E aí, galera de Attleboro-o-o-o-o? — um grito típico de torcedores de estádio chegou do monitor. Apesar de a imagem ser composta quase toda de boné, óculos de sol, correntes e um sorriso radiante, não havia como não reconhecer o rosto do rapper mundialmente famoso Jonah Wizard. — Galera, vocês se lembram do meu chapa Hambúrguer e de mim? Então, estamos esperando em Roma há tanto tempo que estou com medo de meu disfarce deixar de funcionar. Vocês tem ideia de como é difícil se esconder de fãs num país onde minhas vendas são gigantes?

Jake parou, espantado. Voltou-se por um instante para a tela, dando a Amy tempo suficiente para interpor-se entre ele e a porta.

Na tela, alguém estava empurrando Jonah para o lado.

Apesar de seus 90 quilos de músculos, Hamilton Holt teve dificuldade para disputar atenção na tela com Jonah.

— Desculpa, cara, mas está na hora de comer e eu estou passando mal de fome. O que Jonah quer dizer é que a gente devia ter encontrado o Erasmus, mas ele não apareceu.

— Vocês têm parentesco com Jonah Wizard? — Jake perguntou, com expressão de desdém.

— E com o outro sujeito também — Dan resmungou. — O dublê do Vin Diesel.

Jonah abriu espaço para aparecer na tela novamente.

— Pessoal, outra coisa. Sabem meu chapa McLanche? Ele também não apareceu.

— Ele quer dizer McIntyre — Hamilton esclareceu. — É alguma mania de advogado faltar a encontros?

— Não é do feitio dele — Sinead respondeu. — Nem do Erasmus.

— Você falou McIntyre? — Jake interpôs. — Wlliam McIntyre?

— Você o conhece? — Jonah quis saber. — Sujeito magrinho, das antigas, com nariz de chave de fenda, meio sem graça?

— Conheço, sim — Jake respondeu. — É advogado do meu pai. E ele não deixa nada barato. Se alguma coisa acontecer com

Atticus, vou mandar McIntyre processar vocês até as últimas consequências.

Amy respirou fundo. McIntyre era confidente e amigo deles, o homem que tinha dado o pontapé inicial na caça às 39 pistas. Ele tinha acompanhado e cuidado dela e de Dan como se fosse os olhos e ouvidos da falecida avó deles, Grace. Extremamente formal, era a última pessoa no mundo que gostaria de ser apelidada de McLanche.

E também era a última pessoa no mundo que moveria uma ação contra ela e Dan.

— Jake, sente-se — ela falou com firmeza. — Isso tudo é mais complicado do que você imagina.

* * *

Dan entrou no quarto e silenciosamente fechou a porta. Não queria mais saber de barulho.

Não queria mais saber da fúria de Jake. Não queria mais pensar no que tinha acontecido com Atticus. Mais um instante e explodiria.

Ele precisava de esperança. Agora.

Tirou o telefone do bolso e releu a última mensagem de texto recebida:

Suspendam julgamento. A história inteira é sempre mais complexa que suas partes. Aguardem.

AJT

Aa palavras fizeram seu coração bater forte. Aquelas iniciais, AJT, eram as de seu pai, morto havia muito tempo: Arthur Josiah Trent.

Dan só conhecia o pai das histórias que Amy lhe contara e de um rosto fora de foco numa foto amassada que ele tinha perdido no metrô de Paris. AJT havia morrido num incêndio, nove anos antes. Um incêndio que tinha consumido a casa e os pais de Dan.

Quando essa mensagem chegou, Amy fez pouco-caso. *Pode ser qualquer pessoa.* Tinha lógica.

Mas a vida não era regida pela lógica. Se as 39 pistas tinham ensinado alguma coisa a Dan, era isso. Às vezes, o bom era ruim. Às vezes, estar morto era estar vivo.

Dan ficou parado com os polegares sobre o teclado do celular. Havia tantas perguntas que ele poderia fazer para comprovar a identidade de quem tinha mandado a mensagem.

E depois, se ficasse comprovado que AJT ainda vivia, Dan poderia lhe perguntar... bem, poderia lhe perguntar tudo. Se era verdade a história contada por Erasmus de que seu pai fora recrutado pelos Vesper quando era jovem e que renunciara ao

grupo, se casara com sua mãe e virara um Cahill. Ele poderia descobrir como seu pai milagrosamente tinha sobrevivido ao incêndio.

Mas os polegares de Dan pareciam congelados. A verdade o deixava apavorado. Não importava qual fosse.

Se o AJT da mensagem de texto não fosse seu pai, perderia completamente a esperança. De algum modo, quando você não sabe a verdade, a versão que deseja ainda continua viva.

Mas, se fosse seu pai, como Dan poderia se ajustar à ideia de ele voltar à vida? Dan conseguiria perdoá-lo pela falta de contato? Que espécie de homem deixaria o filho pensar que ele estava morto durante nove anos?

E como Dan conseguiria encarar um pai que fosse um Vesper?

Suspendam o julgamento...

Os olhos de Dan se encheram de lágrimas. Imagens passavam correndo por sua mente: hélices de helicóptero cortando o cabo do teleférico em Zermatt. A visão de Nellie ensanguentada e pálida. A perseguição de barco que quase tinha acabado com sua vida no lago de Como, e o gás halon na biblioteca de Praga.

— Suspender julgamento de quem? — ele murmurou baixinho. — De alguém que quase deixou seus próprios filhos morrerem?

Não. Ele não podia chegar a essa conclusão.

Jogou o telefone num canto. O aparelho quicou sobre o tapete, sem sofrer um arranhão sequer. Era exatamente como Dan se sentia: incapaz de provocar um arranhão que fosse. Impotente. Pequeno. Confuso.

Ele estava farto de ser o garoto sem poder nenhum. A vítima. O perseguido. A pessoa que cumpria as ordens de um Vesper sem rosto. Até quando isso ia continuar? Por que ele e Amy nunca podiam estar no comando da situação?

Não precisa ser assim...

Números e símbolos jorravam de sua memória, um conjunto complexo de ingredientes e fórmulas precisas. Era o trabalho de toda a vida de Gideon Cahill, antepassado deles. Uma fórmula descoberta numa caverna na Irlanda, que se acreditava ter sido destruída em 1507, e que era conhecida unicamente por Dan. Ela conferia poderes sobre-humanos às pessoas: força para resistir a qualquer ataque, velocidade para se deslocar por grandes distâncias, inteligência para derrotar as maquinações de um exército.

Com a fórmula, cada decisão era clara. Cada inimigo estava fadado a perder.

Cada mistério dava lugar à clareza absoluta.

Cheyenne e Casper Wyoming não teriam nenhuma chance. O mistério AJT seria desvendado.

Dan não ficaria mais na dúvida quanto a ter pai ou não. Ele saberia. Saberia se o pai era aquilo que ele queria que fosse mais que qualquer outra coisa no mundo.

Saberia se era filho de alguém.

Filho do homem mais odioso do mundo.

Mais 26 ingredientes. Era disso que ele precisava. Dan já tinha 13 dos ingredientes, todos muito raros e de difícil obtenção: mirra de um ervanário chinês, solução de ferro e uma solução contendo íons de tungstênio de uma loja de máquinas, âmbar de um joalheiro e iodo de uma farmácia; também tinha várias outras coisas de diversos fornecedores de produtos químicos: mercúrio, ouro líquido, zinco, magnésio, fósforo, enxofre, carbonato de cálcio e prata solúvel, sob a forma de nitrato de prata. Alguns dos outros ingredientes, como água, trevo, sal e cacau em pó, seriam facilmente encontrados.

— O que você está fazendo, Dan? — Amy aproximou-se da porta e o chamou de repente.

Ele deu um pulo.

— Entre, a porta está aberta, obrigado por bater antes.

— Eu queria falar sobre o Jake — disse Amy suavemente.

— Ah, que legal — Dan resmungou. — Mister Simpatia.

— Ele vive furioso. Não tenho coragem de lhe mostrar a mensagem de texto de...

Os olhos de Amy pousaram sobre o telefone sobre o tapete. A telinha brilhava com o torpedo recebido de AJT. Ela soltou um suspiro.

Dan fechou a cara.

— Hora de ouvir um sermão.

Amy se sentou no chão ao lado dele.

— Dan, papai era um Cahill. Um Cahill por inteiro, apesar de não ter nascido Cahill. Eu queria que você se lembrasse dos olhos dele. Quando você era pequeno, ele te segurava em pé no colo para mostrar para todo mundo e dizia...

— *"Cara de lua".* Eu sei, você já me contou um bilhão de vezes.

— E você dava um sorriso enorme, idêntico ao dele — Amy prosseguiu. — A mamãe dizia que vocês dois eram gêmeos separados por uma geração. Aquele homem era incapaz de fazer o mal. Sua vida não era uma mentira. Se você o conhecesse de verdade, *jamais* colocaria os nomes *Vesper* e *Arthur Trent* na mesma sentença.

— As pessoas mentem, Amy — Dan protestou. — Fazem de conta...

— Dan, havia dois corpos no incêndio — Amy insistiu. — Ninguém poderia ter sobrevivido àquilo. Além disso, se papai estivesse vivo, estaria aqui conosco. Ele não teria ficado de fora da caça às pistas. Ele a teria *liderado*.

Dan virou-se rapidamente.

— O fogo deixou os corpos irreconhecíveis. Poderiam ser qualquer pessoa. Tio Alistair sobreviveu ao desmoronamento de uma caverna, Amy! Nós, Cahill, fazemos coisas assim. E, se o papai tentou salvar a mamãe, ele acabou tendo de vê-la morrer queimada num incêndio ateado *por sua própria família*... porque Isabel Kabra achou eles estavam escondendo uma das 39 pistas! Você acha que depois daquilo tudo ele continuaria a ser um Cahill feliz?

Amy empalideceu.

— O que está dizendo, Dan?

— Você se lembra da carta de Grace, aquela que encontramos depois de descobrir a fórmula das pistas? — Dan falou. — Ela disse que a família Cahill estava dividida. Que não era digna de confiança. Isabel ateou fogo em casa, e ninguém ajudou, nem os Holt, nem tio Alistair, nem ninguém. Estou dizendo que o papai pode ter enxergado todos eles como são de fato: assassinos.

A expressão de Amy ficou sombria.

— Então você acha que ele passou para o lado inimigo, assim, sem mais nem menos?

— Ele teria enxergado as coisas ao contrário, Amy — Dan explicou. — O lado inimigo seria aquele que ele deixou para trás.

Amy ergueu a mão, preparando-se para dar um tapa em Dan. Ele recuou, chocado.

Antes de ela conseguir se mover, o smartphone de Dan bipou.

Os dois, surpresos, ficaram imóveis.

Dan se abaixou para pegar o telefone e viu um ícone piscando no topo da telinha. Um sinal de GPS. Abriu o aplicativo e viu o sinal se movendo por um mapa da Europa ocidental. O ponto de origem era AEROPORTO DE RUZYNE, PRAGA. O sinal se deslocava para o leste. Na parte inferior da tela aparecia um nome: A. ROSENBLOOM.

Capítulo 3

— Acorde e sinta o cheiro do calcário — falou Cheyenne Wyoming, arrancando a venda dos olhos de Atticus.

Ele piscou. No avião, horas antes, ele tinha feito uma lista mental de seus piores medos: ser torturado, sofrer um acidente aéreo, ser envenenado, ser empurrado para fora de um avião a dez mil metros de altitude.

Acordar no lugar que ocupava a sétima posição na sua *Lista dos lugares mais bacanas a conhecer no mundo* nem lhe passou pela mente.

Maravilhado, Atticus arregalou os olhos diante do cenário de montanhas irregulares e alongadas, como gigantes castelos feitos de pingo de areia molhada.

— Estamos em Göreme, na Turquia? — ele perguntou, com a voz ainda sonolenta após o cochilo forçado.

— Você conhece este fim de mundo? — Cheyenne rebateu.

— Na realidade — Atticus falou — é uma das formações geológicas mais interessantes do planeta. Se eu não estivesse com vocês, estaria correndo de um lado para o outro, gritando uhu...

Casper lhe deu um empurrão forte. Atticus tropeçou. Seus olhos sonolentos entraram em foco. De repente, seu cérebro refez o contato com algo que o sono tinha entorpecido.

O pavor que sentia.

Furgão de padaria. Saco. Algemas. Avião. Tudo voltou de uma só vez à sua cabeça.

Eles o tinham dopado no avião. Cheyenne fizera questão disso, com medo que ele vomitasse.

Atticus olhou em volta, procurando uma maneira de fugir. Ele não estava mais algemado, mas não havia para onde correr. A impressão era de que eles estavam no meio de uma imensa paisagem lunar; as formações rochosas monstruosas lançavam sombras compridas sob o sol da tarde. Atticus já vira fotos daquele lugar, porém, vistas pessoalmente, as estranhas montanhas eram muito maiores... Pareciam gigantescos dedos rochosos trespassados por buracos (eram cavernas) também enormes.

Eles estavam andando em direção à rocha maior, que tinha o formato de um navio afundado. Em sua base, havia uma placa de aspecto ameaçador amarrada a um latão de lixo:



Atticus esfregou os olhos, recordando os anos que tinha passado estudando idiomas pela Internet.

— Espere aí, isso está em turco — ele murmurou. — Significa “Perigo: caverna desmoronada”.

— Não acredite em tudo o que você lê — Cheyenne recomendou.

Antes que Atticus pudesse protestar, ela o empurrou para dentro da caverna. Ele bateu a cabeça e teve que se abaixar muito para caber no buraco. Torceu o tornozelo ao pisar entre duas tábuas de madeira apodrecidas e consumidas por cupins. Cheyenne estava correndo à frente, agitando a lanterna.

— Não consigo enxergar! — Atticus reclamou.

— Casper, cadê você? — Cheyenne chamou por cima do ombro.

— Esvaziando meus bolsos — outra lanterna, atrás de Atticus, começou a iluminar as tábuas. — Tem uma lata de lixo lá fora. Toda a praticidade de um lar.

Atticus avançou aos tropeços, raspando a cabeça no teto baixo.

— P-para o-onde vocês estão me levando?

— Para um lugar onde teremos privacidade para conversar — Cheyenne parou abruptamente, e com um gesto, apontou para um canto da caverna, aproveitando para afastar uma grossa teia de aranha. — Vai!

Atticus semicerrou os olhos para enxergar na escuridão densa. A gruta parecia terminar ali, numa cavidade minúscula e úmida onde só cabia uma pessoa. Não havia nada mais no fundo. Era apenas um cantinho numa caverna onde um corpo poderia se decompor sem que ninguém jamais o visse.

Cheyenne o empurrou para dentro do espaço diminuto. Quando as costas de Atticus entraram em contato com a parede irregular, ela e Casper chegaram bem perto dele. Uma luz se acendeu ao alto, banhando os três com seu brilho branco esverdeado.

— DNA não reconhecido — articulou uma voz mecânica.

— Permitir acesso! — Casper falou em voz alta.

Uma série de bips foi seguida por "reconhecimento de voz aceito".

Um ruído surdo subiu do chão. Com um barulho forte de algo sendo arrastado, o piso debaixo dos pés deles começou a se mover. Eles estavam numa plataforma circular que descia vagarosamente.

— Não!

Atticus ergueu os braços, tentando alcançar a borda do chão alto, mas Casper puxou-os para baixo. Luzes fortes começaram a aparecer debaixo dos pés deles, e em pouco tempo a caverna apertada e malcheirosa deu lugar a uma ampla câmara subterrânea.

O lugar estava gelado. Mapas enormes recobriam as paredes. Perto do teto, uma coluna digital horizontal exibia manchetes que se sucediam. Uma série de relógios fazia tique-taque em uníssono, marcando a hora em diferentes lugares do mundo com precisão de um milésimo de segundo. Armários de aço escovado se alinhavam nas paredes, perto de estações de trabalho vazias com cadeiras pretas empoeiradas.

A plataforma chegou ao piso da câmara com um baque. Casper pegou uma cadeira.

— Sinta-se em casa.

Atticus se deixou afundar numa cadeira, e uma pequena nuvem de poeira fina levantou no ar. Sua garganta estava seca. Ele precisou engolir duas vezes até conseguir emitir um som.

— O que vocês querem que eu faça?

Cheyenne tirou um lenço da bolsa e limpou duas cadeiras. Os gêmeos se sentaram.

— Conte-nos o que você sabe.

— Sobre o quê?

Cheyenne revirou os olhos, olhando de relance para o irmão.

— O gênio aqui acha que é esperto demais para nós, idiotas.

— *Sobre ser um Guardião!* — Casper explodiu, investindo para a frente.

Atticus soltou um grito. Apertou o pé sobre o chão, num gesto reflexivo, empurrando a cadeira para trás. Bateu contra uma mesa de computador, e o impacto o deixou sem ar.

Casper gargalhou.

— Garoto corajoso!

— Sugiro que a gente vá direto ao que interessa — Cheyenne falou, olhando alegremente em volta da sala. — Ninguém vai poder ouvi-lo. Ninguém sabe onde você está. Você não vai poder sair daqui enquanto não responder. E não vai viver se não o fizer.

— Não sei de nada! — Atticus insistiu. — Já falei para vocês! Minha mãe estava morrendo. Ela me disse que eu era um Guardião. Disse que nós, Guardiões, éramos inimigos de vocês, Vesper. Falou que vocês procuravam um segredo. Foi tudo em fragmentos... eu mal consigo me lembrar.

Casper deu um sorriso. Levantou-se com calma e andou até a parede, sem pressa. Abriu a porta de um armário.

— Quem sabe a gente não consiga reverter isso — falou.

Dentro do armário, havia uma série de facas compridas. Casper pegou uma delas, e a lâmina fina soltou um agudo *shhhhink.*

Atticus sentiu o sangue correndo para sua cabeça. Por um instante, só enxergou pontinhos brancos. O espaço à sua volta pareceu se encolher, a fria temperatura do ambiente pareceu

esquentar, as paredes o comprimiram e tudo se encolheu, virando uma minúscula armadilha...

Em seu cérebro, apareceu de relance uma imagem do cômodo apertado do aeroporto. O banheiro masculino. Uma latinha.

O bactericida.

— Eu sei! Quero dizer, não sei! — ele falou rapidamente, sem pensar. — Isto é, na realidade eu não tenho essa informação, não na minha cabeça. Mas em outro lugar. Tenho tudo. É assim que nós, Guardiões, fazemos. Somos nerds e gênios, mas a única coisa que sabemos é a inscrição.

Casper colocou a cabeça de lado.

— A o quê?

— A *encriptação!* — Atticus se corrigiu.

Calma, vá mais devagar. Pense!

Casper chegou mais perto dele, casualmente desligando a lâmina por sua unha e cortando fora uma fatia fina dela, como se fosse manteiga.

— Continue.

— É uma precaução — Atticus disse. — Para evitar hipnose. E tortura. E soros da verdade. A gente só conhece a sequência-chave, nada mais, para que possamos decodificá-la.

Casper empurrou a ponta da faca para a frente, projetando uma lasca de unha no rosto de Atticus.

— E o que exatamente vocês decodificam?

— Está tudo no meu pen-drive! — Atticus admitiu.

Cheyenne pareceu consternada.

— Aquele que eu destruí no aeroporto?

— Não! — Atticus respondeu. — Outro pen-drive. Escondido no meu chaveiro.

Casper fez cara feia. Ergueu a faca sobe a cabeça, com cuidado. Então, comprimindo os dentes, a atirou contra Atticus.

Atticus soltou um grito e se abaixou. A lâmina rasgou o material da cadeira e ficou presa na mesa atrás dele.

— Isso é por me obrigar a sair para buscar aquele chaveiro estúpido — Casper falou. — Joguei no lixo lá fora. Estava estragando o caimento das minhas calças.

Quando ele saiu, Cheyenne andou até os relógios. Parou perto de um em que se lia HORÁRIO DO LESTE DOS ESTADOS UNIDOS. Estava marcando 7h02.

— Este é o horário em Boston, definido com precisão pelo relógio atômico — ela explicou. — Todos os seus amiguinhos estão acordando e se aprontando para ir à escola. Em meia hora, às 7h32, eles estarão correndo para pegar o ônibus escolar. E você, do outro lado do mundo, vai ter decodificado seu pen-drive e nos passado todas essas supostas informações.

Atticus estava tremendo demais para conseguir concordar.

Meia hora?

Mesmo que ele conseguisse entrar em contato (com qualquer pessoa), meia hora não seria tempo suficiente.

— E-eu... t-t...

— Relaxe — comentou Cheyenne. — Você está entre amigos.

— Talvez eu precise de mais tempo — Atticus falou sem pensar. — Preciso... escrever o código.

— É um computador veloz — Cheyenne respondeu com voz arrastada.

— Mas eu sou humano — Atticus protestou. — Nem mesmo Mark Zuckerberg consegue escrever códigos tão rápido assim!

Cheyenne andou até a mesa atrás do garoto, arrancou a faca da madeira e a ergueu em direção à luz.

— Nesse caso... que peninha.

Capítulo 4

— Não estou nem aí para peitorais, costas ou beta — disse Natalie Kabra. — Estou boicotando as flexões.

— Beta é um tipo de peixe — falou Reagan Holt, que, numa cela úmida, comandava uma sessão de musculação com Ted Starling, Phoenix Wizard, Alistair Oh e Fiske Cahill. — O que você quis dizer foi... *Atenção, pessoal, quero flexões pra VALER! Treze... catorze...* Você quis dizer *delta*, de *músculos deltoides. Dezessete... dezoito...*

— Adoro peixe — falou Natalie, soltando um suspiro sonhador. Virando-se para o lado, deu um soco na porta da cela. — Ei! Onde vocês estão, seus seres do mal? Que tal um pouco de sushi aqui para nós? Estou quase sumindo! Olhem para mim!

Nellie Gomez fechou os olhos e contou até dez. ela andava passando tempo demais olhando para Natalie. E para todos os outros. Não era nada divertido estar presa naqueles cômodos minúsculos de cimento com um garoto que não enxergava, outro que mal falava, uma louca por fitness, um ex-fazedor de burritos e alguém que parecia vencedor de um concurso de sósias daquele personagem de *A lenda do cavaleiro sem cabeça*. E eles estavam ficando doentes. Bastaria um deles pegar um resfriado para todos serem infectados. Apenas germes poderiam se dar bem num lugar como aquele.

— Ei, Nat, aproveite para pedir *tempura* — ela falou. — Com um pouco de raiz-forte para acompanhar. Vai ajudar a abrir nossas vias respiratórias.

Nellie estremeceu, sentindo uma onde repentina de dor. Nem fazer brincadeiras estava fácil. Tudo acima de seu pescoço doía cada vez que ela falava. Receber um tiro no ombro foi o pior acontecimento de seus 22 anos de vida. Seguido por perto pelos piores acontecimentos números 2 a 4: estar distante da culinária gourmet, ter aberto mão de seu iPod de uma hora para outra e ter de suportar Natalie Kabra.

Natalie olhou feio para Nellie.

— Você estava tentando fazer uma piada? — perguntou, jogando seus cabelos negros para um lado. — Da próxima vez me avise, para eu fingir uma risada. Se bem que fazer pouco-caso de alguém que salvou sua vida é uma tremenda falta de consideração. Ah, e por falar nisso, de nada!

Nellie não encontrou energia para responder. Sim, Natalie tinha extraído a bala de seu ombro, mas apenas depois de ter sido obrigada. Graças às suas sobrancelhas perfeitamente delineadas, ela era a refém com mais habilidade no manejo de pinças.

E, desde então, Natalie vinha soltando indiretas, mostrando que queria elogios.

— *Vamos lá, Alistair! Os 60 anos de idade de hoje são os 30 de antigamente! Ponha mais energia nisso!* — Reagan gritou. — *Vinte e seis... vinte e sete...*

— Aaaarh...

Alistair Oh desabou no chão. Seu uniforme de prisão, antes verde, estava cinza encardido. Ao lado dele, o magro e grisalho Fiske Cahill também se deixou cair.

— Sinto muito, mas nossos bíceps já não são o que foram um dia — Alistair explicou.

— Na realidade, os meus se parecem mais com betas — acrescentou Fiske. — Moles e pequenos.

Os braços de Ted também estavam tremendo, e Phoenix espirrou com força.

— *Reagad?* — ele falou, com voz de quem está com nariz entupido. — Acho que *jega* por hoje. *Esdamos* ficando resfriados. *Precisamos* descansar.

— Vamos descansar quando estivermos mortos, Wizard! — Como um relâmpago, Reagan rapidamente fez mais cinquenta abdominais, saltou para trás no ar e fez trinta flexões de braço, para então virar-se e acertar um chute que deixou uma marca na porta de metal. — Também estou em sentindo mal, e veja o que estou fazendo. E se Babe Ruth tivesse dito “preciso descansar?” Ou Michael Phelps? Ou Neil Armstrong? Vamos lá, pessoal!

— Estamos com fome — Natalie reclamou.

— E com sono — opinou Alistair.

— E de mau humor — disse Fiske.

— E espirrando — falou Phoenix.

— E feridos — contribuiu Nellie.

Reagan estava prestes a começar mais um discurso motivacional quando Ted levantou a mão. Nellie adorava Ted. Ele havia perdido a visão na explosão do Instituto Franklin, e depois disso ficara pensativo e quieto. Não exigia muita atenção, mas, quando os fazia, era por um bom motivo. Agora, estava sentado ereto.

— O que foi, cara? — Nellie cochichou.

Em vez de responder, Ted se agachou.

— Ombro a ombro — ele falou baixinho. — Fique bem pertinho. Abaixado assim.

Era uma ordem. Gemendo de dor, Nellie se deixou cair ao lado dele. Ela olhou para as câmeras no teto. Era evidente que Ted queria esconder alguma coisa.

Na poeira do chão do cativeiro, Ted rabiscou em letras minúsculas:

ELES ESTÃO DIRETAMENTE ACIMA DE NÓS.

— Sabemos disso — Nellie sussurrou.

QUERO DIZER QUE ESTÃO BEM PERTO. CONSIGO OUVI-LOS DANDO RISADA.

Um segundo depois, ele apagou as palavras.

Ótimo, Nellie pensou. Era uma informação nova. E informações novas eram sempre úteis.

Desde que perdera a visão, Ted desenvolvera um senso de audição impressionante. Ele já tinha ouvido vozes antes no cativeiro, mas nunca com tanta precisão. Nellie não tinha certeza de como isso os ajudaria, não ainda. Mas era para isso que você se tornava um Madrigal. Para fazer bom uso de informações. Ela já colocara isso em prática muitas vezes.

— Obrigada, cara — ela cochichou.

— Então eles vão conseguir me ouvir perfeitamente — Natalie falou, olhando para o alto. — *Um pedido para o pessoal da cozinha! Mandem mais shoyu!*

Nellie se levantou e tapou a boca de Natalie com sua mão não dolorida. Com um grito de surpresa, a menina tropeçou para trás e caiu.

— Você extraiu a minha bala, mas nem por isso vai nos sabotar — Nellie falou.

— Isto é uma agressão física! — Natalie berrou. — Vou falar com o meu advogado!

— Calma aí, Rambo — disse Reagan, puxando Nellie para um lado. — O treinamento em artes marciais só começa na semana que vem!

Nellie sentiu pontadas de dor percorrendo seu corpo inteiro. *Foi mal, garota!*

Ela não pretendia machucar Natalie. A sujeira, o espaço pequeno para tantas pessoas, a dor... tudo isso estava mexendo com ela. Seria apenas uma questão de tempo para os reféns começarem a perder sua humanidade.

Esforçando-se para ignorar a agonia, Nellie aproximou-se de Natalie, que choramingava.

— Me desculpe, Nat — ela disse. — Quando a gente sair daqui, convido você para um festival de sushi na minha casa, mas você tem que me prometer uma coisa, ok?

Natalie olhou para cima, desconfiada.

— O que é?

Nellie pôs um dedo sobre os lábios.

— Fazer silêncio.

Enxugando uma lágrima, Natalie concordou.

Natalie pegou a mãe de Ted e, usando o dedo indicador, "escreveu" na palma dele: "A que distância?".

Ted desenhou um sinal de mais e um 3 na palma dela.

Nellie sabia o que ele queria dizer: *um pouco mais de três metros*. Ela olhou a porta do elevador de comida. Estava fechada.

Os guardas usavam o pequeno elevador para mandar comida e roupa limpa. Até então, os Cahill não tinham ideia da distância que as coisas percorriam para chegar a eles.

Mas agora sabiam que estavam a poucos metros dos sequestradores que os atormentavam. Estavam logo ali, do outro lado de um teto fino, ligados por um elevador de comida. Um elevador no qual eles já tinham tentado pegar carona, sem sucesso.

Não, não é por um elevador de comida que os andares estão ligados.

Uma ideia de fuga começou a tomar forma na cabeça de Nellie. Enquanto cursava a escola de culinária, ela também fazia um curso de arte, o professor a ensinara que a arte não dizia respeito apenas aos objetos que você pinta; o espaço entre eles também é importante.

— Nada de segredos, por favor, Gomez — Reagan falou. — Somos um time.

Nellie pediu silêncio a Reagan e chamou todos para se aproximarem. Olhando cuidadosamente nos olhos de cada um, ela começou a formar palavras sem emitir nenhum som:

Reagan tentou o elevador de comida, mas não o poço do elevador.

* * *

Vesper Um sentiu novamente aquela coceira. Muito estranho.

Ao longo dos anos, ele tinha se treinado para não tocar a cicatriz. Não havia razão para fazê-lo. Wra a cicatriz de um ferimento antigo, totalmente curado. A vontade de coçar era puramente psicológica. Algo que era provocado em ocasiões raras; por exemplo, pela incompetência de seus inferiores.

Temos g, dissera a mensagem recebida de Vesper Seis. Nada mais.

Isso tinha sido quase um dia antes. E, desde então, nada.

Temos era uma palavra covarde, ele pensou. Especialmente quando ele esperava ler *matamos*.

O Guardião já deveria estar morto.

Se ele não estiver morto, alguém vai pagar por isso.

Vesper Um sorriu, pensando em todas as possibilidades agradáveis. A coceira desapareceu como num toque de mágica.

Capítulo 5

7h29min52s.

Atticus mal conseguia enxergar a tela. O suor escorria em seus olhos, perturbando sua visão, mas ele teve um bom vislumbre do conteúdo do pen-drive.

O que ele não tinha era a menor ideia do que deveria fazer.

— Dois minutos — falou Casper, levantando os olhos do joguinho de celular com que se entretinha.

Ou seja, 28 minutos de nada.

Os dedos de Atticus tamborilaram sobre as teclas, ali embaixo, o transmissor do bactericida era inútil. Mas aquele lugar devia ter alguma conexão com o mundo exterior. Os relógios eram ligados ao relógio atômico: isso significava que havia uma conexão com uma rede via satélite, com fios ou de algum outro jeito.

— Um minuto.

Atticus sentiu a respiração de Casper em seu ombro. Durante 29 minutos, ele não demonstrara curiosidade alguma, mas então passou o olhar atentamente a tela.

Atticus minimizou todas as janelas.

— Preciso de mais tempo!

— Quarenta segundos... — disse Cheyenne.

— Mais dez minutos! — Atticus gritou. — Por favor!

— O que você está escondendo? — Casper perguntou. — Deixe-ver o que está fazendo!

Não se apavore.

— Não posso mostrar — Atticus mentiu. — Ainda não.

— Ele está mentindo — Cheyenne disse. — Está tentando se conectar à rede.

— Ele não seria tão estúpido — disse Casper. — Se tivesse tentado, teria derrubado o sistema. Deixe-me ver!

— Vinte segundos...

Não se apavorar não estava funcionando.

Estou morto.

— Não sei nada! Falei a verdade!

Atticus viu os punhos de alguém batendo sobre o teclado. Levou um momento para perceber que eram os seus. Várias janelas se abriram e fecharam rapidamente no monitor, como morcegos soltos de uma toca. Atticus sentiu os braços sendo agarrados por trás.

— O tempo acabou — avisou Cheyenne.

— Ele não tem nada para mostrar — Casper respondeu.

— Tudo bem — falou Cheyenne. — Mate-o.

* * *

Nusret Kemal não se incomodava em conduzir um táxi. Os passageiros geralmente eram cordiais, e o trabalho, agradável. Mas, quando chegou ao setor de desembarque do aeroporto, suas mãos tremiam. Encostando no meio-fio, deixou o carro na fila de táxis. Deu uma gorjeta ao fiscal e correu para dentro para tomar um rápido café turco e comprar algumas balas. Ele precisava se acalmar.

A última corrida tinha sido bizarra demais para seu gosto. Um robusto casal americano com um sobrinho nervoso. Que família! O garoto não se parecia nada com eles e mal proferiu uma palavra. O tio e a tia... como é que alguém poderia ser tão mal-educado? Tinha sido uma corrida longa demais até as cavernas de Göreme. O casal gritara com o menino o tempo todo, como se ele fosse um escravo.

— Teve uma corrida ruim hoje, senhor Kemal? — indagou a mocinha de sorriso lindo atrás do balcão.

— Já tive melhores — ele respondeu educadamente.

Kemal já estava se acalmando. Quando saiu, foi em direção ao seu táxi, limpo, mas ligeiramente batido.

E viu seu carro saindo da fila com os pneus cantando.

Kemal deixou o café cair no chão.

— Ei! — gritou, correndo o mais rápido que suas cansadas pernas de 63 anos lhe permitiam. — Volte aqui!

Tarde demais. Seu carro, seu meio de vida, fora roubado! O que faria agora? Kemal pegou o celular.

Foi então que viu o envelope.

Estava jogado no meio-fio, onde seu carro estivera estacionado. Era grosso e estava fechado. Talvez rendesse alguma pista da identidade dos ladrões.

Ele rasgou o envelope com violência.

Algumas pessoas viram Kemal parado sobre a calçada, abrindo o envelope. Mais tarde, diriam que seu queixo quase caiu de espanto quando ele tirou de dentro um grosso maço de cédulas de dinheiro americano.

Capítulo 6

Atticus sentiu um golpe forte nas costas. Caiu e bateu com o maxilar na lateral da mesa.

— Mais forte, Casper — Cheyenne falou. — Ou será que eu mesma terei que fazer isso?

Casper passou pela frente da mesa. Estava segurando uma lanterna pesada, que tinha acabado de fazer contato com a cabeça de Atticus.

— Volto já. Não vá embora.

Ele entregou a lanterna a Cheyenne e abriu o armário de facas.

Atticus levantou-se de um salto. A tela brilhava com os dizeres:

Operação de sistemas abortando

Ativar backup? S/N

Faça alguma coisa. Qualquer coisa.

Atticus estendeu a mão e pressionou a tecla S.

A tela exibiu um fundo preto e duas linhas de texto:

Encerrando programas...

Uma hora para autodestruição

Atticus recuou em direção a uma porta fechada. *O que foi que eu fiz?*

Os dois Wyoming estavam avançando em sua direção. Casper brandia um punhal comprido.

— G-g-gente... — Atticus gaguejou. — O-olhem para a tela...

— A brincadeira acabou, geniozinho — Cheyenne disse. — E nem pense em correr para aquela porta. Está muito bem trancada.

Amo você, papai, Atticus pensou com tristeza. *Amo você, Jake. E você também, mamãe, onde quer que esteja*...

Um alarme tocou. O zumbido regular do sistema de repente emitiu um estridente aviso. E então...

BIP.

O zumbido silenciou. Ouviu-se um clique, e a sala ficou um breu.

— Que diabos...? — A voz de Cheyenne estava alta.

Atticus avançou com força e por sorte acertou um soco na barriga de Cheyenne. Os dois caíram ao chão. Atticus agarrou o braço dela e mordeu com força.

— AIIIIII! — ela gritou.

Atticus ouviu o baque da lanterna caindo ao chão, abaixou-se e a pegou.

Então correu para o fundo da sala. Onde estava a porta...?

— *Não o deixe fugir, Casper!* — Cheyenne gritou na escuridão.

Achei.

A porta abriu facilmente; o mecanismo eletrônico de travamento estava desativado. Tudo o que era eletrônico parecia estar desativado.

Atticus entrou correndo num corredor de pedra úmido e estreito e acendeu a lanterna. Bateu a cabeça numa estalactite e soltou um grito abafado.

Péssima ideia. Isso indicaria sua localização.

Ele acendeu a lanterna rapidamente para ter uma visão de onde estava. Então apagou-a e avançou correndo. Abaixado, mas sem deixar de correr. Cautela era importante, porém rapidez era crucial.

Casper e Cheyenne estavam atrás dele na sala, tropeçando no escuro, gritando, discutindo. Atticus ouviu um estrondo. Eles tinham derrubado alguma coisa grande.

Enquanto corria, torceu o tornozelo num degrau de pedra. Ele acendeu a luz novamente, apenas por um instante. À sua frente, uma bifurcação. Um corredor tinha de levar para fora, não podia simplesmente dar em lugar nenhum. O mais provável era que descrevesse um círculo e culminasse no caminho pelo qual o levaram para dentro. Atticus precisava orientar-se

mentalmente. Ele sempre tinha sido bom nisso. Jake dizia que ele era um GPS humano.

Esquerda. Não, direita.

Atticus correu pela trilha da direita, que levava a uma subida; depois encontrou outra bifurcação, e em seguida mais outra. Agora só o instinto o guiava.

— Ei, volte aqui! — A voz de Casper chegou a seus ouvidos.

— Você está indo para uma armadilha! — gritou Cheyenne.

Estão mentindo, Atticus disse a si mesmo. A que distância estavam? A julgar por suas vozes, a trinta metros, talvez. Perto.

Ele olhou por cima do ombro e trombou numa parede.

— Ai!

Sua voz ecoou nas pedras. Atticus estava diante de uma trifurcação. Ele parou. Não tinha a menor ideia de qual caminho seguir.

— Estamos ouvindo você! — Cheyenne o chamou.

— Prepare-se! Estamos chegando! — Casper provocou.

Atticus escolheu o caminho do meio e correu por ele o mais rapidamente que pôde.

O caminho descreveu uma curva de noventa graus e então acabou repentinamente uma parede sólida. Era um beco sem saída. Não havia nem mesmo um espaço pequeno onde pudesse se esconder.

Os passos dos Wyoming soavam altos. Eles estavam chegando perto. Atticus sentia o suor escorrendo por seu rosto. Suas roupas grudavam no corpo. A caverna era úmida e fria, e suas mãos estavam pegajosas. A lanterna escorregou, caindo no chão com um ruído surdo.

Atticus se encolheu. Parado, imóvel, olhou fixamente para abertura do corredor onde começava a trifurcação.

As lanternas dos irmãos Wyoming lançavam uma luz trêmula sobre o chão.

— Você ouviu isso? — Casper perguntou.

— São morcegos — respondeu Cheyenne.

Casper soltou um grito abafado, assustado.

— Você sabe que eu odeio morcegos!

— Morcegos, morcegos, morcegos, morcegos! — ela atormentou o irmão.

— Pare com isso! Não somos mais crianças! — Casper berrou.

— Por aqui, Coração Valente — falou Cheyenne.

A voz de Casper se afastou. Para a esquerda.

— Isso não é brincadeira. Você devia ter ficado de olho nele. O sistema captou um intruso e se desativou.

— Sistemas como este não se desativam, Casper — Cheyenne respondeu. — Eles se autodestroem. Morcegos são a

menor de nossas preocupações. Este lugar todo pode explodir, e isso, sim, deve ser nossa preocupação número 1.

Os passos se apressaram e se afastaram.

Explodir?

Atticus esperou, fazendo força para respirar. Sentiu uma lufada de ar fresco e inspirou com avidez. Quando não conseguiu ouvir mais passos, preparou-se para fugir.

Mas para onde? Estava claro que os Wyoming tinham ido pelo caminho correto, contudo não poderia simplesmente segui-los. Estariam esperando por ele.

Atticus olhou para baixo, tateou em busca da lanterna e abaixou-se para pegá-la. Quando sua mão tocou o metal, ele congelou. Tinha sentido uma brisa?

Não há brisas em cavernas. A não ser que...

Ele olhou para cima. Ao alto, conseguiu divisar uma fina linha cinzenta, como o fantasma de alguma lesma fosforescente entre as pedras.

Fuga é igual a brisa mais luz, ele pensou, e então modificou o cálculo.

Multiplicado por escalada impossível.

Teve uma visão repentina do rosto da mãe, séria e irritada, no dia em que ela o matriculou, contra a vontade dele, num curso de escalada no Centro Recreativo de Brigham. Atticus tinha medo de altura. Sua mãe lhe dissera que era para o seu bem... A

mesma coisa que dizia sobre comer aspargos e fazer tarefas domésticas.

Atticus prendeu a lanterna ao cinto e agarrou uma reentrância acima de sua cabeça na qual conseguiu se segurar. *Tenho que admitir que desta vez você tinha razão, mamãe*, ele pensou.

A parede rochosa era ligeiramente inclinada, o suficiente para que conseguisse subir por ela, encontrando pontos de apoio para os pés e as mãos. Usando músculos que não utilizava havia meses, ele subiu lentamente, gemendo, centímetro por centímetro. Depois de mais ou menos seis metros, chegou a uma plataforma.

Para conseguir alcançar a luz, teria que passar sobre uma saliência rochosa enorme e escorregadia acima da sua cabeça ou arrastar-se por baixo dela, passando por um túnel rochoso de uns 25 centímetros de altura.

Atticus se deitou e arrastou-se pela abertura. Mal havia espaço suficiente para seu corpo, e fiapos de camisa ficaram presos no chão rochoso. Na outra ponta, logo após a saída do túnel, havia uma borda estreita. Ele pegou uma pedra do tamanho da sua mão e a jogou no vazio. Não ouviu som algum.

Pôs-se em pé. Alguma luz penetrava lá de cima, passando por um buraco muito distante.

Um barulho surdo chegou aos seus ouvidos: o ruído de algo se chocando contra o chão, vindo de baixo, de muito longe. A pedra atirada tinha acabado de chegar ao fundo. *Quantos segundos levou*?

Atticus ficou branco. Não tinha coragem de pensar nisso.

Para chegar ao buraco no alto, ele teria que escalar um paredão quase vertical. Agarrou uma saliência, mas ela se desprendeu da pedra, e ele tropeçou para trás.

Seu calcanhar ficou preso na beirada. Ele balançou, girando os braços para tentar se reequilibrar. No último instante, jogou-se para a frente novamente e agarrou outra saliência, que ficou firme onde estava.

Seu coração tremia com tanta violência que ele temeu desalojar a pedra.

Não. Olhe. Para. Baixo.

Tentou mais uma vez, mantendo os olhos bem abertos. Tomou o cuidado de testar cada pedra saliente antes de deslocar-se. Muito devagar, foi subindo pelo paredão. A brisa vinda do alto o refrescava; à medida que subia, ela ficava mais cálida. O ventinho estava secando sua transpiração. Atticus já conseguia sentir o gosto da liberdade. Quando faltavam três metros, acelerou, afundando o pé num reentrância profunda.

Seu dedão encostou em alguma coisa que se mexeu. Um zumbido agudo rasgou o ar. Uma forma negra e minúscula

voejou. Batendo as asas com força, um morcego voou diretamente contra seu rosto.

— Aaaahhhhh! — Atticus gritou.

Puxou o pé para fora da reentrância. Sua mão esquerda se soltou, e ele ficou pendurado por uma mão, seu grito ecoando pela caverna. Os dedos da sua mão direita escorregaram...

Atticus olhou para baixo. O abismo assomava, enorme e escuro.

Desesperado, ele estendeu o braço esquerdo por cima da cabeça, voltando a fazer contato com o paredão.

Consegui.

Seus dedos agarraram uma saliência minúscula. Uma espinha rochosa.

O morcego voou para o alto, desaparecendo no buraco. Atticus deslocou o pé cuidadosamente para outra saliência. Esforçou-se para parar de tremer. Tremer não ajudava. Suas mãos estavam molhadas. Ele não conseguia sentir muito bem os pés. Olhou para baixo, para a escuridão, mas, em vez de enxergar o abismo, viu o rosto da mãe. *Primeiro um pé, depois o outro... É assim que você supera o medo.*

Ele esticou a mão esquerda, dolorida, para cima. E não encontrou nenhuma saliência.

Desta vez, sentiu terra. Afundando os dedos nela, içou-se para cima, puxou o corpo... e então estava rolando por uma encosta sobre capim úmido, perfumado.

O sol estava se pondo atrás de um morro. Ele ouviu o balido distante de ovelhas. Uma risada emergiu de dentro dele e praticamente explodiu pela sua boca, elevando-se até virar uma gargalhada plena de alegria, quase histérica.

Mas ela parou, de repente, quando uma mão vinda de trás tapou sua boca.

Capítulo 7

Jake ouviu os gritos, altos e claros.

Dan.

Correu em direção ao barulho. O terreno era repleto de elevações, e eles estavam separados por um pequeno morro. Ele nunca deveria ter deixado o garoto sair do alcance dos seus olhos.

Enquanto subia a encosta rochosa, tropeçou numa raiz e virou o tornozelo. Jake caiu com força, sentindo uma dor forte subir pela perna.

Esforçando-se para se levantar, pensou no quanto odiava Dan Cahill.

Se não fosse por Dan, nada daquilo teria acontecido. Atticus estaria em casa, contemplando-se em explorar lugares perigosos pela internet.

E não teria sido levado embora por sequestradores. Jake disparou pela elevação, sem ver a outra pessoa que se aproximava correndo pelo outro lado.

Eles bateram de frente no topo do morro, e Jake viu tudo desvanecer. Ele sentiu a queda e rolou pelo outro lado, com as pernas e os braços emaranhados com os de outra pessoa. Foi apenas quando chegaram à base da elevação que Jake viu quem era.

— *Atticus?*

— Jake?

Jake se sentou, boquiaberto. O sinal fraco vindo do aparelho de Att... A corrida até o aeroporto... O voo, e depois a viagem de táxi em alta velocidade... Tudo tinha sido tão rápido. Como em um sonho.

Mas era real. Era para valer. Atticus estava vivo.

Jake se inclinou para a frente, esquecendo-se da dor no tornozelo. Abraçou o irmãozinho com força, inspirando o cheiro familiar de Atticus, que conhecia tão bem: uma combinação de chiclete e pomada para acne.

— Você está bem?

Atticus se afastou e olhou para trás, agitado.

— Que horas são?

— Ahn? — foi só o que Jake conseguiu dizer.

— Que horas são, Jake? — Atticus gritou, frenético.

— Quase cinco e meia — Jake respondeu, sem entender. — Mas...

Atticus se levantou de um salto.

— Precisamos sair daqui já! Os Wyoming estão logo atrás de mim!

— Os quem? — Jake olhou rapidamente para trás. No alto de outra elevação, próximos a uma fazenda de ovelhas, Amy levantara Dan do chão. — Aqueles são Amy e Dan, Att!

Atticus pareceu decepcionado.

— Oh, não!

— Eles arrumaram um avião — Jake prosseguiu. — Se existem limites de velocidade em voos, nós os ultrapassamos. Depois pegamos um táxi. Quero dizer, literalmente *pegamos* um táxi...

Mas Atticus já estava correndo de volta, em direção a Dan e Amy.

— Vou buscá-los! — ele berrou. — Corra na outra direção, Jake, porque este lugar vai explodir!

* * *

A explosão fez Dan sair voando. Ele caiu sobre um ombro e rolou morro abaixo na grama.

Cuspiu terra e sentou. Quando a poeira baixou, viu pastores ao longe e ovelhas correndo freneticamente em várias direções. Mas Dan só conseguia ouvir algo parecido com uma campainha. Eram aquelas cenas sem som de filmes de catástrofe.

Amy!

Onde ela estava? Ele olhou em volta, semicerrando os olhos para protegê-los da poeira que começava a assentar.

Ali. Ela estava mais abaixo na encosta... Tonta e suja, mas sã e salva. Jake estava na base da colina seguinte, e parecia bem.

Atticus estava entre Jake e os Cahill, levantando-se do chão. Um instante antes ele havia jogado Dan ao chão, pensando que se tratava de um agressor. Agora, depois de ter visto Jake, percebera a verdade: ele fora resgatado.

Atticus abriu um sorriso enorme quando viu que Dan estava bem. Começou a correr na sua direção, com seus dreads esvoaçando ao vento, os joelhos batendo um no outro. Dan não pôde deixar de rir. Ele nunca tinha notado como as pernas de Atticus eram magricelas.

Enquanto Dan corria morro abaixo, sua audição voltou. Ele percebeu porque começou a ouvir os gritos de alegria de Atticus. Dan agarrou o melhor amigo, levantando-o do chão e girando-o num círculo.

— Pensei que você fosse Casper! — Atticus gritou.

— Eu deveria dar um tapa na sua cabeça por isso — Dan respondeu — mas estou feliz demais!

Logo, Jake estava abraçando os dois, e Amy também se uniu ao grupo pelo outro lado. Com um sorriso enorme no rosto, Jake estava quase irreconhecível.

Atticus se afastou e soltou outro grito de alegria.

— Não acredito que vocês receberam meu sinal! Eu enviei do banheiro do aeroporto de Praga.

— O sinal sumiu durante o percurso de lá até aqui — Dan contou. — Ficamos apavorados.

— Foi quando Casper tirou o sinalizador da lata de lixo do lado de fora e o levou para dentro da caverna — Atticus explicou. — Este lugar era um quartel-general dos Vesper. Eles estavam tentando arrancar informações de mim. Alguma coisa sobre ser Guardião. Eu fiquei fazendo hora, enrolando, fazendo de conta que precisava usar o computador deles. Acho que devo ter derrubado o sistema.

— Onde Cheyenne e Casper estão? — Amy indagou.

— Vocês não os viram sair? — Atticus olhou de volta para os escombros. — Pensei que tivessem saído antes de mim.

— Não — disse Jake.

Amy olhou para os escombros, chocada.

— Eles não podem ter sobrevivido a isso.

— Eu... eu os *matei*? — Atticus perguntou.

— Ahã! — Dan comemorou, levantando a mão para fazer um “toca aqui”. — Já foram tarde!

Chocada, Amy lançou um olhar de desaprovação ao irmão.

— Dan!

Ele deu de ombros.

— Foi autodefesa. Casper e Cheyenne estavam planejando matar Atticus. Você se lembra da mensagem de texto de Vesper Um?

Idiota! Não sabe ficar de boca fechada? Dan desejou poder desdizer o que tinha dito.

— Que mensagem? — Jake quis saber.

— Nada.

Olhando Jake nos olhos, Amy explicou:

— Deveríamos ter contado. Vesper Um nos escreveu. Descobriu que estávamos escondendo um segredo. Foi por isso que mandou sequestrar Atticus. Ele escreveu: “Seu castigo desta vez: menos um Guardião”

Jake estava atônito. Seu rosto ficou vermelho.

— *Então isto aqui foi uma tentativa de assassinato contra meu irmão?*

— Mas foi Atticus quem assassinou os dois! — Dan interveio.

— Não foi assassinato! — Atticus disse baixinho.

Dan voltou-se para o melhor amigo.

— Cara, não se preocupe com isso. Eles são Vesper. Não têm sentimento.

— Às vezes, parece que os Cahill também não têm — Jake falou cheio de ressentimento. Ele puxou Atticus para longe de Dan e começou a descer o morro. — Vamos sair daqui. O carro está atrás do depósito.

Enquanto os outros se afastavam correndo, Dan se deixou ficar para trás.

Ele tentou sentir alguma compaixão por Cheyenne e Casper. Procurou na alma o mais fundo que pôde. Mas não encontrou nada. Nenhum sentimento, nada.

Cara, isso é muita frieza. Eles eram seres humanos de carne e osso!

Dan tinha sentindo muita dor quando presenciou a morte de Lester na Jamaica dois anos antes. Ele mal conhecia o sujeito, mas o horror daquilo ainda o perseguia. Na época em que Grace morreu, ele passou três noites sem conseguir dormir. E nem pensar em assistir a *Bambi* quando era criança. A morte era horrível. Para qualquer pessoa, mesmo para os bandidos.

Sentir empatia pelos outros era humano. Apenas psicopatas não possuíam essa capacidade. *Serial killers.* Os Vesper.

Dan estremeceu. Talvez ele também fosse assim, bem no fundo.

Tal pai, tal filho.

Enquanto caminhava, seu tornozelo roçou uma planta áspera, e ele se afastou. Puxou um botão de flor amarelo, redondo e fechado. Dan reconheceu a planta imediatamente.

Absinto. Rapidamente, quebrou um ramo e guardou na mochila.

Ingrediente número 14 do soro. Era como uma resposta. Um sinal. Com o soro, tudo faria sentido.

— Rápido, Dan! — Amy o chamou.

Os outros já estavam na base da colina. Dan correu para alcançá-los. Todos deram a volta no depósito e correram até o táxi azul, estacionado na sombra. O carro roubado estava coberto de

poeira e tinha fiapos de palha presos nos limpadores de para-brisa. Jake procurou no bolso, tirou a chave e apontou o controle remoto infravermelho para o carro.

No momento em que o controle apitou, duas figuras se levantaram do outro lado do veículo. Uma delas trazia um telefone celular na mão; a outra, um revólver.

— Sim, Vesper Um — disse Cheyenne ao telefone. — Estamos com eles aqui.

Capítulo 8

Para pessoas mortas, os irmãos Wyoming estavam sorridentes demais.

Amy esgueirou-se para perto de Dan. A fúria dos gêmeos irradiava como lixo nuclear. Estavam cobertos de fuligem, mas seus olhos brilhavam de ódio. O dedo de Casper sobre o gatilho estava rígido e branco.

Ele vai atirar.

O rosto de Atticus revelava a sua perplexidade.

— P-pensamos que vocês tinham sido detonados!

— Ficamos arrasados — responde Cheyenne, guardando o telefone no bolso. — A grosseria e a frieza de garotos de 11 anos podem ser devastadoras. Mas nós superamos.

— Eu não fiz de propósito! — Atticus falou sem querer.

Amy mal conseguia acreditar no que estava ouvindo.

— Quem é que *você* está acusando de frieza?

Casper apontou a arma para ela.

— Garotinha, creio que você está realizando uma tarefa para Vesper Um. Nós também estamos. Então por que você não cuida da sua tarefa enquanto nós cuidamos da nossa?

Ele voltou a apontar a arma para o rosto de Atticus.

Jake agarrou o irmão e o empurrou para trás do seu corpo.

— Você vai ter que passar por mim primeiro.

— Comovente — Cheyenne comentou. — Quando fizerem um filme sobre esta história, vou comprar lencinhos para o caso de eu chorar.

— Estávamos discutindo se vocês são ou não humanos — disse Jake, olhando nos olhos de Casper, sem pestanejar. — Acho que acabei de mudar de ideia.

— Não os provoque, Jake — Amy suplicou.

— Não me diga o que fazer! — ele retrucou.

— É um conselho sábio — Casper concordou. — Sabe de uma coisa? Cheyenne e eu também estávamos discutindo. Sobre se precisávamos ou não de balas que perfuram armadura blindada. E eu ganhei.

A voz de Jake estava baixa e calma.

— Ele não vai fazer isso. Não tão de perto assim. Nenhum ser humano vai atirar em dois irmãos que estão olhando nos olhos dele.

Amy lutou para afastar pânico cego. Jake estava desesperado, tentando ganhar tempo, criar algum tipo de impasse. Estava chamando a atenção de Casper para ele, apenas ele.

Não era loucura. Era uma atitude inacreditavelmente corajosa.

Nós deixamos Jake na mão. Dissemos a ele que os Cahill são capazes. Sobreviventes. Estrategistas. E agora precisamos provar que tudo isso é verdade.

O telefone de Cheyenne tocou de repente. Pelo pânico que se estampou no rosto dela, Amy sabia quem estava ligando.

— Atire nele, Casper! — Cheyenne berrou.

Agora?

Amy avançou veloz. Arrebatou o telefone antes de Cheyenne conseguir gritar. Casper virou a arma e a apontou para a testa de Amy. Jake ficou rígido, preparado para atacar.

Amy se abaixou, apertando o telefone contra a boca.

— *Se Casper me matar, você nunca vai receber o que me pediu!*

Casper congelou.

Uma respiração suave e controlada era escutada do outro lado da linha. Amy ficou arrepiada. Estava falando com *ele.* Com Vesper Um em pessoa. Podia ouvir sua respiração.

Suas mãos mal conseguiam segurar o telefone.

— Seu quartel-general foi d-d-d-d...

Pare com isso.

— Destruído! — ela conseguiu falar. — E Atticus, o Guardião, está vivo. Se vocês arrancarem um fio sequer de cabelo dele e se não deixarem nós quatro sairmos daqui livres, não vamos dizer o

que encontramos no texto de Marco Polo: o próximo local! Ou você aceita este acordo ou perde tudo!

Amy soltou o ar com força.

Casper e Cheyenne arregalaram os olhos. Pela primeira vez na vida, estavam sem palavras.

* * *

Impressionante.

Vesper Um descansou os pés sobre uma mesa de carvalho polido. Que novidade interessante.

Ele era obrigado a admitir: ficara surpreso ao saber que Amy estava no comando da família. Ela nunca lhe parecera o tipo. Tinha pensado que ela facilitaria seu trabalho.

Mas era tão esperta quanto o irmão. Inteligente. Forte.

Aquilo seria mais divertido do que ele tinha previsto.

Vesper Um fechou os olhos e deixou a garota sem resposta. O silêncio era uma arma potente.

Tinha sido um período difícil. O sequestro que deu errado. O disparo em Gomez. A questão de McIntyre. E agora isto. O Guardião estava vivo, a Estação Göreme estava destruída e Vesper Seis tinha falhado. Seis acontecimentos desagradáveis.

Além disso, os Cahill estavam ocultando um local. E tinham acabado de lhe dar um ultimato.

Em silêncio, ele encerrou a ligação. E sorriu.

* * *

Amy ouviu um clique do outro lado da linha; seu sangue pareceu congelar.

— Ele... desligou.

Cheyenne agarrou o telefone de volta.

— Alguém tomou comprimidos de coragem hoje.

— Tomou com suco de estupidez — Casper acrescentou, engatilhando a arma.

Mas o celular de Cheyenne bipou antes que ela o guardasse no bolso. Com o rosto pálido, ela mostrou uma mensagem de texto a Amy.

— É para você.

Amy leu a mensagem, atônita.

Você ganhou. O garoto fica em liberdade.

Ela precisou reler o texto três vezes até se dar conta do que dizia.

— Conseguimos — murmurou. — Passamos a perna no Vesper Um!

Mais palavras, porém estavam aparecendo na tela:

Uma mão lava a outra. O meu acordo é o seguinte, válido por tempo limitado:

1. Você opta por não me dizer qual é o próximo local.

2. Você vai para lá sem instruções sobre o que procurar.

3. Eu mato todos os reféns.

Amy leu o texto em voz alta, devagar, e Casper e Cheyenne sorriram.

— E agora, gênio? — Dan indagou.

Amy respirou fundo.

— Ele está blefando. Cheyenne, envie esta mensagem: “Encoste um dedo em um dos reféns, e Dan e Amy Cahill somem”.

— Amy! — Dan gritou.

— Bom, vocês é que vão sair perdendo — disse Cheyenne, cuidadosamente digitando a resposta. — Divirtam-se com o banho de sangue.

Amy lutou contra a pontada terrível de dúvida: Nellie, pálida e fraca, com o ombro ferido... Phoenix Wizard, parecendo tão vulnerável e inocente...

Não! Ele precisa de nós! Estamos com uma vantagem.

Se havia uma coisa que Amy tinha aprendido nos últimos dois anos era aproveitar suas vantagens. Selecionar as brigas que

valiam a pena. Os Cahill reconheciam a perspicácia dela. E a aceitaram como líder.

E uma líder tinha uma responsabilidade: liderar.

Ela ignorou o olhar confuso de Dan e a tremedeira de Atticus.

Num instante, uma mensagem apareceu no telefone de Cheyenne:

Justo. Os reféns vão viver. Por enquanto. Os Wyoming devem se afastar do carro. Os Cahill têm 15 segundos para informar o local.

Amy quase desmaiou de alívio.

Jake empurrou Casper para o lado e abriu a porta do motorista.

— Eu estava pensando, Cheyenne e Casper. Por acaso vocês têm outro irmão com nome de cidade do estado de Wyoming, tipo Jackson Hole?

Como resposta, Casper pressionou a arma contra a testa de Jake.

— Jake! — Amy berrou.

— Ouvimos essa piadinha o tempo todo — Cheyenne falou.

Casper soltou uma risada.

— Você deve pensar que somos idiotas, que decepcionamos Vesper Um e já estamos praticamente mortos. Acha mesmo que nos interessa o que vai acontecer com vocês?

— Que... AAAAI! — De repente, Atticus saiu de trás de Jake e começou a pular, mexendo freneticamente no próprio cabelo. — Tire-os daqui!

— O que é? — perguntou Dan, correndo até o amigo. — O que aconteceu?

— Morcegos! — Atticus soltou um grito lancinante. — Estão no meu cabelo!

— Onde? — Casper recuou, seus olhos de repente cheios de pavor. Deu uma cotovelada na irmã com força, desequilibrando-a. — Cheyenne, não deixe que os morcegos cheguem perto de mim!

Jake deu um soco na barriga de Casper. Amy acertou um chute em Cheyenne, afastando-a do carro. Quando a mão de Casper se estendeu para esmurrar Jake, Amy a pegou e mordeu com força. Casper soltou um urro de dor.

O revólver caiu. Amy o pegou antes que chegasse ao chão e o apontou para Casper.

— Este carro agora é território livre de Vesper — ela falou. — Mexam-se.

— Casper — Cheyenne resmungou. — Você é um idiota.

Com os rostos retorcidos de dor, os Wyoming se afastaram. Jake sentou-se no lugar do motorista. Mantendo o revólver apontado para Casper, Amy se acomodou no banco do passageiro; depois foi a vez de Atticus e Dan entrarem no carro. Mas, quando Jake deu partida, o telefone de Cheyenne soou novamente.

— Leia — mandou Amy.

Cheyenne empurrou a tela na direção dela:

Local?

Amy digitou a resposta com uma mão:

Samarcanda, Uzbequistão

— Você disse a verdade — Dan sussurrou.

— Era o combinado — Amy soltou o ar. — Não queremos que ele nos pegue mentindo.

Enquanto Jake acelerava o motor, outra mensagem começou a aparecer, em partes:

Parabéns! Mas, para que não fique muito fácil, vamos bagunçar as coisas um pouco. Próxima tarefa de vocês: encontrem um

orbis latao para mim. Vocês têm quatro dias inteiros. Se não, digam adeus a um Cahill.

Vocês escolhem qual.

Se não receber a resposta em trinta segundos, eu mesmo escolho.

Jake desligou o carro.

— Ele não pode estar falando sério.

O sangue de Amy gelou.

— Não podemos escolher alguém para ser morto!

Dan esmurrou o descanso para os braços.

— Nunca conseguimos nos equiparar a ele. Nunca conseguimos passar a perna nele. A cada contato, ele piora tudo!

Vocês têm 15 segundos...

A mente de Amy estava paralisada. Escolher um nome seria impossível! Dar a Vesper Um o direito de escolher era ainda pior.

Cinco segundos.

Antes de Amy conseguir decidir, Dan agarrou o telefone e digitou duas palavras. Amy as viu por apenas uma fração de segundo antes de seu irmão apertar ENVIAR:

Alistair Oh.

Capítulo 9

Três pares de olhos se fixaram em Dan. Como faróis de carros que se aproximam. Atticus estava boquiaberto.

Os dedos de Dan estavam rígidos sobre o teclado. Sua sensação era de que estavam pegando fogo. Como se outra pessoa tivesse tomado conta de seu cérebro e pressionado as teclas.

O que eu acabei de fazer?

Amy se forçou a falar:

— Como você pôde fazer isso?

— Alistair... Ele é a escolha lógica... — Dan procurou a explicação racional na sua cabeça. — Os outros... Nellie, Ted, Phoenix, Natalie... Eles são jovens. Eles têm mais anos pela frente. E Fiske é nosso tio, irmão de Grace...

— Não acredito que isso esteja vindo da sua boca — falou Amy com a voz rouca. — Você está medindo o valor de vidas. Isso não é algo que se possa fazer!

O telefone de Cheyenne, ainda nas mãos de Dan, soou novamente.

O velho saberá quem o escolheu para esta honra. Deixo vocês com sua busca. A contagem regressiva começa agora. Quatro dias.

Na verdade, 3 dias, 23 horas, 59 minutos.

Jake engatou a marcha do carro e Dan jogou o telefone de volta para Cheyenne.

— Vocês não podem simplesmente nos deixar aqui! — Casper protestou.

Atticus deu de ombros.

— Como não?

E foram embora com os pneus cantando.

Dan olhou fixamente pela janela aberta, enquanto os gritos de protesto dos irmãos Wyoming ficava mais e mais distantes. A brisa era quente e fedia a explosivos. Era o hálito do diabo.

Quatro dias. Noventa e seis horas.

Era só isso que se interpunha entre uma tarefa impossível num país distante e a estreia de Dan no papel de assassino.

* * *

A chuva caía oleosa sobre a pele de Jake. Ele fechou a janela, ao longe, nuvens pesadas pairavam sobre os picos das montanhas. Em meio a um chiado de estática, a rádio tocava alguma canção que soava como choro de gatos estrangulados.

Dan e Atticus dormiam no banco de trás. Amy, no banco do passageiro, estava quase em coma.

Jake sabia que ela o odiava. Tudo bem. Ele jamais poderia perdoá-la pelas coisas que tinha feito, como ter demorado tanto

para falar do perigo que Atticus corria ou arrastá-lo para a teia suja de roubos internacionais e tentativas de assassinatos Cahill.

Que espécie de família escolhe um de seus membros para morrer? Que espécie de família atrai um garoto inocente e faz dele alvo de matadores?

Com o tanto de dinheiro que eles tinham, seria de pensar que poderiam pagar por um pouco de proteção. E de paz.

Jake desligou o rádio de repente.

— Ei, Amy, posso fazer uma pergunta? De onde vem seu dinheiro?

— Como assim? — Amy respondeu.

— Por exemplo, o avião particular: você simplesmente fez uma ligação, e o jato estava à nossa espera — Jake explicou. — E aquela grana toda que você deixou para o taxista quando pegamos este carro seria suficiente para comprar uma frota inteira de táxis. De onde vem esse dinheiro?

Amy suspirou. Ela queria tanto lhe contar a verdade, mas já tinha revelado demais aos Rosenbloom.

— De um concurso — ela disse com simplicidade.

— Loteria? — Jake queria saber mais.

— Não exatamente — Amy respondeu. — Nossa avó, Grace Cahill, deixou 1 milhão de dólares para cada descendente. Ou isso, ou as pessoas poderiam abrir mão do dinheiro e participar de uma busca por 39 pistas que levariam a um segredo. Os diferentes clãs da família vinham procurando as pistas havia séculos,

combatendo e matando uns aos outros. Por alguma razão, ela achou que Dan e eu conseguiríamos unir a família.

— Porque vocês são Madrigal? — Atticus indagou do banco de trás com a voz atordoada depois da soneca.

Amy concordou com a cabeça.

— Era a única maneira de recompor o segredo.

— Então, qual era o segredo? — Jake perguntou.

— Foi destruído, Jake — Amy disse. — Portanto, não vem ao caso.

— Quando minha madrasta morreu — Jake comentou — ela disse a Att que eles eram Guardiões. Também disse que ela “precisava de Grace”. Por quê? Era isso que ela estava protegendo dos Vesper, o segredo das pistas?

Amy sacudiu a cabeça.

— Não sei.

Jake estava ficando mais e mais irritado. Ele tentou juntar as peças, mas só conseguia enxergar uma coisa: Atticus preso em uma caverna com aqueles dois maníacos loiros. E se ele ainda estivesse lá dentro quando o lugar explodiu?

— Quanto tempo ele tem? — Jake preguntou.

Amy inclinou a cabeça num gesto de interrogação.

— O quê?

Jake pisou fundo nos freios. O carro derrapou. Um motorista buzinou. Jake puxou a direção com força para não bater na cerca de segurança. Parando no acostamento, voltou-se para Amy.

— O que vocês vão fazer pelo meu irmão?

Amy parecia assustada.

— Como assim?

— Vocês vão embarcar para Samarcanda — Jake disse. — Vocês têm um tio com quem se preocupar e algum segredo maluco para decifrar. Mas os Vesper querem matar meu irmão. O que vocês vão fazer por ele?

— E-eu... — Amy gaguejou. Respirando fundo, olhou pela janela. — Jake, você e Atticus vão para Roma. Não vamos estar por perto, mas faço questão de que Attleboro fique de olho em vocês. Eles têm uma cobertura incrível, agentes dos Cahill em todos os países...

Jake jogou a cabeça para trás e gargalhou. Era um insulto.

— Estou vendo o que Attleboro fez até agora. A miss, o engomadinho e o nerd.

— Não fale deles desse jeito! — Amy se irritou.

Jake inclinou-se na direção dela.

— Então não venha me falar em proteção virtual. Não vai funcionar.

— O que você sugere? — Dan perguntou.

— Não é uma sugestão, é uma exigência — Jake se voltou para a frente e engatou a marcha. Meu irmão e eu vamos com vocês.

* * *

Numa sala sem decoração alguma, um homem e uma mulher vestidos de branco desviaram os olhos das palavras cruzadas com que se entretinham.

O monitor de alerta estava vermelho. Instruções estavam prestes a chegar. A maioria dos alertas era azul: coisas corriqueiras, comida e materiais. Corte de custos.

O código laranja era mais difícil. Trabalho sujo, como atirar no ombro da garota.

Nenhum dos dois estava esperando um código vermelho.

Eles tinham feito apostas sobre quem matariam primeiro. O homem tinha apostado um valor alto no senhor mais velho que havia chegado vestido de preto. A mulher previa que seria a irritante garota atleta.

Eles se inclinaram para a frente, atentos para o nome que apareceu na tela.

— Nós dois perdemos — comentou o homem com um toque de tristeza.

Eles tinham aprendido a gostar do asiático que andava apoiado em um bengala.

Capítulo 10

Devido a precauções adicionais de segurança, voos fretados particulares partindo do aeroporto de Kayseri Erkilet são restritos a proprietários de contas. Quaisquer outras reservas devem ser feitas pessoalmente.

Dan encerrou a ligação ao sair do táxi. Fazia uma hora que estava tentando reservar um voo para quatro pessoas.

Ele queria que fosse para três. Ter Atticus com eles seria o máximo. Mas Jake, nem tanto.

— Vou falar com Sinead — disse Amy. — Ela vai descobrir um jeito.

Atticus sorriu, olhando para o aeroporto.

— Ir a Samarcanda vai ser demais. É a cidade mais antiga da Ásia central. O nome significa “forte das pedras”, “cidade das rochas” ou ainda “ponto de encontro”. Ninguém sabe ao certo. Mas ficava bem no meio da Rota da Seda, pela qual produtos eram transportados entre a China e o Mediterrâneo... Era o tipo uma central de roubos, intrigas, derramamento de sangue. Genghis Khan ficou doido ali e detonou o lugar. Bem, na realidade não detonou; ele decapitou pessoas, destripou todo mundo, pôs fogo em cabanas e espalhou entranhas por toda parte.

Dan se animou. Quando Amy relatava fatos históricos, ele ficava com sono. Mas Atticus fazia as histórias parecem interessantes.

— Pode ser que a gente acabe viajando pela Rota da Seda — Dan falou, dirigindo-se à entrada. — Não estou conseguindo um voo.

— O que é isso? — perguntou Amy, que estava atrás deles.

— Falei que não estou conseguindo um voo — Dan repetiu. — Estão exigindo que a gente faça a reserva pessoalmente.

— Não, eu quis dizer o que é isso que está saindo de sua mochila? — Amy quis saber. — Esse galho?

Dan puxou a mochila para frente. O ramo de absinto tinha saído por uma abertura no zíper.

Ele o empurrou para dentro outra vez, torcendo para que Amy não reconhecesse a planta.

— Deve ter ficado preso aí quando caí, depois da explosão.

— Lamento atrapalhar a diversão — Jake os interrompeu — mas será que não deveríamos entrar na fila?

— Sinead diz que a Interpol está vigiando todos os voos que partem da Turquia — Amy explicou. — Não podemos arriscar. Segundo ela, Dan e eu vamos precisar de disfarces e documentos falsos.

Dan subiu na calçada e parou.

— Quanto tempo vai levar?

— Amanhã de manhã — Amy respondeu, dando um suspiro.

— Amanhã? — Dan repetiu.

O estrondo de um motor soou à sua esquerda, e uma motocicleta Harley-Davidson com adesivos de chamas subiu na calçada.

Um grupinho de pessoas se dispersou.

— Como se diz “seu imbecil” em turco? — Jake quis saber.

— Erasmus! — Dan falou alto, em tom de alívio.

Jake elevou o punho, enraivecido, e gritou também:

— *Erasmus!*

O condutor da moto tirou o capacete e os óculos, e os cabelos escuros e cacheados caíram sobre a gola da jaqueta de couro preta. O sol tinha criado um desenho de luz e sombra em seu rosto.

— Às ordens! — ele falou.

— Espere aí! — Jake estava confuso. — Erasmus é o *nome* dele?

Imediatamente, guardas do aeroporto cercaram o robusto agente dos Cahill. Ele respondeu com a sua voz profunda e firme, falando na língua dos guardas, que se afastaram.

Dan o observava impressionado.

— Não sabia que você falava *turquês*.

— Eu falo turco — os cantos da boca de Erasmus se levantaram ligeiramente. Seus olhos escuros pareciam dançar. — Meu sobrenome é Yilmaz, originário de Istambul.

— Sinead falou que você tinha desaparecido! — Amy exclamou. — Por onde esteve?

O sorriso desapareceu.

— Precisamos conversar. A sós.

Dan olhou para Atticus, sem jeito.

— Vocês nos dão um minuto, caras?

— Você quase atropelou o meu irmão — Jake falou, olhando feio para Erasmus. — E é assim que pede desculpas?

— Sinto muitíssimo — Erasmus respondeu.

— Vamos, Att — Jake resmungou. — Vamos procurar algo para comer.

Quando eles se viraram para ir, Erasmus rapidamente estacionou a moto no meio-fio. Amy andou ao lado dele, fazendo um relato do que tinha acontecido. Quando falou de Atticus e Jake, Erasmus parou.

— O que foi que você disse? O irmão menor é um *o quê?*

— Um Guardião — Dan falou. — A mãe dele também era. Ela conhecia Grace. Você sabe o que significa tudo isso?

Erasmus expirou profundamente.

— Receio que nossa tarefa com os Vesper esteja gerando mais perguntas que respostas.

Ele apontou com seriedade para um banco de cimento à sombra de uma coluna suja de fuligem.

— Por favor, sentem-se.

Dan sentiu uma onda de medo. Normalmente Erasmus era impávido, cheio de força e confiança. Mas algo na sua expressão estava estranho. Nada óbvio... apenas um pouco de incerteza no olhar, na postura. Seu rosto parecia magro e abatido, como se ele tivesse envelhecido cinco anos.

— Normalmente eu sou bom com as palavras, mas agora elas me faltaram.

— Tente — pediu Dan, esforçando-se para não pensar nas terríveis possibilidades. — Por favor.

Erasmus enxugou a testa bronzeada com a manga da camisa. Sua voz estava hesitante e parecia vir de longe.

— Eu estava num hotel em Roma. Não esperava que a porta estivesse aberta. Alguém tinha chegado antes de mim. Quando entrei no quarto... McIntyre já estava...

A tristeza em seus olhos dispensava a última palavra.

— Não! — O rosto de Amy perdeu a cor. — Não tem graça nenhuma, Erasmus. *Diga que isso é algum tipo de brincadeira!*

— Sinto muito, crianças — Erasmus falou. — Mas ele se foi.

Alguns papéis de bala trazidos pelo vento dançaram em volta dos tornozelos de Dan. Ele ficou aliviado por estar sentado, porque achou que suas pernas não o teriam sustentado. Ouviu

um gemido estrangulado e levou um momento para se dar conta de que o som tinha saído de sua própria boca.

McIntyre...

Era impossível.

McIntyre tinha *sido* a caça às 39 pistas. Fora ele quem a pusera em andamento. Ele velara por Dan e Amy em segredo... inclusive depois da busca. Tinha sido como um pai, ensinando-os a remar numa canoa e a preencher um talão de cheques. Ele levava Amy e Dan à ópera e nem ficava bravo se eles cochilavam. Tinham torcido juntos em partidas do Red Sox e do New England Patriots. Como crianças normais.

— Ele pediu que o chamássemos de Mac... — Dan falou baixinho.

O velho advogado era tão formal. Por mais que tentassem, só conseguiram chamá-lo de senhor McIntyre.

Dan queria poder mudar isso agora. Queria poder ter McIntyre de volta, além de todas as pessoas que tanto fizeram por ele... A mãe, Grace, Irina, Lester. Todos estavam mortos. E os únicos que restavam eram Amy e...

Papai.

De repente, aqueles rostos sumiram da mente de Dan, substituídos por duas palavras radicais. Palavras que pareciam ter sido marcadas em seu cérebro com ferro quente.

Suspendam julgamento.

Era a súplica de AJT, pedindo compreensão. Pedindo perdão.

Até aquele momento, Dan não tinha entendido o significado delas. O que ele deveria perdoar? Agora estava claro. A mensagem chegaria bem na hora em que Erasmus deveria ter encontrado o corpo.

Ele está me pedindo que o perdoe pelo assassinato de Willian McIntyre.

Que espécie de monstro ele era?

Perdoar isso? E depois mais o quê? E quem seria o próximo a morrer?

Os outros reféns. Erasmus, talvez. Amy. Até não sobrar mais ninguém. Só eu.

Eu e você, AJT. É esse o plano? Só nós dois?

Nesse caso, um de nós fará bem em tomar cuidado.

Dan tirou o telefone do bolso e acessou as mensagens de texto.

— Dan? — Amy perguntou, hesitante. — O que está fazendo?

— Estou dando adeus a um fantasma.

A mensagem brilhava na tela diante dele... Palavras que ele já tinha lido pelo menos mil vezes. Com um gesto firme, Dan pressionou DELETAR.

Os olhos de Amy estavam cheios de lágrimas.

— Bem-vindo de volta, Dan — ela disse.

Mas, quando a irmã deitou a cabeça no seu ombro, Dan não sentiu nada.

* * *

Amy abraçou o irmão com força. Sem McIntyre ao lado deles, era como se tivessem perdido a cola que os mantinham unidos. Dan balançava para frente e para trás, com a expressão dura e fechada. Erasmus, ao lado deles, apoiava a cabeça com as mãos.

— Vocês estão bem? — A voz de Atticus os chamou.

Ele e Jake se aproximaram com bandejas de café, chocolate quente e saquinhos de nozes, uvas-passas, bombons e batatinhas fritas.

— Espero que seja fome — Jake falou.

— McIntyre está morto — disse Dan com voz destituída de expressão.

Jake quase derrubou a badeja. Atticus segurou o braço do irmão, e os dois se apertaram para acomodar-se no banco.

— O que aconteceu?

Erasmus olhou para cima, curioso.

— Você o conhecia?

— Desde que eu era pequeno — Atticus respondeu. — Ele era o advogado da nossa família.

— Eu não fazia ideia — Erasmus abaixou a cabeça. — Sinto muito ser o portador de uma notícia tão terrível. E prometo que não descasarei enquanto não localizar o assassino.

Jake parecia confuso.

— Por que alguém ia querer matar McIntyre?

— Essa informação, infelizmente, é altamente confidencial — Erasmus olhou de relance para Amy. — Para lhe dizer isso, eu precisaria de autorização... do mais alto escalão.

Amy sentiu os olhos sobre ela. A ideia de que ela pudesse ser o mais alto escalão parecia tão ridícula. McIntyre tinha morrido sob sua liderança. Que beleza de líder.

McIntyre sempre confiara nela. Toda vez que Amy era tomada por dúvidas, ele dizia: *Não há outra escolha. Você nasceu para esse papel, Amy.*

Bem, McIntyre se equivocara. Ela tinha falhado com ele. O mais alto escalão da família Cahill estava vazio.

Amy deu de ombros.

— Atticus e Jake estão tão comprometidos nisso tudo quanto nós. Pode contar a eles.

Erasmus pôs a mão no bolso da jaqueta e tirou duas folhas de papel amassadas.

— Momentos antes de ser atacado, McIntyre estava examinando arquivos. Ele tinha conseguido uma lista ultrassecreta dos Vesper. Quando pressentiu que alguém se

aproximava, ele a escondeu. Tentou resistir, mas infelizmente o assassino foi rápido e feroz. No entanto, ao morrer, McIntyre virou o corpo de um jeito estranho. Estava apontando para o lugar onde escondera os papéis: seus sapatos. O agressor não pensou em olhar lá.

Katmandu	*Serra de Córdoba*
Pompeia	*Délhi*
Oakland	*Araucanía*
Tonga	*Manila*
Kodiak	*Istambul*
Quito	*Nyanyanu*

— Ainda não sabemos o que isso quer dizer — Erasmus acrescentou.

Amy ficou estupefata. A lista não fazia sentido. Não havia padrões geográficos, nem códigos evidentes. Apenas um nome tinha significado pra ela.

— Pompeia... — ela ponderou. — Depois da erupção do monte Vesúvio, em 79 d.C., a cidade foi coberta por cinzas e rochas vulcânicas. Grace escreveu sobre Pompeia em suas anotações. Descreveu a erupção como o primeiro teste.

— E o que isso quer dizer? — Erasmus indagou.

— Não sei — murmurou Amy.

— Então vá para lá. Pesquise um pouco — Jake aconselhou.

— Posso ajudá-la a reservar um avião — Erasmus sugeriu. — Tenho parentes que trabalham em hotéis, transportes...

Dan empalideceu.

— Não podemos, Erasmus. Precisamos ir a Samarcanda, senão tio Alistair vai morrer.

— Jake e eu podemos ir — Atticus sugeriu.

— Só passando por cima do meu cadáver! — Jake respondeu.

— Você não manda nele! — Dan se irritou.

— Então quem é que manda? Você? — Jake retorquiu.

— Parem! — Amy mandou. — Parem com isso já, vocês todos.

Todos olharam para ela, em choque. Em um segundo, estaria discutindo outra vez.

Você nasceu para esse papel, Amy...

Ela respirou fundo.

— Eu não quis dizer que você e eu devemos ir, Dan. Tampouco eu disse que Jake e Atticus devem ir. Erasmus, quero que você contate Jonah e Hamilton e se organize para encontrá-los em Pompeia. E quero dizer agora. Já! Nós quatro vamos esperar as novas identidades que Sinead vai mandar e então seguimos para Samarcanda. Erasmus pode reservar um hotel para nós.

— E ninguém mais pode opinar? — Jake praticamente rosnou.

Erasmus levantou uma sobrancelha.

— Para mim, pareceu uma ordem. Você não acha?

Amy sentiu uma pontada minúscula de dúvida, mas a pôs de lado. Enfrentou o olhar de Jake com firmeza.

— É uma ordem.

Erasmus sorriu.

— É assim que eu gosto. Uma chefe que sabe que é a chefe!

Capítulo 11

— Epa, estes chocolates são de graça? — Atticus se animou, enfiando a mão numa tigela prateada de bombons no balcão da recepção do hotel.

Da mesa, Amy olhou para ele e suspirou. Às vezes, Atticus era igual a Dan.

— Pare com isso, por favor, Atticus — ela pediu.

— Desde quando você virou mãe dele? — Jake contestou.

A recepcionista olhou para todos com um sorriso nervoso.

— Bem-vindos ao Hotel Grand Nikia — falou, entregando a Amy um conjunto de cartões-chave magnéticos. — Vocês estão em dois quartos na cobertura, no vigésimo andar.

Amy pegou os cartões e dirigiu-se aos elevadores. Jake já a tinha ultrapassado, furioso. Ele não ia facilitar nada as coisas.

Amy bufou. Qual era o problema dele?

Sua testa larga, seu maxilar refinado, seus cabelos penteados para trás... tudo deixava entrever inteligência, sabedoria, segurança. Amy era obrigada a admitir que ele era lindo. Um cabeça-dura lindo e irritante.

Ela temia que deixar os Rosenbloom viajar com eles fosse um erro colossal. Salvar tio Alistair seria a tarefa mais difícil de sua vida. E ela teria que dar conta disso depois de perder uma noite na Turquia, com a Interpol na cola deles, acompanhada de

um menino prodígio marcado para morrer e um sujeito muito gato que a odiava.

Ela atravessou o saguão principal do hotel, que tinha teto em abóbada e uma fonte ricamente adornada. No centro do saguão, um conjunto de elevadores panorâmicos cilíndricos subia trinta andares, deixando as pessoas em terraços circulares. Todos os quartos davam nesses terraços, e Amy podia ver gente entrando e saindo pelas portas. Enquanto caminhava, seus olhos se fixaram nas pessoas.

Alguma coisa não estava cheirando bem.

Quando parou ao lado dos elevadores, Dan se chocou com ela por trás. Ele estava imerso em seu smartphone.

— Me desculpe, estou trabalhando — disse Dan. — Estou pensando que *orbis latao* pode ser um anagrama.

— Olhe para a frente quanto pensa, ok? — Amy pediu, olhando em volta do saguão.

— A mensagem de Vesper Um dizia "vamos bagunçar as coisas" — Dan prosseguiu. — É uma dica de anagrama. Reordenar as letras.

— Ei, tem um restaurante ali — Atticus interveio.

— Nada de restaurante — Amy respondeu. — Temos muitas coisas para planejar.

— E o que Atticus vai comer? Os tufos de poeira escondidos embaixo da cama? — Jake contestou.

— Comecei a reorganizar as letras — Dan continuou. — Quer saber o que encontrei? Um *orbital iaso*. Ou *brota asilo*. E *litro sabão*.

— Continue trabalhando — Amy pediu.

Quando a porta do elevador se abriu, ela sentiu seu telefone vibrar. Quase pulou com o susto.

Ela estava nervosa demais. Isso não seria útil.

A tela mostrava o nome de Evan.

— Oi, Ev?

— Ames! — A voz de Evan estava chiada. — Acabamos de ouvir a notícia por Erasmus. Eu só queria falar com você, sabe? Como vão as coisas? Você está bem?

Por um instante, Amy sentiu um sorriso rompendo a ausência de expressão no seu rosto. Ninguém sabia dizer "oi" como Evan. Ele era de uma vivacidade doce.

A porta do elevador se abriu, e Amy sentiu seus olhos encherem de lágrimas. Era um alívio falar com alguém que se preocupava, acima de tudo, em saber como ela estava.

* * *

Ela está chorando?

Jake estava preocupado com as habilidades de liderança de Amy Cahill. Observou seu rosto com cuidado. Ela estava

conversando com... qual era o nome dele mesmo?... Tolliver. Aquele da vídeochamada no hotel de Praga. O nerd. O namorado de Amy. Ela chorava e sorria.

Engraçado. Quando ela sorria, toda tensão deixava seu rosto.

Ela era bem bonita.

E você é um idiota por pensar nisso. Cuidado, imbecil, ela está percebendo.

Jake afastou o próprio olhar de Amy. Ele não estava ligando para isso. Ela merecia ter um namorado, assim como qualquer outra pessoa.

O elevador começou a subir. Atrás de Jake, Atticus ajudava Dan com os anagramas. Amy terminou de falar e encerrou a ligação. Jake notou que seus olhos tinham mudado de expressão. Vasculhavam o hotel, agitados.

Por que ela estava tão nervosa? Tantos segredos naquela família. Tanta paranoia.

— *Lia absorto!* — Atticus exclamou.

— Duvido que seja isso — Dan interpôs.

— Do que vocês, criancinhas, estão falando? — Jake perguntou.

Amy fez um sinal pedindo silêncio. Estava olhando fixamente para cima. Jake acompanhou seu olhar.

Lá no alto, um homem se debruçava sobre o balcão. Estava de terno escuro, sem gravata, com um chapéu preto de aba larga e óculos de sol. Ele esquadrinhava a área lentamente, como se estivesse à procura de alguma coisa.

— Por que aquele sujeito está de óculos escuros? — Amy indagou. — O lugar é pouco iluminado. Nenhuma pessoa normal precisaria daqueles óculos.

— De repente ele é um ator de cinema turco? — Jake sugeriu.

— Ele está no nosso andar! — Amy falou. — *Alguém pressione um botão. Qualquer um.*

Eles estavam subindo rapidamente: 11º, 12º, 13º.

— Amy, você está bem? — Dan perguntou.

Amy projetou-se para o outro lado do elevador e pressionou o número 17. O elevador parou.

— Saiam todos — ela comandou, empurrando Jake pelo ombro. — Aquele homem está à nossa espera. Lá no alto. No terraço.

Jake saiu do elevador, tropeçando. A garota era forte.

— Como você sabe?

Amy passou à frente dele, saindo no 17º andar. Apertou freneticamente o botão para chamar um elevador que estivesse descendo. Uma porta se abriu na mesma hora.

— Entrem. Agora!

O elevador estava lotado de outras pessoas. Amy empurrou Jake e os outros para dentro, depois abriu caminho até a parede de vidro.

— Relaxe, Amy! — Dan pediu.

Mas sua irmã estava atenta ao que se passava alguns andares acima.

Perplexo, Jake observou o homem de óculos de sol. Ele pareceu congelar quando viu o elevador deles descendo.

Então começou a caminhar rapidamente em direção àquele setor.

Ao mesmo tempo, o elevador ao lado do deles subiu até o andar em que ele estava.

Uma moça saiu do elevador. Ela puxava malas e também usava óculos de sol. Sorriu ao ver o homem e o abraçou. Juntos, se afastaram do elevador em direção à porta de um quarto.

Eram hóspedes. Nada mais.

— Olha lá os Vesper. Dois namoradinhos, só falta dar beijinho! — cantarolou Dan.

Amy desabou.

— Foi mal — ela murmurou.

Atticus e Dan rolaram de rir. Jake fez força para não abrir um sorriso.

Quando a porta se abriu no saguão, os outros passageiros, perplexos, saíram apressados. Contornaram um homem calvo, levemente corcunda, que sorria para Amy e Dan.

— Me desculpar — ele falou, com sotaque fortíssimo. — É vocês Daniel e Amy Carrill? Amigos de Erasmus Yilmaz? Eu sou primo dele, gerente do hotel. Chamo Bartu.

— Eu sou Amy, este é Dan.

Lágrimas apareceram nos olhos do homem. Ele agarrou Amy pelo rosto e beijou suas doces faces.

— Qualquer amigo de Erasmus é minha família!

* * *

Boba. Paranoica.

Amy respirou fundo, tentando acalmar o coração. Ela precisava manter a calma. Ser líder significava saber quando ter medo e quando não se assustar. A vida de Alistair dependia de ela não tirar conclusões apressadas. Tinha de ficar alerta, mas não podia ser burra.

— Venham. Tenho um presente lindo. Erasmus pagou por isso! — falou o primo Bartu, andando rapidamente para uma porta marcada ENTRADA RESTRITA A FUNCIONÁRIOS AUTORIZADOS, em vários idiomas. — Sinto muito, ele não avisou

sobre os outros dois. Mas encontrar algo bonito para eles também. Vocês trazer de volta. Eles vão ficar felizes por receber.

O Grand Nikia era o hotel mais cordial do mundo. Qualquer lugar ligado a Erasmus só podia ser.

Bartu conduziu Dan e Amy. Eles passaram por vários cubículos onde trabalhavam funcionários do hotel. Então ele os levou até outra porta; saindo dela, havia uma entrada nos fundos.

A uns seis metros de distância, estava estacionado um carro preto com vidros fumê.

— Tenham um bom dia! — Bartu disse.

Com uma rapidez que Amy nunca teria imaginado num senhor idoso, ele entrou novamente no hotel.

— Ei! — Dan gritou.

Amy estendeu a mão para abrir a porta, mas não havia maçaneta.

A porta do carro se abriu, e um homem forte, de roupas amassadas, saiu do veículo. Ele usava um casaco marrom longo e esgarçado e um chapéu gasto da mesma cor, e as olheiras escuras sugeriam o hábito de dormir pouco. Amy o reconheceu de imediato.

— Nós... conhecemos você — ela falou em voz baixa.

— Vocês escaparam de mim num trem para a Suíça — ele falou, em tom de voz cansado. — Mas ainda não nos conhecemos formalmente. Sou Milos Vanek, da Interpol.

Vanek.

Era o nome que assinava uma mensagem enviada a museus e marchands de arte, informando sobre o roubo da tela de Caravaggio por Dan e Amy.

Pense!

— Temos um voo marcado para amanhã... — disse Amy, aproximando-se do homem. — Por favor! Se não conseguirmos embarcar, uma pessoa vai morrer. Deixe-nos ir. Somos apenas crianças.

— *Crianças* não roubam obras de arte de valor inestimável — disse Vanek. — Me acompanhem.

Amy viu as portas do carro se abrirem e avançou num salto.

Seu pé direito fez contato com a porta, que se fechou sobre os dedos de Vanek. Ouviu-se um grito lancinante vindo de dentro do carro.

Amy girou. Vanek se afastara e rapidamente e procurava alguma coisa dentro do bolso do casaco. Antes que Amy conseguisse reagir, Dan estava atrás do agente, rapidamente levantando seu casaco longo e cobrindo sua cabeça.

Vanek soltou um grito de espanto, e Amy saltou para a frente. Puxou a parte de baixo do casaco. Os braços dele, presos pelas mangas, também ergueram.

Ele gritou alguma coisa numa língua incompreensível, girando sem conseguir enxergar, com seu casaco virado de dentro para fora.

— Vamos! — Amy gritou.

Ela agarrou Dan pela mão e correu.

Um tiro a fez parar.

— Mãos ao alto e virem-se — gritou uma voz intransigente.

Atrás dela, do outro lado do carro, um agente com a barba por fazer tinha uma pistola apontada para o ar. Vanek se desenrolou freneticamente do casaco e o jogou no chão. Ele estava voltado para o outro lado. Quando se virou para ficar de frente para os irmãos, seus cabelos estavam espetados em todas as direções.

O homem armado fez um barulho estranho, como se estivesse tossindo. Olhou para Dan e Amy, depois para Vanek.

O outro agente saiu do carro. Vendo Vanek, começou a gargalhar. O homem armado também, e em pouco tempo os dois estavam rindo sem parar.

— Acho que você está com problemas, Milos! — falou o homem armado.

— Não, meu amigo — Vanek respondeu, irritado, alisando os cabelos. — Quem está com problemas são eles.

Capítulo 12

Dan não esperava que a sede da Interpol fosse luxuosa. Mas as paredes do lugar davam a impressão de não terem sido pintadas desde os tempos de Caravaggio. Talvez desde a época da própria Medusa. A julgar pelo cheiro, a última faxina devia ter sido feita naquela mesma época.

Com Amy e Vanek, ele seguiu a contragosto uma mulher robusta e uniformizada, percorrendo um corredor escuro. Os sapatos dela, que davam a impressão de pesar vinte quilos, faziam um barulho alto no piso de cimento. A mulher parou diante de uma porta com grades de metal. Na cela ao lado, uma prisioneira gritou em turco, levando a carcereira a bater nas grades com seu molho de chaves. Os gritos se tornaram lancinantes.

— Entrem — disse a carcereira, abrindo a porta.

Dan olhou para o interior da cela. Não havia luz; a única iluminação vinha de uma lâmpada fluorescente e esverdeada que ficava no corredor e que emitia um zumbido. Os dois bancos de cimento com colchões finos por cima lembravam camas.

— Vocês não podem estar falando sério — reclamou Dan.

Ele sentiu a mão da carcereira empurrando-o para dentro. Amy entrou cambaleando, ao lado do irmão.

— Temos direito a um telefonema! — Amy disse.

— Ah, o telefonema — Vanek sacudiu a cabeça com tristeza. — Exigências americanas. Como no cinema. Me digam uma coisa. Vocês roubam obras de arte altamente refinados... Tesouros renascentistas. É uma brincadeira para vocês? Por quê? Vocês pretendem vender o Caravaggio na Internet?

— Não estamos com o Caravaggio! — Dan protestou. — Alguém o pegou!

— Ah — disse Vanek, encostando às grades. — Quem?

— Uma trapezista — Dan explicou. — Mas ela foi morta. E alguém pegou o quadro dela.

Amy lançou um olhar para o irmão.

— Entendo — os olhos de Vanek ficaram inexpressivos. — Vocês continuam a pensar que zombar de nós é uma boa estratégia. Muito bem. Amanhã cedo vamos consultar autoridades da Turquia. Elas vão consultar autoridades da Itália. Que vão consultar autoridades dos Estados Unidos. Que vão consultar a Interpol. Que vão consultar autoridades da Turquia outra vez. Em uma semana, ou quem sabe em três, vamos marcar uma audiência.

Quando ele se virou para partir, Amy gritou:

— Três semanas? Temos que embarcar amanhã cedo!

— Uma pessoa inteligente o suficiente para roubar um Caravaggio deve conseguir remarcar uma passagem de avião —

disse Vanek, sem se voltar. — Boa noite. Espero que fiquem bem acomodados.

Amy afundou sobre a cama no banco. Quando os uivos da presa da cela ao lado alcançaram um volume insuportável, ela tampou os ouvidos com as mãos.

Mas Dan não conseguia se mover. Ele só conseguia pensar em outra cela de prisão em outro lugar. Dentro de três dias. Ele visualizava a porta dessa cela se abrindo.

E o olhar de horror absoluto no rosto de tio Alistair.

* * *

O elevador de comida começou a sacolejar.

Phoenix Wizard tremia como um ratinho num balde de gelo. Ele não tinha físico de herói.

Reagan Holt tinha conseguido saltar duas barras metálicas do estrado fraco de uma das camas. As barras estavam escondidas na sombra em outro quarto. Nellie estava fazendo sinal de positivo para Reagan. Todo mundo fazia força para ser otimista.

Phoenix assoou o nariz e acrescentou o lenço de papel sujo a pilha que já se formara no chão.

Esta parte é minha ideia. Eu não TENHO ideias!

E se der errado? E se...?

Uma mão passou suavemente sobre seu braço. Phoenix se virou.

Nellie sorria para ele. *Te amo*, ela disse, formando as palavras sem emitir som.

Quando o elevador de comida estava quase chegando, Natalie emergiu do outro quarto. Puxou as barras metálicas que estavam escondidas sob seu uniforme de prisioneira e as entregou a Reagan.

A porta do elevador se abriu, revelando um prato de pão amanhecido e um recipiente plástico com água morna.

Agora.

Phoenix jogou o conteúdo no chão.

— Os olhos! — gritou.

Fiske e tio Alistair agarraram os lenços de papel molhados e começaram a jogá-los na câmera de vigilância. A mira deles não era ruim. Um a um os lenços foram grudando nas lentes, bloqueando a visão.

— A boca! — Phoenix pediu.

Reagan e Nellie arrastaram uma cama pesada pelo chão de cimento. Phoenix empurrou o colchão para fora da cama, deixando nu o estrado metálico, que eles empurraram de lado no elevador de comida, de modo que a porta não podia se fechar.

O maquinário gemeu, esforçando-se para fazer o elevador subir.

— As entranhas!

Essa era a parte mais complicada. Phoenix juntou-se a Reagan e Ted, que estavam levantando o estrado da cama, usando-o como alavanca. A frente do estrado estava empurrada contra o piso do elevador, forçando-o para baixo.

Phoenix tinha calculado que deveria haver algum espaço livre no poço do elevador, abaixo da pequena cabine. Eles tinham que fazê-la descer mais meio metro, aproximadamente.

Enquanto o piso do elevador foi baixando devagar, ele pôde observar o teto atentamente. Acima dele surgiu um espaço escuro crescente de cerca de dez centímetros... quinze... vinte...

— Agora! — Phoenix gritou entre os dentes.

Tio Alistair empurrou uma das barras do estrado no espaço entre o teto do elevador e a borda da abertura na parede.

— Não sei se isto vai aguentar! — ele disse.

Com um som assustador, o metal voou para dentro do poço, como se fosse um simples palito de dentes. Alistair se dobrou, dolorido.

— Minha mão!

O estrado abaixou. O coração de Phoenix parou por um instante.

— Continuem empurrando! — Reagan gritou.

Nellie e Fiske correram para posicionar-se do lado de Phoenix. Com isso, ele pôde abaixar-se e agarrar a outra barra.

— Você vai se matar! — Alistair avisou. — A pressão é grande demais!

Ignorando-o, Phoenix enfiou o braço na brecha. Ele posicionou uma ponta da barra numa depressão na estrutura metálica do elevador. Cuidadosamente, deslizou a outra ponta e a colocou num buraquinho na estrutura da parede.

A barra aguentou. Com dificuldade.

O elevador começou a vibrar violentamente. Uma pluma de fumaça negra e pungente subiu dali. Então o motor parou de funcionar.

Phoenix colocou a cabeça no poço e olhou para cima. Uma luz esverdeada saía de uma abertura na parede, cerca de quatro metros acima deles.

— Eu os estou vendo! — ele disse.

— Vai lá! — Reagan o incentivou.

Segurando o teto do elevador, Phoenix içou-se para cima, no escuro. Posicionou os pés sobre o teto da cabine e começou a içar-se pelo cabo do elevador. Ele podia ver Reagan mais abaixo, seguindo-o de perto.

Phoenix nunca conseguira subir mais de um metro e meio na corda nas aulas de educação física do colégio. A sensação que tinha era a de que alguém enfiava facas em seus bíceps.

— N-não consigo!

— Consegue, sim.

Centímetros abaixo dele, Reagan esticou uma mão para cima e, com ela sob as solas dos pés de Phoenix, deu-lhe um forte empurrão.

Phoenix foi projetado para o alto e, passando pela abertura na parede, caiu sobre um piso frio de lajotas.

Ele se levantou, momentaneamente cego pelas luzes fluorescentes ao alto. Estava numa sala comprida com paredes forradas de armários de arquivos.

— Conseguimos, Reagan!

Reagan saltou para dentro da sala também, pousando agachada.

— Não fique parado aí, vamos atrás deles!

Ela correu e se adiantou a Phoenix. Ele piscou, tentando acostumar-se à luz forte. Na parede mais distante, duas pessoas estavam sentadas diante de um banco de computadores, de costas para eles.

Phoenix a seguiu com o coração batendo forte. As pessoas não se mexiam. Agora ele conseguia enxergar os monitores. Cada tela mostrava quadros múltiplos: imagens das duas celas de prisão lá embaixo, do corredor diante da cela, do poço do elevador de comida.

Phoenix ficou apavorado. *Eles estavam nos vendo o tempo inteiro!*

Então eles se deram conta de que a sala em que estavam também era monitorada. A tela mostrava Phoenix e Reagan correndo em direção à câmera, como se fosse um espelho.

Os dois Vesper se levantaram com calma e se viraram. Usavam máscaras de gás.

— Pare! No chão! Role! — Reagan berrou, jogando-se no chão.

Phoenix quase se chocou com ela. Nuvens de fumaça saíram e jatos de gás posicionados nas paredes, cercando-os.

E tudo ficou escuro.

Capítulo 13

— Estou sentindo cheiro de ovelhas, não?

A voz vinda da porta da cela era aguda, mas suave. Amy abriu os olhos e percebeu que tinha adormecido. Ainda sonolenta, só conseguiu reagir com um “Ahhn?”

Uma mulher grisalha apareceu diante da porta, sua silhueta ressaltada contra a desagradável luz fluorescente.

— Vocês andaram na companhia de ovelhas hoje.

Amy lembrou de repente que eles não haviam tido chance de trocar de roupa desde o encontro com os irmãos Wyoming.

— Bem, de certo modo, sim.

Dan se levantou do colchão fino. Sem entender, olhou fixamente para a mulher.

— Não me diga quem você é, vou adivinhar. O Fantasma de Natais passados?

A mulher abriu seu casaco desalinhado e dele tirou um documento de identidade.

— Amato — disse ela. — Luna Amato. Interpol. Talvez vocês tenham ouvido falar de mim. Pedi a seus amigos que lhes passassem um recado. Um garoto grandão, e outro que faz rap. Não receberam? Não faz mal. Nós nos encontramos de qualquer maneira.

Amy a olhou com curiosidade. A mulher tinha um jeito brusco, prático, mas havia um brilho de bondade em seus olhos. Ou talvez isso fosse apenas o que Amy gostaria de ver naquele rosto.

— Se você veio gritar conosco, é tarde demais — Dan interpôs. — Milos Vanek chegou antes.

— Vim para transferir vocês. Acho que não vão sentir falta deste ambiente, certo? — Amato tirou do bolso do casaco cum chave e dois conjuntos de algemas. Ela destrancou a porta e algemou-se a Dan e Amy. — Vamos.

Ela começou a percorrer um corredor comprido, no sentido contrário àquele pelo qual eles tinham chegado.

— Senhora Amato, meu irmão e eu somos inocentes — Amy suplicou. — Estamos sendo chantageados. Eu sei que isso soa improvável, mas, se não viajarmos amanhã, um membro da nossa família var ser assassinado!

Ela olhou para Dan, pedindo apoio, mas ele lhe devolveu um olhar de impotência.

Amy tinha de admitir que a explicação não soava convincente.

Em silêncio, Luna Amato os conduziu por uma porta no final do corredor. Desceram um lance de escadas e chegaram a um porão mofado. As paredes eram estreitas, iluminadas por lâmpadas nuas. Velhos armários de arquivos ladeavam cômodos.

— P-para onde você está nos levando? — Amy perguntou.

— *Andiamo*! — Amato vociferou, apertando o passo.

Eles passaram por um conjunto de pequenas salas de trabalho e subiram um lance de escadas, chegando a uma porta metálica minúscula.

Amy sentiu pânico. Seria uma cela solitária?

Luna Amato tirou chaves de um bolso, soltou as duas algemas e empurrou a porta para abri-la. Uma lufada de ar frio entrou pela abertura. O luar brilhava entre galhos de árvore distantes.

— Sigam-me, rápido — ela ordenou. — Não olhem para trás.

* * *

— *Mrrrp?*

Para qualquer outra pessoa do universo dos Cahill, o som agudo do gato Mau Egípcio de estimação podia ter uma centena de significados diferentes: o *mrrrp* de quem quer brincar, o *mrrp* de "quero um salmão", o *mrrp* de "esse salmão não é suficiente", o *mrrp* irônico de "obrigado pela porção minúscula de salmão". E assim por diante.

Mas, para Ian Kabra, o *mrrp* significava sempre "odeio você com todas as minhas forças".

No que lhe dizia respeito, o sentimento era mútuo.

Desta vez, pelo menos, o volúvel felino estava mantendo distância, atrás dele e fora de suas vistas. Com Sinead tirando um cochilo rápido e Evan em casa fazendo sua lição, Ian estava sozinho.

Bem, quase.

— *Mrrrp* — repetiu o gato, com mais urgência.

— Sim, você está aqui, Saladin, já entendi. — Ian estava examinando um pedacinho de papel timbrado dos Lucian com microscópio eletrônico. Era o único souvenir que ele tinha da explosão pavorosa da fábrica da DeOssie, resultado de uma investigação na produtora de smartphone dos Vesper. — Agora se afaste, por favor, meu caro senhor sarnento. Estou ocupado.

Saladin tossiu e fez um som de quem estava vomitando. Que lindo.

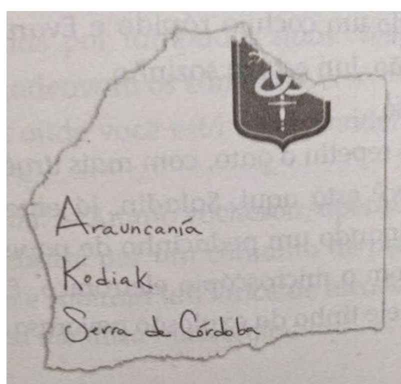
Ah, que saudade dos animais de estimação de sua juventude na mansão dos Kabra: cada poodle com sua própria pequena fazenda, cada cavalo puro-sangue num estábulo particular, com o filme *Beleza negra* exibido o dia inteiro. Naquela época, *Mau Egípcio* era uma inscrição na etiqueta na capa de pelo de mil dólares de uma almofada.

E aquele era o lugar mais adequado para ele.

Ian olhou rapidamente para a lista do pedaço de papel que examinava. Ela correspondia a uma parte da lista encontrada no corpo de William McIntyre. Era uma descoberta importante.

Poderia existir uma conexão entre o segredo dos Vesper e os Lucian? Parecia absurdo. Tendo crescido na casa da líder do clã, Ian conhecia todos os segredos da família.

O correto teria sido mostrar o fragmento para as outras pessoas em Attleboro. Mas ele o guardara para si por causa de um item da lista, o nome de uma cidade.



Alguns detalhes ele tinha que examinar sozinho antes. Por uma questão de dignidade.

Ian posicionou o microscópio sobre um pontinho quase invisível. Estava entranhado no carbono; a olho nu, parecia ser um pontinho cinza. Mas alguma coisa nele tinha chamado sua atenção. Agora, depois de limpar o pontinho com fluido usado na restauração de obras de arte e de colocá-lo sob o microscópio, ele pôde ver suas verdadeiras cores.

Dourado e vermelho. O vermelho dos Lucian.

— *Voilà* — Ian murmurou.

Ele pressionou uma tecla e uma tabela apareceu no computador: uma lista de todas as substâncias químicas contidas naquele pontinho.

Ouro líquido. Como ele suspeitava.

E havia outra substância familiar. Seu perfil químico correspondia ao de um esmalte de unhas, um esmalte de unhas da cor vermelha dos Lucian.

Esmalte vermelho com serpentes entrelaçadas de ouro folheado.

— Mamãe querida — Ian murmurou com um sorriso de pesar. — Você bota o dedo em tudo, não?

— *MRRRRP!*

O gato mal-humorado se esfregava em seu tornozelo. Ian não estava com cabeça para isso. Acertou um chute rápido no bicho, projetando-o para o outro lado da sala, antes que o animal pudesse arranhá-lo.

Ele acessou rapidamente o site da ONU. Teria que fazer uma visita a alguém que não via desde que a caça às 39 pistas tinha transformado sua vida.

Sua mãe, Isabel Kabra.

Enquanto Ian procurava uma caneta para deixar um bilhete, o gato pulou sobre a mesa e ali depositou um ratinho morto.

— *Tire essa coisa daqui!* — Ian berrou.

Mas Saladin já estava deixando a sala, rebolando e de cabeça erguida.

Evitando olhar para o pequeno roedor despedaçado, Ian pegou o fragmento de papel, desligou o microscópio e rabiscou um bilhete para Sinead nas costas de um envelope: *Fui para Nova York*.

E saiu da sala antes que ficasse enjoado.

Capítulo 14

Vesper Cinco arrancou uma faca comprida da tábua de cortar. Estava enferrujada. Evidentemente, Fazia anos que não era afiada.

Horrível. Os donos da casa eram desleixados demais.

Com gestos lentos e regulares, a Vesper esfregou a lâmina contra uma pedra de amolar. Cada som metálico produzia um eco na pequena cozinha.

O telefone bipou, e Vesper Cinco pôs a faca sobre a mesa para ler a mensagem:

Já alcançamos o objetivo?

Que coisa! Vesper Um só queria saber de resultados. Ele não tinha apreciação nenhuma pela arte da coisa. A agente fechou o telefone, guardou-o numa bolsa, que colocou sobre uma mesinha na sala ao lado. Então voltou.

A faca brilhava como um olho que pisca. Vesper Cinco a levantou alto e em seguida a afundou na carne morna. Um som molhado, satisfatório. Um cote limpo.

Os pequenos prazeres da vida não podiam ser negados. A resposta a Vesper Um teria de esperar. Às vezes, era melhor alcançar objetivos de barriga cheia.

Luna Amato jogou as duas metades do peito de frango numa panela. Primeiro, crianças seriam alimentadas.

* * *

A água do chuveiro estava enferrujada e cheirava a enxofre. Dan foi obrigado a tocar numa calçola de vovó para tirar a tolha do suporte. Luna Amato tinha colocado para tocar uma ópera italiana que soava como gritos de gnus moribundos, numa vitrola de discos de vinil cuja agulha ficava pulando. A casa pertencia à amiga turca de Luna, que, aparentemente, tinha netos adultos, porque as "roupas limpas" de Dan consistiam em jeans folgados e uma camiseta embolorada de uma *boy band* que não existia mais. Dan se sentia como um viajante do tempo, vindo diretamente de 1999.

Ele queria urgentemente falar com Amy. Eles precisariam de um plano de fuga. Luna Amato era da Interpol, não ia facilitar as coisas para eles.

Quando transferiu os objetos de seus bolsos para os bolsos do jeans, Dan encontrou seu celular. Mal conseguiu acreditar que Amato não tivesse tirado dele.

Que espécie de agente da Interpol é ela?

Rapidamente digitou uma mensagem de texto para Attleboro.

Ñ tamos + na cadeia. Tamos na Trqia. Ainda c/ L Amato, agnt Interpol. Vanek na cola. Axo q vmos ter q ser tirados daki.

— Daniello! — a voz de Luna o chamou.

Dan apertou ENVIAR. Saiu do banheiro e sentiu o poderoso aroma de molho de macarrão e alho.

— Legal! — ele comentou.

Luna ergueu os olhos do fogão, onde Amy, de banho tomado, a ajudava. Embora sua irmã estivesse em silêncio, seus olhos diziam: *Vamos sair daqui!*

— Antes de ser agente da Interpol, sou italiana — falou Luna Amato. — Preparei um jantar simples para comermos enquanto discutimos o futuro de vocês. Macarrão e frango com alecrim. Vocês gostam de alecrim?

Dan estava prestes a fazer pouco-caso do alecrim, mas parou. Alecrim era um dos ingredientes do soro.

— Adoro — ele respondeu. — Sou fã.

— Pegue um pouco — Luna Amato ofereceu, indicando uma pilha de ramos que lembravam agulhas de pinheiro. — E leve os talheres para a mesa.

Dan reuniu garfos e facas. A caminho da sala de jantar, enfiou o alecrim no bolso. Quinze ingredientes já. Mas ainda faltavam 24.

A sala de jantar tinha uma mesa comprida de madeira e suas paredes eram cobertas por um papel de parede estampado e degastado pelo tempo. Dan ouviu uma batida repentina na janela e quase deu um pulo.

Era apenas o movimento dos galhos de árvores no vento.

— Não se preocupe, Vanek não está vindo — Luna Amato falou da cozinha. — Ele não sabe que eu me hospedo aqui.

Dan engoliu em seco. Era como se ela o estivesse vendo através da parede.

Em poucos minutos, a mesa estava arqueanda sob o peso da farta refeição: macarrão quentíssimo, frango, pão de alho, uma salada com fatias de presunto e de um queijo fedido, além de pratos com azeitonas, pimentões e outras conservas que Dan não reconheceu.

Dan e Amy devoraram a comida; Luna os incentivava a comer mais.

— Você não gosta de pão, Daniello? Sirva-se! *Per favore*, coma um pouco mais de *pasticcio di gnocchi alla boscaiola!*

— Desde que você não me obrigue a repetir esse nome! — Dan respondeu.

Luna Amato soltou uma risadinha.

— Garoto encantador.

— E bonito também — Dan concordou.

Amy lhe deu um chute por debaixo da mesa.

Amato ofereceu a Dan mais um copo de suco de uva.

— Você precisa comer rápido, antes que sua irmã chute seu outro tornozelo, não?

Ela deu algumas garfadas e então limpou a boca.

— *Bene*, finalmente tirei aquele gosto de prisão da boca! Me perdoem pelo mistério. Vocês devem estar se perguntando por que estão aqui, não? Vou contar. É por causa de Vanek.

Dan olhou para Amy. Ela tinha parado de mastigar.

— Nós o chamamos de Milos, o Monstro, pelas costas. Eu já o vi fazer coisas... — Luna desviou o olhar e soltou um suspiro. — Bem, talvez não seja um assunto para enquanto estamos comendo. Eu os tirei da prisão porque sabia o que aconteceria com vocês se não o fizesse.

— Obrigada — Amy falou. — Mas... o que você vai fazer conosco?

Luna olhou para Amy atentamente.

— Você disse a verdade? Sobre estarem sendo chantageados?

— Sim! — Amy respondeu. — Só que... não podemos lhe dizer o porquê.

Luna acenou com a cabeça, concordando. Tomou um gole de água e ajustou os óculos.

— Ainda não sei ao certo o que fazer com vocês. Vou mantê-los aqui até amanha cedo e então decidir.

Ela fez um longo silêncio, como se estivesse de lembrando de algo triste. Dan começou a contar as rugas de seu rosto, mas parou. Algo naquela senhora idosa lhe pareceu familiar. Não que fosse exatamente uma semelhança. Tinha algo a ver com a linha de seu maxilar, a suavidade de seus olhos. Sua expressão mudava o ambiente da sala; dizia: *Leve o tempo que precisar, estou ouvindo*, mas não de uma maneira adocicada, tipo "oh, eles são uma graça". Ela era uma pessoa que levava você a sério. Apesar de ser inimiga, fazia você se sentir a pessoa mais importante do mundo.

Não obstante suas feições comuns, suas roupas amassadas e seu sotaque forte, Luna Amato fazia Dan lembrar-se de Grace Cahill. Só um pouquinho.

* * *

Amy estava reclinada numa poltrona confortável. A cintura dos jeans pressionava sua barriga inchada. O jantar tinha sido suntuoso, e o bate-papo, amigável. Agora ela e Dan estavam sozinhos diante da lareira, com canecas de chocolate quente nas

mãos, assistindo a desenhos animados turcos na televisão. Os aromas da refeição que ainda pairavam no ar tornavam a dala aconchegante.

Amy olhou por cima do ombro. Luna cantarolava na cozinha enquanto arrumava as coisas. Sua voz era doce.

Eles estavam distantes o suficiente para que ela não os ouvisse se falassem em voz baixa. Amy olhou as janelas e tentou pensar num plano de fuga. Dan dissera ter contatado Attleboro, embora não tivesse certeza de que a mensagem fora recebida.

Talvez não fosse difícil assim eles resolverem aquela parada sozinhos.

— Luna tem coração mole — Amy cochichou. — Será que podemos apelar para ela?

Dan deu de ombros. Seus olhos estavam quase fechados.

— Ei, Amy, nossa casa era assim? Nós ficávamos sentados juntos à noite, vendo televisão e tomando chocolate quente?

— Às vezes — ela respondeu.

— Eu só consigo me lembrar daquele televisor preto e branco de nove polegadas, com tia Beatrice e a dentadura dela. A gente assistindo a telejornais e comendo comida congelada. Que família... Não seria bacana voltar a ter uma de verdade?

Amy concordou com a cabeça. Ela queria muito que Dan pudesse se recordar da vida que eles tinham tido no passado.

— Quando a gente crescer — disse ela— vamos ter famílias lindas. Nossas casas vão ser mais legais que estas. Seus filhos e os meus vão brincar juntos numa sala gigantesca, com todos os brinquedos e jogos imagináveis.

— Só que eu não vou ter filhos — Dan comentou. — Eu mesmo vou brincar...

— Vocês estão se divertindo? — Luna Amato perguntou da cozinha. — Preciso fazer um telefonema. E depois vou ficar com vocês. Tenho uma surpresa!

Antes que eles pudessem responder, o telefone de Dan vibrou em seu bolso. Quando ele leu a mensagem de texto, ficou boquiaberto.

— O quê? Amy, venha ler isso!

Ela correu para o outro lado da sala.

Agente da Interpol Luna Amato é V-5. Repetindo: V-5 = Amato. Respondam agora.

A visão de Amy se anuviou por um longo segundo. *Luna... uma Vesper?*

— Não fomos resgatados — Dan cochichou. — Fomos sequestrados. Como João e Maria no conto de fadas.

Amy agarrou o braço do irmão.

— Vamos embora... já!

Eles saíram da saleta. Luna ainda conversava ao telefone na cozinha. Seu celular cor-de-rosa estava aceso, visível na bolsa aberta em cima de uma mesa.

— Como ela pode estar ao telefone lá se o celular dela está aqui? — Dan perguntou.

— Deve estar usando uma linha fixa.

Dan revirou a bolsa de Luna.

— As chaves do carro — ele sussurrou.

Amy olhou para a porta dos fundos. Eles teriam que passar correndo pela porta da cozinha e torcer para que Luna não os visse.

A mulher andava de um lado para o outro. Amy podia ver sua sombra em movimento.

— Vou contar até três — ela cochichou. — E rápido. Um...

O braço de Luna apareceu na entrada.

— Preciso voltar aos meus convidados — ela estava dizendo.

— Dois...

O braço tinha sumido, e a voz estava ficando mais distante.

— *Três!*

Eles correram até a porta de entrada. Amy agarrou a maçaneta. Ela não virou.

— Saia da frente — disse Dan, pegando uma caneca pesada de aparador e jogando-a contra a parte de vidro da porta.

O vidro de espatifou, e ele estendeu a mão até a maçaneta externa.

— Santo Deus! — exclamou Luna. — O que vocês pensam que estão fazendo?

Dan agarrou um jarro de peltre maciço e o jogou contra Luna. Ela virou para desviar, mas não foi rápida o bastante. O jarro a atingiu no ombro, e ela caiu.

— Corra! — ele gritou. — Corra, Amy!

Amy passou pela porta como um raio. Dan correu em direção a um carro azul na entrada. Jogou as chaves do carro para a irmã.

— Não dirija como você costuma fazer! Pé na tábua!

Amy pegou as chaves no ar e entrou no automóvel. Dan sentou-se ao lado dela.

— Ok, João — ela falou. — Como fazemos para chegar ao aeroporto? A gente esqueceu de deixar uma trilha de migalhas de pão.

— Quem precisa de migalhas de pão? Temos um GPS — Dan respondeu.

Capítulo 15

Nellie apalpou o pescoço de Phoenix Wizard. A respiração dele já estava mais regular. Ela apertou o torniquete que envolvia seu braço direito. Quando jogaram seu corpo inconsciente no poço do elevador de comida, o coitadinho caíra sobre peças metálicas. E depois Reagan despencara em cima dele. O som do impacto tinha sido pavoroso.

Por que eu os deixei tentar aquilo?

Nellie repassou a sequência dos fatos em sua cabeça. Ela não conseguia deixar de pensar nisso. Tinha sido uma ideia estúpida. Ela e Phoenix haviam discutido o plano como se pudesse funcionar. Ela tinha se convencido de que era brilhante. Irretocável.

E então ela deixara um garoto de 12 anos participar de uma missão impossível.

— Como estão os ferimentos dele? — Alistair quis saber.

— São sérios — Nellie respondeu. — Foi uma queda brutal. Em todo caso, obrigada por arrancar a manga de sua roupa, Al. Ela estancou a hemorragia. Mas ele vai precisar levar pontos.

Fiske debruçou-se sobre Phoenix e limpou os arranhões de seu rosto com algodão encharcado em álcool. Ele tinha guardado um pouco de quando Nellie levara o tiro.

— Aiaiaiai — Phoenix gemeu.

Nellie gemeu também.

— Você não pode dar um jeito nele? — pediu Natalie, encolhida contra a parede em posição fetal. — Vamos ser obrigados a ouvi-lo gemendo de dor? Não consigo dormir!

Nellie se voltou furiosa para ela.

— Tudo bem, Nat. Vou falar para Phoenix não deixar que a dor dele atrapalhe o seu sono de beleza.

— Ei, calma lá, pessoal — Reagan pediu, com a respiração chiada em função de uma dolorosa contusão no peito. — Eu vou costurá-lo, ele ficará novinho em folha. No domingo, já vai poder fazer flexões outra vez.

— Você não vai costurá-lo — disse Nellie. — Você quebrou o pulso.

Uma série de sons guturais bizarros a fez olhar para trás. Ted tinha enfiado a cabeça na pequena abertura do elevador de comida. Estava fazendo ruídos com a língua.

O que está acontecendo com este pessoal?

— Ei, Ted... Eu consigo fazer um curativo numa ferida, mas não dou conta de uma decapitação! — Nellie gritou. — Saia daí!

— Estou avaliando a distância exata de que Phoenix caiu, ouvindo o eco dos meus estalos — ele disse, tirando a cabeça do buraco. — Do chão do andar de cima até o teto do elevador, acho que são quase três metros...

Ele pôs cabeça no buraco outra vez. A barra de metal que ainda mantinha o buraco aberto se moveu. Com um barulho horrível, o elevador subiu alguns centímetros.

O corpo de Ted se agitou. Seus pés saíram do chão.

Nellie se levantou de um salto e correu até lá. Colocou uma mão em cima do elevador e o empurrou para baixo. Com a outra, arrancou Ted do buraco.

Ele caiu ao chão, ofegante. A barra metálica se partiu ao meio e foi projetada de volta para a sala, produzindo um ruído surdo na queda.

O elevador subiu, fechando a brecha.

— Ainda bem que você não conseguiu ver isso, Ted — Reagan falou.

Nellie sentia como se seu ombro tivesse sido partido ao meio com uma machadada. Ela caiu de joelhos, gritando de dor. À sua volta, os rostos entravam e saíam de seu campo de visão.

— Querida, você está bem? — ela ouviu Fiske perguntar.

— Nell, você é uma heroína! — Alistair exclamou.

Uma heroína que praticamente mandou um doce de menino morrer!

As lágrimas corriam soltas pelo rosto de Nellie. Num lugar como aquele, não surgiam muitas chances. Era preciso aproveitá-las bem. Não fazer um movimento idiota. Não ferir

outras pessoas com um ato que você mesma não estava preparada para encarar.

— Por favor... — ela falou, fazendo uma careta. — Atirem em mim e vamos acabar com isso.

Alistair se aproximou dela.

— Venha, Nellie. Você precisa se deitar.

— A culpa é toda minha! — disse Nellie.

— Foi um risco calculado — Alistair a consolou. — E corajoso.

— Ei, vamos convencê-los a consertar o elevador de comida e nos mandar alguma coisa para comer! — disse Reagan.

— *Vocês estão loucos? Eles não vão mais atender a nenhum pedido nosso!* — Nellie berrou. — Caiam na real! Fazer exercícios não vai adiantar nada! Tentar enganar os Vesper com lenços de papel e barras de um estrado é coisa de gibi! Ou a gente mata esses palhaços ou eles nos matam! — Ela olhou para cima, para o teto. — *Venham nos pegar, seus covardes!*

Um silêncio mortal se espalhou pela cela. O ombro de Nellie pulsou de dor. Ela percebeu que estava prestes a desmaiar.

Natalie se levantou do chão. Ficou em pé, com os olhos vermelhos e o rosto corado. Numa voz que parecia ter vindo do fundo da sua alma, berrou:

— *Quero minha mãe!*

* * *

— Rápido! — Dan pediu.

— Estou indo a quase noventa por hora — Amy se debruçou para a frente no banco do motorista, olhando sobre a direção de um jeito que fazia Dan lembrar-se da tia Beatrice.

O carro deu uma guinada à direita, e o telefone de Dan escorregou de seu colo. Ele conseguiu pegá-lo, evitando desligar na cara de Sinead, que tinha pedido que ele esperasse enquanto confirmava o voo para Samarcanda.

— Noventa *quilômetros*, Amy! Isso é algo como cinquenta milhas por hora. E se você só consegue dirigir devagar, pelo menos evite movimentos bruscos!

— Eu sei! — Amy falou. — Mas essa é a velocidade máxima permitida. Depois de tudo pelo que passamos, não quero ser parada pela polícia para levar uma multa.

— Alô? — veio a voz de Sinead ao telefone. — Vocês estão bem?

Dan segurou o telefone entre ele e Amy.

— Acho que eu chegaria ao aeroporto mais rápido se fosse a pé. Você conseguiu mudar nossas passagens? Luna Amato sabia o número do nosso voo! A gente contou para ela! Ela já deve ter informado para os Vesper.

— Dan, me ouça — Sinead pediu. — A *Interpol* quer prender vocês, os Vesper querem que vocês cheguem a Samarcanda.

Dan foi entendendo aos poucos.

— Você quer dizer...

— Luna queria que vocês fugissem — disse Sinead. — Foi por isso que ela os tirou da cadeia. Estava planejando deixá-los escapar.

— Então não precisávamos ter feito o que fizemos... — Amy murmurou. — Maravilha. Mais uma vez, eles estão no comando. Nos enroscamos, e eles nos libertam para que possamos correr de um lado para o outro por eles e infringir mais leis.

— Pelo menos a gente comeu bem — Dan observou.

— Seus disfarces e documentos de identificação serão entregues a vocês por um Cahill disfarçado, que vai localizá-los — Sinead explicou. — Vocês vão embarcar no voo comercial das 9h21, usando os nomes e Shirley e Roderick Cliphorn.

— Roderick Cliphorn? — Dan gemeu.

Apenas uma pessoa com um nome como *Sinead Starling* poderia achar isso normal.

Enquanto as duas garotas conversavam, fazendo planos para notificar Atticus e Jake, ele olhou fixamente pela janela. Tinha começado a chover. Sob a luz pálida das lâmpadas da rua, as árvores pareciam pessoas dançando.

Ele pensou na reação de Amy: *Não precisávamos ter feito o que fizemos*.

Ela tinha razão. Eles poderiam ter feito mais.

Aquele jarro era pesado, ele pensou. *Eu deveria ter mirado bem no meio da cara da Luna*.

Com Luna fora do caminho, o Conselho dos Seis teria perdido uma pessoa. Teria enviado a mensagem perfeita para o primeiro escalão dos Vesper.

Por um instante, Dan viu a própria imagem refletida na janela do carro. Nos últimos meses, as pessoas vinham lhe dizendo que seu rosto tinha mudado, que ele tinha crescido. Geralmente ele odiava esse tipo de conversa. Mas então ele enxergou pela primeira vez o formato de um rosto que conhecia apenas uma foto antiga, perdida muito tempo antes do metrô parisiense.

Ele estava começando a ficar parecido com o pai.

Capítulo 16

Amy correu para olhar as informações do voo.

— O embarque começa em dez minutos. Vamos, seu lerdo!

Dan tentava passar despercebido próximo à parede, com os cabelos ruivos da peruca caindo sobre seu rosto.

— Você não me falou que *eu* seria a Shirley — cochichou, furioso.

— Não foi ideia minha — Amy sussurrou, puxando o irmão para seu lado. Os cabelos dela tinham sido presos debaixo de uma boina, e seu lábio superior ainda ardia da cola que prendia um bigodinho no lugar. — Tivemos que nos adaptar aos documentos falsos que Erasmus nos deu. Pense numa coisa: se Vanek nos rastrear, ainda vamos estar naquela cadeia turca quando tivermos 30 anos. Portanto, até chagarmos a Samarcanda, Shirley...

— Se você me chamar por esse nome mais uma vez, eu grito — Dan protestou.

Amy sorriu maliciosamente.

— Até que você ficou bonitinha.

No portão de embarque, Atticus e Jake vasculhavam a multidão ansiosamente.

— Psiu, somo nós! — Amy falou.

Jake olhou novamente e ficou espantado.

— Que raios...?

Atticus cuspiu para fora os salgadinhos que estava comendo. E então, com um grito de alegria, pulou sobre Dan, sufocando-o num abraço enorme.

— Estávamos tão preocupados!

Jake se acercou de Amy. Ela recuou, preparando-se para ser ridicularizada ou receber uma bronca por ter sido capturada. Mas ele a envolveu num abraço.

— Que bom que vocês estão bem.

Por um instante, Amy ficou atônita. Quando Jake se afastou, sua expressão não era mais de ironia nem de raiva. Ele estava sorrindo como um garotinho. Amy nunca o tinha visto assim.

Ainda receosa, ela relatou o que havia acontecido nas últimas horas. Sinead já tinha posto Atticus e Jake a par dos fatos mais recentes, mas mesmo assim eles ouviram fascinados.

Jake balançou a cabeça, como se a preocupação o tivesse deixado arrasado.

— Bem que eu desconfiei daquele senhor do hotel. Não devia tê-lo deixado levar vocês.

— Não foi culpa sua, Jake — disse Amy.

Ele a olhou, parecendo pedir perdão. Amy virou para o lado, sem jeito. Mas não deixou de gostar da sensação.

O chamado do voo para Samarcanda ecoou pelo terminal. Dan dirigiu-se para o portão de embarque.

— Vamos lá, Rod.

Seu telefone vibrou um instante depois. Ele parou e tirou o aparelho do bolso para ler a tela.

Pálido, mostrou a mensagem a Amy:

Curtam sua liberdade, Shirl e Rod. Já é mais tarde do que vocês pensam. E digam ao Guardiãozinho que se cuide. Eu nunca me esqueço.

A barriga de Amy deu um nó.

— Como é que ele sempre sabe?

— "Mais tarde do que vocês pensam"... O que ele quer dizer com isso? — Dan se perguntou.

— Talvez — Atticus falou baixinho — ele já tenha matado os reféns.

Amy olhou nos olhos de Dan. A simples sugestão de que isso tivesse acontecido era medonha, de uma frieza desumana. Exatamente o tipo de coisa que Vesper Um faria.

— Pergunte a ele! — Jake incentivou.

— Não podemos — ponderou Amy.

— Ahnn... Podemos, sim — Dan tirou do bolso um celular cor-de-rosa de aparência conhecida.

Amy ficou estarrecida.

— Você pegou o telefone de Luna Amato?

— Me desculpe. Não resisti — respondeu Dan, dando de ombros.

Atticus achou o máximo.

— Você é demais, Shirley!

Dan digitou rapidamente:

E aí, Vespinho? É a nossa vez de fazer um pedido. Se vc que receber o próximo item, qremos provas da vida dos reféns.

Eles esperaram em silêncio tenso por um instante até surgir a resposta:

Gostei. Logo mandarei provas. Mas se apressem: vocês têm 2 dias e 5 horas. Quanto ao G, vou deixar ser uma surpresa.

Capítulo 17

— Cuidado, Amy! — Dan berrou.

Amy estudava suas anotações sobre Samarcanda. Ela olhou para cima quando faltavam centímetros apenas para chocar-se com um tonel cheio de melões. Uma mulher que carregava um caixote de pimentões vermelhos desviou dela. A feira Siab Dekhkhan, logo em frente ao hotel, estava movimentada, repleta de comerciantes que montavam suas barracas.

— Desculpe, desculpe... — Amy murmurou.

Eles tinham chegado quando já estava escuro, pois o voo atrasara. Amy não havia conseguido dormir, então começara sua pesquisa antes do nascer do sol. Até aquele momento, Samarcanda estava sendo uma sucessão de atrações para os sentidos. No escuro, eram os aromas diferentes: o de pão quente assado durante a madrugada, o perfume de café. A chegada da manhã foi acompanhada por um coro de sons: chamados para orações, buzinas de táxis, caminhões fazendo entregas para a feira. E a luz do dia trouxa a visão de uma feira muçulmana antiga, com barracas de especiarias que formavam um oceano de cores.

Amy abriu caminho na praça já lotada, à sombra da grande Mesquita de Bibi-Khanym. Os ladrilhos azuis e dourados da edificação brilhavam à luz do sol. Amy sentia como um dos

elefantes que arrastaram pedras da Índia para a construção daquela estrutura maciça. Camelôs aos gritos ofereciam pimentas, pães, arroz, frutas... sempre com o melhores preços! Amy queria conhecer tudo, queria absorver absolutamente cada detalhe. Mas não agora.

Ele olhou em volta, procurando Atticus e Jake, que tinham corrido à frente para buscar um táxi. Dan tinha ficado atrás dela, praticamente salivando diante de uma cesta de pães redondos e achatados no meio.

— Veja, são pizzas pequenas e peladas! — ela ouviu sua voz.

— Sinto muito, senhor Pokey, não vamos parar — Amy respondeu. — O observatório vai abrir em alguns minutos.

— *Senhor Pokey?* — Dan gemeu.

— Pelo menos você não é mais a Shirley — Amy deu um sorriso maroto.

Quando viraram a esquina, Jake Rosenbloom acenou para ela, mantendo aberta a porta de um táxi branco. Em instantes, os quatro estavam no carro, subindo a rua em direção a uma das atrações mais famosa de Samarcanda: o Observatório de Ulugh Beg.

Olhando pela janela, Amy viu uma cidade espalhada em um deserto plano, cercada de montanhas. A arquitetura era quadrada e de cores pálidas, pontuada pelo dourado claro de minaretes. Era como se toda a energia criativa tivesse sido gasta

na Antiguidade. Ela semicerrou os olhos, imaginando uma planície cheia e tendas, uma avenida larga com sulcos deixados por cavalos e bois.

— Ok, Amy e eu fizemos pesquisas — Atticus começou. — O que sabemos é o seguinte: entre os séculos IV e XIV, Samarcanda era, tipo, o lugar. Era o centro do Oriente Médio, que era o centro do mundo. Foi um milênio maravilhoso para os muçulmanos.

— Até o século XV, na verdade — Amy o corrigiu. — Portanto, foram 1.100 anos.

— Tá bom, se você quer se apegar a detalhes... — Atticus prosseguiu: — A Rota da Seda passava por aqui, e pessoas de todo o mundo a percorriam para comerciar produtos. Seda, alimentos, joias... É, tipo, "Bi-bi, os indianos estão chegando! Os russos! Chineses, mongóis! Birmaneses!". Bom, provavelmente não era "bi-bi", era mais um som de camelos grunhindo e cuspindo...

— Persas, também — Amy interveio. — Da Mesopotâmia. Eles foram uma parte importantíssima dessa história.

— Quer deixar Atticus falar? — Dan a interrompeu. — *Ele* é interessante!

Atticus apontou para uma colina distante.

— Imagine aquela construção imensa ali. Mercadores montados em seus iaques e jogando papo pro ar. "É deveras

interessante, Mohammed!” “Ó, Vladimir, esse é nosso observatório! Ora, ele faz inveja ao mundo!” Se bem que, na realidade, eles falavam línguas diferentes...

—`Peraí. Quem são Mohammed e Vladimir? — Dan quis saber.

— Só estou imaginando! — Atticus explicou.

— Talvez a Amy devesse falar — Jake sugeriu. — Não que ela seja mais inteligente, é claro. Apenas mais rápida.

— Obrigada, Jake.— embora os elogios dele fossem insultos, Amy sentiu seu rosto corar. — Samarcanda era a capital de um canado, mais ou menos como um país. O nome de seu líder era Taragai, mas ele era conhecido como Ulugh Beg, que significa “grande governante”. Ele também era um gênio da matemática e da astronomia. Sua escola ainda existe, e seu observatório foi o maior da história.

— Alô? — interrompeu Dan, erguendo a mão no banco de trás. — Antes que eu caia no sono... Estou pensando: estamos procurando algum tipo de orbe, certo? *Orbis latao?* E era isso que Ulugh Beg media... orbes. Os planetas, as estrelas, a Lua, certo?

— Sim, Dan tem razão! — falou Atticus. — Beg era obcecado por essas coisas. Ele queria desenhar os movimentos dos corpos celestiais. Queria contar todas as estrelas do céu, algo que apenas um grego chamado Ptolomeu tinha tentado fazer na

época. Mas Beg disse algo do tipo: “Ouçam: meus sextantes e astrolábios portáteis são o máximo, mas não são precisos! E eu tenho que arrasar no mundo da astronomia!”. Então ele construiu o observatório...

— Opa, aperta o PAUSE — Dan pediu. — Você não está entendendo o que eu quis dizer. A *Medusa* nos levou até Roma, onde encontramos o manuscrito de Marco Polo. O manuscrito tinha o mapa, e o mapa nos trouxe para cá. Até agora tudo girou em torno de mapas e lugares. A lista de Astrid, a lista de McIntyre: lugares. Agora temos que encontrar um *orbis latao?* O que um orbe tem a ver com os lugares, a não ser que o lugar fique no espaço?

— Acho que devemos manter a mente aberta — Amy ponderou. — Beg construiu diretamente na rocha um sextante de tamanho olímpico. A luz entrava por um buraco no teto e um pêndulo enorme ficava pendurado sobre imensos trilhos de pedra semicirculares que corriam no sentido norte-sul. Os astrônomos alinhavam as estrelas e então registravam suas posições numa parede curva. Com o tempo, eles passaram a desenhar as trajetórias, chamadas orbitais. Mais ou menos como um planetário, só que de cabeça para baixo. É o famoso sextante de Fakhri.

— Pensei que Famoso Fakhri fosse uma barraca de falafel — disse Dan.

— É como uma pista de montanha-russa de 36 metros — disse Atticus. — E feita de pedra polida.

O rosto de Dan se iluminou.

— Legal. Falta muito pra chegar?

* * *

"Nas profundezas de Gurkhani Zij,

Está de Taragai o inacabado produto:

Um instrumento imperfeito, de grande poder,

Mas de tamanho diminuto!"

Salim Umanov, o guia de turismo, tinha voz profunda e dramática. O vento quente agitava sua barba grisalha enquanto ele andava pelo platô circular que se eleva sobre Samarcanda. Após a última palavra do poema, ele fez uma pausa sob uma árvore pequena e torta do deserto e agradeceu pelos aplausos. Ao longe, atrás dele, as lápides manchadas de um cemitério se estendiam até abaixo do horizonte. Com seu colete bordado e suas longas vestes brancas soltas, Atticus achou que o guia parecia um sábio da Antiguidade.

— Esse poema anônimo — disse Umarov — é uma descoberta arqueológica recente à qual nossa biblioteca teve acesso. Alguns acreditam que foi escrito por Ulugh Beg.

Mas *Tanagai* era seu nome verdadeiro, portanto não creio nessa hipótese.

Atticus sentiu os olhos fechando. Mal tinha dormido na noite anterior. Ele não queria pesquisar tanto, mas Amy não tinha parado de estudar, então quis equiparar-se a ela. Agora estava arrependido.

Um brilho dourado chamou sua atenção, e de repente ele estava totalmente desperto.

Uma cabeça familiar, coberta por cabelos loiros, pairava sobre as cabeças do grupo, aproximando-se dele.

Casper.

Recuando devagar para afastar-se do grupo, Atticus tentou chamar a atenção de Dan (ou a de Jake ou a de Amy), mas todos estavam absortos, ouvindo o guia.

Como ele me encontrou?

Por que os outros não tinham notado Casper? Ele estava quase junto deles! Atticus abriu a boca para avisá-los, mas as palavras não saíram.

— Rapaz, cuidado com o soclo! — Ulmarov pediu.

Atticus tropeçou numa mureta e caiu de costas no chão. Jake correu até ele. As pessoas abriram caminho. Casper estava erguendo algo em sua mão... um objeto que brilhava ao sol...

— *Cuidado, Jake!* — Atticus berrou.

Seu irmão o levantou.

— O que foi, Att? Você está bem?

Atrás deles, o homem loiro tirou uma foto. Abaixando a câmera, revelou o rosto magro de alguém com idade para ser avô deles.

— Pensei... que fosse Casper... — Atticus confessou.

Jake se virou.

— Precisamos arrumar óculos novos para você.

Dan limpou o pó das calças de Atticus e pegou do chão algumas moedas que tinham caído dos bolsos do amigo.

— Eu sei qual é a sensação. Quando acontecem coisas realmente ruins com a gente, é difícil se desligar.

— Se Casper pensar em chegar que seja a cinco quilômetros de nós, ele estará frito — Jake declarou. — Estamos todos protegendo você, Att. Bem, pelo menos eu estou.

— Nós também — Amy falou, irritada.

Atticus concordou com a cabeça. Respirando fundo, voltou para o grupo de turistas com Dan.

— *Soclo?* — perguntou Dan. — É tipo um *tapla?*

Atticus riu.

— Soclos são as fundações originais. Esses muros baixinhos. A biblioteca e outras partes são novas, incluindo aquela porta grande e enfeitada, que leva ao sextante Fakhri.

Umarov conduziu o grupo em direção à porta, caminhando entre duas muretas baixas que formavam desenhos retangulares.

— Imaginem este planalto vazio no início do século XV, fora do alcance da luz das fogueiras de Samarcanda. Escuridão absoluta e tantas estrelas brilhantes! Ulugh Beg catalogou 1.022, mas isso é o de menos, não?

Ele abriu a porta. Atticus e Dan correram para ser os primeiros do grupo a entrar. A temperatura caiu imediatamente, como se o frio do próprio espaço sideral tivesse sido capturado lá dentro ao longo dos séculos. Um caminho estreito de pedras levava a uma grade larga que dava para um buraco negro e fundo.

A respiração de Atticus ficou presa na garganta, mas não por conta da temperatura. Ele já tinha visto muitas fotos de sextante de Fakhri, porém, elas não faziam justiça à vastidão maciça de paredes de pedra, que mergulhavam na terra como gigantescas presas de mamute, com escadarias de pedras iguais de cada lado. Atticus se perguntou como lajes de peso e dimensões tão grandes puderam ser moldadas com tanta precisão e polidas para formar uma curva circular perfeita. Ele imaginou centenas de escravos martelando as rochas, esculpindo a pedra sob o sol árido, usando especificações com a precisão de uma fração minúscula de um círculo... usando o número pi! E então, de

alguma maneira, tiveram que subir um aclive curvo, carregando as lajes. E, se fossem posicionadas com erro de apenas um centímetro, a coisa toda não funcionaria.

— Uau — disse Atticus.

— Cara, daria para ganhar dinheiro de verdade alugando skates aqui! — comentou Dan.

Amy, que tinha se posicionado ao lado do irmão, lhe deu um cutucão.

Umarov inclinou a cabeça, achando graça.

— Uma ideia deveras interessante, como dizem. Especialmente porque o sextante de Fakhri era muito mais alto que isto. — Ele fez um gesto, começando do chão até muito acima. — Ele seguia em curva, passando por onde estamos agora, e entrava numa construção com uma cúpula gigante.

— Bacana — disse Dan, curvando a cabeça para trás.

— Ele acompanha exatamente o meridiano norte-sul — Umarov prosseguiu. — As medições de estrelas e planetas feitas por Ulugh Beg foram precisas até 1/600 avos de um grau. Seria a largura de uma moeda de um centavo à distância de uns quinhentos metros.

Atticus olhou para as paredes irregulares, fascinado. Qualquer espécie escrita que eles pudessem ter lido já tinha desaparecido.

— Então era isso? — Dan perguntou. — Eles ficavam aqui, esperando as estrelas se moverem?

Umarov fez outra pose e recitou:

"*Que dizer da obra de Ulugh Beg,*
Que contou as estrelas imortais?
Vasto era seu catálogo, porém,
Suas divisões era três, não mais.

Quando enumeradas em ordem descendente
Pelo ápice de Fakhri a começar,
Descem e sobem, e descem novamente
Para sobre o coração de meu rei lhe postar."

— Que diabos isso significa? — Dan perguntou.

Umarov deu de ombros.

— Não faltam teorias a respeito. Talvez fosse um indicativo de como ele trabalhava. O sextante era de fato o coração de Ulugh Beg. O pêndulo descia e subia. O astrônomo ficava postado no fundo e olhava pelo poço, alinhando visualmente as posições das estrelas. Os corpos celestes eram observados diariamente ao longo de muitos anos, e sua posição era marcada. É claro que as estrelas orbitam em muitos planos, de modo que as fórmulas eram complicadas. Portanto, as "divisões"

podem ser as construções originais do observatório. “Enumeradas em ordem descendente” pode aludir à posição da estrela à medida que a luz desce pelo pêndulo. Ou pode ser uma referência aos muitos instrumentos menores de Beg, como lineares paralácticas, esferas armilares, astrolábios portáteis...

— Astro quem? — Dan quis saber.

— Um astrolábio é uma versão menor de um sextante — Umarov explicou. — Não é tão preciso quanto o sextante, é claro, mas teve grande importância para a astronomia antiga, por ser portátil. Muitos astrolábios eram trabalhos belíssimos, uma verdadeira união da ciência com a arte.

Atticus olhou a extensão da curva. O que Vesper Um poderia querer: os próprios trilhos, enormes e pesados?

— Com licença — ele interrompeu. — Se eu dissesse “orbis latao”, o senhor teria alguma ideia do que se trata?

O guia parou. Voltando-se para Atticus com o sorriso, acenou cordialmente com a cabeça.

— É claro que sim.

Quatro pares de olhos se voltaram rapidamente para o rosto do guia idoso.

— O senhor sabe? — Amy se animou.

Confuso, Atticus pediu:

— Pode nos dizer como encontrar isso?

Umarov riu e procurou algo num bolso de seu traje comprido.

— Com certeza. Mas, se você a chamar de “isso”, receio que ela possa não querer recebê-lo.

Entregou um cartão de visita a Atticus.



Capítulo 18

Lorbis Atan... orbis latao.

Muito esperto, Atticus pensou, enquanto o táxi passava pelo cemitério, a caminho da cidade. Não era uma dica matemática, não era um joguinho estranho de palavras, mas homófonos!

— Isso não me parece certo — Jake opinou. — Acho que é um engano. Uma coincidência.

— Existem poucas coincidências nesta vida — Amy deu sua opinião.

Jake fez pouco-caso.

— Obrigado, senhorita cansada deste mundo.

O motorista estava discutindo com alguém ao celular e dando guinadas malucas. Ele freou de repente diante de um prédio pequeno com janelas cujas cortinas estavam fechadas.

— Meu chefe telefona — ele disse. — Alguém liga para ele, perguntando sobre duas crianças americanas. Ele quer saber nomes. Eu digo a ele que estou com quatro crianças e então desligo.

Jake murmurou:

— Ele quer dizer: "Eu acobertei vocês, então vocês me devem uma gorjeta bacana".

Atticus desceu do táxi enquanto Amy pagava.

— Vamos lá, Arthur... Julius... Leonard! — ele os chamou.

Dan gargalhou tanto que quase caiu fora do táxi.

— *O quê?*

Atticus esperou até Amy e Jake terem descido.

— São os nomes verdadeiros dos irmãos Marx — ele explicou. — Para disfarçar nossos nomes. Porque talvez tenha sido a Interpol quem ligou para o motorista!

— Que instinto! — Amy elogiou.

— Concordo, Julius — disse Dan.

Jake caminhou até a porta da casa de número 137.

— Vocês são todos malucos.

Ele bateu com força. Era uma fachada decrépita, descuidada, comprimida entre dois prédios comerciais mais novos. A campainha estava na ponta de um cabo elétrico enferrujado, e um cartaz gasto, desenhado à mão, pendia torto sobre a porta da frente.

Atticus ouviu passados arrastados se aproximando. A porta foi entreaberta alguns centímetros, e dois olhos injetados de sangue olharam para fora.

— Quem é? — indagou uma voz de mulher.

— É a senhora Lorbis Atan? — Jake perguntou.

O rosto recuou, a corrente foi solta e a porta se abriu.

Uma lufada de ar mofado saiu da casa. Atticus entrou com cautela numa sala pequena e escura. Quando seus olhos se ajustaram à pouca luz, ele viu abajures com franjas, gaveteiros tortos, tapetes esgarçados e relógios de madeira que batiam as horas ruidosamente. Tudo estava coberto por uma espessa camada de pó.

— Minha sala de atendimento fica lá em cima — rosnou a mulher, dirigindo-se a uma escada decrépita. — Venham, mas não acordem Ruhan.

Atticus avaliou o sotaque da mulher. *Letão ou finlandês. Ou estoniano, quem sabe.* Ele seguiu Amy e Jake escada acima, voltando-se então para ver onde estava Dan.

Mas o amigo estava parado no meio da sala de estar, chiando e com o rosto pálido.

— Não consigo... respirar... asma.

Amy se voltou como um raio.

— Ele não pode ficar aqui!

— Eu vou lá fora com ele — disse Atticus, descendo rapidamente a escada de volta. — Fique aqui com meu irmão.

Ele acompanhou Dan para fora, até a calçada. Ofegante, Dan tirou uma bombinha do bolso e inspirou duas vezes.

— Me desculpe — falou. — Isso raramente me acontece hoje em dia. Preciso andar um pouco.

Atticus o pegou pelo braço e eles desceram a rua Kuk-Saray. À sombra dos prédios, o ar ainda guardava um pouco do frescor da manhã. Atticus adorava o ar seco e desértico de Samarcanda. Parecia aguçar todos os cheiros. Andar pela rua era como percorrer florestas de zimbro e canela.

Agora, enquanto respirava fundo com Dan, ele captou um aroma de algo conhecido.

Plov.

Anos atrás, Atticus tinha viajado a Taskent com seu pai e visto homens enchendo um caldeirão imenso com montes de carne de carneiro, cenouras amarelas, passas, especiarias e arroz. Eles trabalhavam com uma rapidez impressionante e tinham uma expressão solene no rosto; ao final, deixavam o prato assar durante horas num poço, sob cobertores espessos. *Plov* era tão delicioso que quase o fazia...

— Chorar — disse Dan.

— O quê? — falou Atticus, acordando de sua fantasia.

— Se eu não comer seja lá o que for essa coisa que está cheirando tanto, acho que vou chorar.

Atticus concordou.

— Mas é perigoso a gente se separar deles.

— Perigoso... — Dan falou em tom de dúvida.

— A não ser que... — Atticus prosseguiu.

Dan concordou.

— A não ser que a gente vá bem rápido.

Eles correram juntos, descendo o quarteirão. As pessoas já saíam de seus escritórios para almoçar. A rua estava lotada de mulheres de vestido estampado longo e lenço colorido na cabeça. Muitos homens usavam pequenos barretes com desenhos em preto e branco, com quatro costuras laterais, de modo que o topo formava um quadrado.

No fim da quadra, alguns degraus de pedra levavam a um pequeno mercado com várias lojas. Numa barraca de comida, um

homem fortão e bigodudo estava ao lado de dois caldeirões borbulhantes. Eram versões menores do caldeirão que Atticus tinha visto no passado. Ele conhecia aquele aroma. Sua boca já estava salivando.

— Isso é *plov?* — ele perguntou ao homem.

O homem concordou com a cabeça, com expressão de orgulho.

— E *nochas*... Ervilhas amarelas doces. Uma delícia.

— É como aquela canção — Dan murmurou. — *All you need is plov*...

Atticus sorriu.

— E temos pão *non* — o homem prosseguiu. Ele apontou para um forno fundo onde pães fofos estavam grudados às laterais, como se tivessem crescido ali. — E, para beber, *katyk*, feito com iogurte e melancia. Muito bom.

Dan estava olhando para algo do outro lado da praça.

— Peça dois de cada — ele falou, colocando dinheiro na mão de Atticus. — Volto já. Preciso comprar um souvenir.

— *Souvenir?* — Atticus protestou. — Espere aí. Não deveríamos ficar juntos? Afinal, nós dois estamos sendo perseguidos!

— Ninguém sabe quem somos — Dan falou. — O lugar aonde eu vou fica a vinte metros daqui. Vai ser só um segundo. Estaremos no campo de visão um do outro. Não se preocupe.

Ele correu para uma loja de tecidos do outro lado da praça. Antes de entrar, acenou para Atticus, num gesto tranquilizador.

Atticus levou a comida para uma mesa ao ar livre. Partiu uma fatia do pão *non*, sentindo seu perfume quentinho. Colocou um pouco de *plov* em cima e dobrou o pão. Quando o tinha próximo a boca, viu uma figura sentada num banquinho do outro lado da rua.

De onde aquele homem surgiu?

Ele não estava lá um instante antes. Era enorme e estava suado; sua barriga esticava ao máximo os botões da camisa branca. O homem segurava um violão, mas ainda não estava tocando. Quando Atticus olhou para ele, o homem desviou o rosto rapidamente.

Atticus respirou fundo. Era fácil ficar paranoico. Ele precisava se acalmar. Deu uma mordida no pão com *plov* e tomou um gole de *katyk*.

Quando pôs a bebida sobre a mesa, notou que o violinista barrigudo tinha deslizado sua banqueta para mais perto dele.

Atticus olhou rapidamente para a loja de tecidos. Dan tinha desaparecido lá dentro. Mais e mais pessoas chegavam à praça, e Atticus mal conseguia enxergar a porta da loja. Comeu mais um pouco de *plov* e então se levantou.

Quando começou a atravessar a praça, o homem rapidamente ficou em pé. Colocando o violão sobre a banqueta, também

dirigiu-se à loja de tecidos. Para isso, precisava percorrer uma distância muito menor que Atticus.

— Dan! — Atticus gritou.

Sua voz se perdeu no meio da multidão ruidosa. Atticus se virou e correu de volta na direção da qual tinham vindo, empurrando pessoas a fim de abrir caminho. Um senhor idoso e barbudo sacudiu o punho para ele e gritou algo em uzbeque.

Atticus subiu as escadas, dois degraus de cada vez. Havia menos pessoas no topo. Para voltar até a casa de Lorbis Atan, seria um trajeto fácil. Saltou até o topo e começou a correr.

Um homem de bicicleta saiu pedalando de uma viela à sua esquerda, freou e parou bem em frente a Atticus.

— Cuidado! — o menino berrou, virando à direita.

O ciclista mudou de direção, acompanhando os movimentos de Atticus, que tropeçou e caiu de joelhos. Ele se levantou, apavorado e olhando para trás.

Um braço robusto agarrou seu ombro e o virou. Atticus estava frente a frente com o violinista. O homem ofegava, com o rosto vermelho pelo esforço físico.

— Saudações, Atticus Rosenbloom — falou, com forte sotaque uzbeque.

Capítulo 19

— Esta é a pupa seca de uma mariposa — desse o senhor idoso da loja de sedas, mostrando um prato com grandes e reluzentes cascas de insetos. — Uma delícia.

— Não, obrigado — Dan respondeu, contendo a náusea. — Meu *plov* me aguarda lá fora.

— Quê? — o homem perguntou.

— Nada. Eu estava pensando em uma coisa. São estas mariposas que fazem a seda que o senhor vende? Elas são da espécie *Bombyx mori?*

O homem pareceu impressionado.

— Ah, um rapaz sério! Sim é a resposta às duas perguntas. Nós criamos a *Bombyx mori* com muito cuidado. Usamos suas larvas para produzir a seda. A casca serve de alimento. Somos... como vocês dizem? Um empreendimento verde, ecologicamente correto.

Dan mal podia se conter. *A secreção do bicho-da-seda, a larva da mariposa* Bombyx Mori. De todas as 39 pistas, ela era a mais difícil de achar.

Que lugar melhor para encontrá-la que na Rota da Seda?

— Eu estava pensando... — disse Dan. — Quanto o senhor cobra pelas secreções?

O homem pareceu perplexo.

— Secreções? Você que dizer a seda líquida, não a própria seda? Posso fazer isso, colocar as secreções num tubo. Mas elas não podem ser expostas ao ar...

Dan colocou um maço de dinheiro sobre o balcão.

— Preciso de tudo o que o senhor tiver, por favor.

A expressão confusa do idoso desapareceu.

— É para já.

Instantes depois, Dan estava saindo com um tubinho de fluido branco espesso. O 16º ingrediente.

— Ei, Att! — ele chamou. — Você guardou um pouco de *plov* para mim?

Ele parou diante da mesa, onde três homens de meia-idade estavam ocupados com seus smarthphones. Sua comida e a de Atticus estavam empilhadas sobre uma cadeira vaga.

— Vocês viram o garoto que estava aqui agora mesmo? — Dan perguntou.

Um homem deu de ombros, outro resmungou alguma coisa e o terceiro gritou com a tela de seu telefone.

No alto da escadaria, de onde tinham vindo, ele viu uma cena confusa: uma pessoa grande; dreads se movendo para um lado e para o outro.

Ele correu o mais rápido que pôde. Atticus estava lutando com um sujeito de bicicleta e um homem enorme.

Dan subiu as escadas correndo e investiu com seus ombros contra os joelhos do grandalhão. O sujeito oscilou e então despencou como um tronco de sequoia, ainda agarrando Atticus.

Os três caíram no chão.

Uma pequena multidão tinha se formado em volta deles, observando a cena sem entender. O grandalhão se sentou, colocando uma mão sobre o ombro de Atticus e outra sobre o de Dan.

— Eu não sabia que seria tão difícil transmitir um recado de Mark Rosenbloom. Atticus, seu pai me pediu para lhe dizer que vá para casa. Ele está furioso.

* * *

O som dos passos penetrou no sonho de Nellie.

No sonho, ela tinha preparado um magnífico bufê em seu restaurante imaginário, o Gomeztíveis. Mas homens com botas militares sujas estavam amassando seus pastéis de massa folhada. Estavam chutando escalopes de vitela em direção às paredes, esguichando sangue da morcela...

— Não! — ela gritou alto.

Uma batida forte do lado de fora a fez gritar outra vez. Ela acordou e sentiu o cheiro fétido do cativeiro, que já conhecia tão bem.

Encolhida contra a parede, Natalie murmurou, ainda dormindo:

— Kenilworth, abra a porta, por favor.

— Nat! Pessoal! — Nellie chamou. — Eles estão aqui.

A porta corrediça deslizou para o lado e se abriu, atingindo a parede interna com um baque forte e fazendo chover pó sobre o chão.

Três homens de macacão branco entraram no cativeiro. Usavam máscaras pretas e portavam armas, guardadas em seus coldres. Um deles jogou uma pilha de uniformes limpos no chão. Outro entregou a Alistair uma cartolina e um bilhetinho escrito à mão. Alistair leu o bilhete. Parecia perplexo.

— Vocês querem que eu copie estas palavras na cartolina? Para quê?

O homem levantou o pé e preparou-se para chutar. Alistair recuou.

— Deixe-o em paz! — Nellie berrou. — Al, faça o que estão mandando. Pessoal, vistam os uniformes. Sem fazer perguntas. Já.

Quando todos tinham se trocado, os homens indicaram com gestos que eles deveriam ficar lado a lado, encostados na parede.

— Santo Deus — Fiske murmurou. — Se vão atirar em nós, para que a roupa limpa?

— Para o sangue se destacar melhor — disse Nellie.

— Não tem graça! — Natalie protestou, tremendo violentamente e recuando para a parede.

Ainda andando encolhido por causa dos ferimentos, Phoenix conduziu Ted até a parede. Ted pôs o braço nos ombros de Natalie e olhou para frente, com expressão de desafio. Reagan se postou ao dele, com os braços cruzados. Nellie se ajoelhou à frente, ao lado de Alistair, que ainda escrevia na cartolina. Fiske ficou em pé atrás dos dois, com uma mão reconfortante sobre o ombro de cada um.

Nellie viu um lagarto entrando pela porta aberta. Estava andando na parede, atrás do grupo. Nellie torceu para que a fresca da Natalie não visse o bichinho.

Mas não teve essa sorte.

— Ecaaaaaa! — O grito de Natalie foi de rachar os tímpanos. — Aquela coisa encostou em mim! Fui envenenada! Chamem um médico!

Nellie se virou. O lagarto estava parado na parede, parecendo assustado. Era lindo. O complexo desenho preto e branco de sua pele parecia uma imagem misteriosa, cheia de pontinhos. Ela estendeu a mão e pegou o bichinho, cujo coração batia freneticamente.

— Você o está assustando, Nat — ela observou. — Calma, rapaz. Ou moça. Seja lá o que você for.

O pequeno lagarto pareceu acalmar-se na sua mão. Nellie sorriu. Se ela ia morrer, que seu último ato em vida fosse reconfortar outro ser vivo.

Um som metálico ecoou com força. Nellie endureceu o maxilar e olhou para cima.

Um dos guardas segurava um celular com câmera.

— Digam “xis” — ele ordenou.

— O quê...? — Reagan protestou.

— Isso é algum tipo de brincadeira? — Fiske exigiu saber.

— Creio que não — respondeu Alistair, erguendo a cartolina.

O coração de Nellie bateu mais forte. Uma foto digital. Significava que alguém ia ver a foto. E isso significava uma possível conexão com o mundo externo.

Faça com que valha a pena.

Teve uma ideia repentina, maluca, e ergueu o réptil em direção à câmera. Sorriu.

— Xis.

Capítulo 20

A aparência deles era péssima.

Olhando fixamente para a imagem dos reféns em seu telefone, Amy mal conseguiu conter as lágrimas. Vesper Um tinham mandado a foto no momento em que eles voltavam ao quarto do hotel.

Na tela do laptop, Sinead e Evan também olhavam a imagem, que Dan tinha retransmitido para o telefone de Sinead.

— Uau — comentou Sinead no laptop de Dan. — Eles estão...

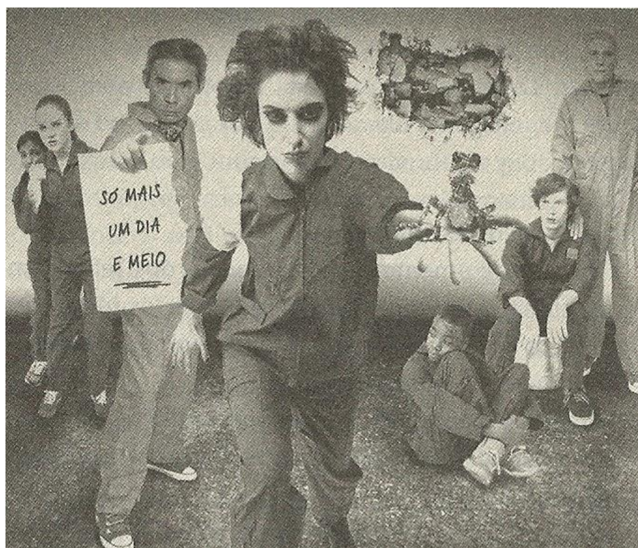
— Acabados — disse Jake.

— Desesperados — Atticus acrescentou.

— Vivos — interveio Dan.

Os sete reféns estavam ali. Essa era a parte boa. A parte ruim era todo o resto. Eles estavam diante de um buraco grande na parede. Phoenix Wizard tinha um corte sangrento na testa. O pulso de Reagan Holt estava enfaixado, e Natalie parecia ter encolhido. Nellie aparentava estar quase louca, apresentando um lagarto em pose agressiva, como se o bicho fosse uma espada.

Mas o que mais assustou Amy foi a imagem de tio Alistair. Ele olhava para a câmera com uma expressão de raiva e desafio, erguendo um cartaz feito à mão:



— Conheço essa letra — Amy comentou.

Na tela, Evan concordou.

— É a letra de Alistair. Vesper Um o obrigou a escrever. Imagino que ele não quisesse que ninguém da organização Vesper o fizesse, pois isso nos daria uma amostra de letra para analisar. Ele foi esperto.

— Paranoico — Dan opinou.

— Parabéns a Dan por ter pensado rápido — Sinead comentou. — Ele forçou Vesper Um a fazer a foto. Pode não parecer, gente, mas a sorte está mudando. Os reféns estão vivos, Atticus passou a perna nos irmãos Wyoming em Goreme, e agora acabamos de ter notícias de Jonah e Hamilton. Eles chegaram a Pompeia. Algum avanço em relação ao orbis latao?

— Não é Lorbis Atan — falou Jake com amargura, tocando seu braço enfaixado. — Aquilo não deu em nada, exatamente como previ.

— O que aconteceu com seu braço? — Sinead perguntou. — Parece estar todo arranhado.

— A velha nos falou para "não acordar Ruhan" — Jake respondeu — mas como a gente poderia saber que Ruhan era um chimpanzé? Parece que eu falei alguma coisa que soou como "comi suas bananas" em estoniano. E, para premiar meus esforços, descobri que Atticus tinha fugido.

— Na realidade, Dan e eu só fomos comer *plov* — Atticus explicou — mas papai estava tentando nos localizar, ligando para empresas de táxi. Deve ter sido essa ligação que nosso taxista recebeu. O sujeito nos dedurou. Então papai entrou em contato com um antigo aluno dele que se mudou para cá para fazer o doutorado. O cara também estava ganhando um pouco de dinheiro como músico. Bem, enfim, ele me encontrou. Ah, e por falar nisso, Jake, papai quer que você e eu voltemos para casa.

— Vou falar com ele — Jake prometeu.

Amy não estava mais prestando atenção na conversa. Ela olhava fixamente para imagem dos reféns. Um par de olhos parecia tentar dizer algo a ela.

Os olhos de Nellie.

A expressão da *au pair* era maníaca. Quase fora de si.

Conheço essa cara.

Era exatamente a expressão que Nellie fazia quando estendia seu iPod a Amy. *Você PRECISA ouvir isto!*

— Que história é essa com o lagarto? — Atticus perguntou, olhando por cima do ombro de Amy. — A garota dá a impressão de estar possuída.

— Talvez ela tenha sido picada — Jake sugeriu. — O veneno de répteis pode provocar alucinações. Coisa que você saberia se tivesse visto o programa especial sobre a África do Sul que passou há pouco tempo.

Amy suspendeu a respiração por um instante.

Ela não está pedindo para ouvirmos. Está pedindo para vermos.

— Você sabe se esse lagarto é da África do Sul? — Amy perguntou a Jake.

— Eu estava dando um exemplo — ele respondeu. — Na realidade, não sei de onde esse aí vem.

Amy sorriu com alegria. *Nellie não está louca. É a única pessoa nesta foto que ainda está pensando direito.*

— Obrigada, Jake! — ela exclamou, agarrando-o pelos ombros e dando-lhe um beijo no rosto.

Jake arregalou os olhos e tocou a bochecha.

— Por nada. Quero dizer...

Na tela, Evan ficou boquiaberto de susto.

— Amy?

— Evan, Sinead... Olhem para Nellie na foto! — Amy pediu. — Ela está tentando nos dizer alguma coisa. O que sabemos sobre esse lagarto? O tamanho dele, o desenho de sua pele, tudo isso vai indicar de que região do mundo ele vem. Vamos saber onde os reféns estão presos!

— Maninha, você é demais! — Sinead exclamou. — Vamos começar a pesquisar isso já.

Amy sorriu. *Maninha*. Ela gostava do som disso. A expressão de Sinead a deixou animada. Fora o único relance de felicidade que tinha tido o dia inteiro.

— Ahn, Ames? — falou Evan, com a voz um pouco trêmula. — Isso foi brilhante. Realmente. Só quero reforçar o quanto... o quanto você é brilhante. Porque, sabe, ando pensando nisso. E em você, sabe.

— Obrigada, Evan — disse Amy. — E Sinead. Ah, e agradeçam ao Ian, também!

Sinead e Evan se entreolharam rapidamente. Seus sorrisos sumiram.

— Ahn, esse é outra coisa que precisamos contar a vocês — Sinead falou baixinho. — Ian foi embora. Deixou um bilhete dizendo que estava indo a Nova York. Ele não disse por quê, mas sabemos que Isabel está lá.

— Isabel? — O nome era como um tapa. A alegria de Amy se esvaiu instantaneamente. — Mas por quê?

— Não sabemos, e o telefone dele não está funcionando — Sinead falou. — Eu gostaria de dizer que é porque ele sente saudades da mãe. Mas acho que não é possível sentir saudades daquela mulher.

— Ele já deveria ter entrado em contato com a gente — Evan opinou.

— Vocês acham que ele foi sequestrado?

— Não sei — Sinead deu de ombros, com jeito triste. — Vamos descobrir.

Amy expirou com forçar.

Não pense em Ian.

Tinha que haver uma explicação para a ausência dele. Ian tinha mudado. Ele tinha comprovado isso. Attleboro resolveria esse mal-entendido. No momento, havia coisas muito mais importantes em que pensar.

As palavras do tio Alistair pareciam saltar da imagem: *Só mais um dia e meio.* Era pouco tempo para elucidar um mistério guardado havia 600 anos. E ela só tinha uma pilha fina de papéis de um guia de museu para ajudá-la a decifrá-lo.

Ou teriam sangue em suas mãos.

* * *

— Boooooooa tarde, quem fala é o meteorologista Sandy "Brisa" Bancroft, com o programa *De olho nos desastres*! Estamos ao vivo na capital mundial de catástrofe, morte e destruição. Isso mesmo, estamos em Pompeia!

Franzindo o cenho, numa expressão de preocupação profunda, o meteorologista bronzeado apontou para o monte Vesúvio, atrás dele. Seus cabelos esvoaçavam para trás, graças a um ventilador gigante que não aparecia na tela.

Hamilton Holt parou e virou-se para olhar, pisando nos pés de Jonah Wizard.

— Uau, é o Brisa! O cara que prevê desastres, o Tremendão dos Temporais! Não acredito!

— E eu não acredito que você acabou de pisar sobre meus tênis exclusivos de 450 dólares — Jonah comentou.

Mas Hamilton já estava correndo para o set, como um jogador prestes a marcar um golaço.

Erasmus olhou seu relógio.

— O museu vai fechar daqui a pouco. Vamos nos atrasar.

— Precisamos arrancar Ham das garras do senhor Bronzeamento Artificial — Jonah puxou seu capuz mais para baixo, para esconder o "Rosto de Um Milhão de Downloads". — Fique comigo, fique frio, siga o fluxo. Se alguém perguntar, meu

nome é Clarence. Por acaso eu tenho alguma semelhança com o artista internacional Jonah Wizard, mas é só isso. Sacou?

Erasmus assentiu com a cabeça.

— Saquei, Clarence.

— Que espécie de equipe técnica vocês *são*, caras? — Jonah resmungou, andando em direção à multidão.

Bancroft abaixou a cabeça diante da câmera.

— Estaremos de volta após o intervalo comercial, com mais...

— Notícias fatídicas diariamente na sua sala e na sua mente! — Hamilton recitou em voz alta.

A luz da câmera se apagou, e Bancroft estreitou os olhos e encarou Hamilton.

— Um fã americano. Gostei! Ei, amigo, quer um cupom de desconto de um dólar numa caixa de Biscoitos Sandy Bancroft sabor Lava Picante?

Abrindo caminho no meio da multidão, Jonah sentiu amor à sua volta. As multidões, para ele, eram como oxigênio. Apenas um tecido fino separava seu pessoal do *gangsta di tutti gangstas*. Ele poderia tirar o capuz e dar às pessoas o que elas tanto queriam: seu rosto.

Mas não ia fazer isso. Estava ligado no plano. E o plano era ir a Pompeia. Encontrar informações sobre a lista de Astrid Rosenbloom. Resgatar Phoenix.

Primeiro, porém, era preciso arrancar Hamilton dali.

O Brisa estava autografando o cupom dele.

— Escreva ”para o meu maior fã, e quero dizer ‘maior’ mesmo” — Hamilton pediu.

Jonah puxou seu braço.

— Ei, Comandos em Ação. Precisamos manter o foco.

Sandy Bancroft olhou para cima.

— Por que isso me soa familiar?

Preciso parar de repetir as letras das minhas músicas! Jonah deu bronca nele mesmo.

— Nada, só estou dizendo.

Bancroft pareceu mais atento ainda.

— “Só estou dizendo”... Meus filhos adoram essa música.

Jonah sentiu remorso por sua falta de atenção.

— Ei, converse você com ele, Erasmus — cochichou por cima do ombro.

Erasmus puxou Hamilton pelo braço.

— Temos que correr. Obrigado, senhor Brisa.

Quando eles se viraram para ir embora, Jonah quase bateu de frente numa garota que vestia uma camiseta com os dizeres: FUI A POMPEIA E VIVI UMA ERUPÇÃO AMOROSA.

— Ei, não encoste no produto — ele falou.

O queixo da menina caiu.

Oops.

— Vamos sair daqui! — Jonah gritou, começando a correr. — Temos uns três segundos para sair! Para onde vamos?

— Para o Antiquário! — Erasmus respondeu, esforçando-se para manter a mesma velocidade que Jonah. — O museu de Pompeia é a maior fonte de informações sobre a explosão. Por que estamos correndo?

— Não pergunte, corra! — Jonah falou.

Agarrando seu cupom, Hamilton sorriu.

— Vocês não fazem ideia de quanto isto significa para mim.

— Está prestes a significar muito mais! — falou Jonah, e uma rajada de vento varreu seu capuz para trás, expondo seu rosto.

— JO-O-O-O-NAH!

O rapper sentiu a calçada tremer debaixo de seus pés.

Ele não sabia ao certo se era o vulcão ou a multidão delirante.

Capítulo 21

Às vezes , Ian Kabra pensou, *vale a pena ser lindo de morrer*.

Com um sorriso estampado no rosto, ele caminhou até a guarda das Nações Unidas. Ela era igual à foto que ele tinha encontrado no banco de dados dos Cahill.

Reina Mendez. Idade: 37 anos. Endereço: rua Steinway Place, 144-36, Astória. Filha: Pilar. Quinto ano na Escola Pública 151Q, facilidade para matemática e química, prevista para fazer prova de matemática avançada em exame do estado de Nova York.

— Bom dia, Reina — Ian disse, apresentando seu documento de identidade falso à guarda. Ele o tinha produzido às pressas, e a resolução não estava perfeita. — Como sua filha e saiu na prova de matemática?

A guarda pareceu momentaneamente perplexa.

Ian elevou seu sorriso ao nível cinco: irresistível. Reina olhou rapidamente para o documento de identidade falsificado.

— Tirou 9,7 — ela respondeu, com orgulho. — Obrigado por perguntar, senhor... ahn... Kabra.

— Parabéns! Um gênio em formação! — disse Ian. — A educação começa em casa, como eu sempre digo. A beleza também.

— O senhor deve saber disso — respondeu a guarda.

Sei mais do que você imagina, Ian pensou quando entrou no saguão principal. Ter acesso ao banco de dados dos Cahill tinha

suas vantagens. Como, por exemplo, poder acessar os dados pessoais de cada funcionário da ONU. Ian poderia ter mencionado a data em que Reina tinha passado por uma cirurgia do apêndice, cada produto que tinha comprado em sua última ida ao supermercado e o fato de ela ter um histórico médico de chulé intenso.

Mas bastava ter conseguido entrar no edifício.

Ele subiu até o segundo andar. A partir dali, o barulho da multidão o guiou. Era um som inconfundível de excitação, uma vibração que ele sentiu antes de pôr os pés fora do elevador. À sua direita, um grande auditório estava tão cheio que havia se formado uma aglomeração na porta. Pessoas de todas as idades e nacionalidades disputavam as melhores posições, esticando-se para assistir à palestra em curso no interior do recinto.

— Perdão... Com licença, por favor... — Ian pediu, esgueirando-se no meio da multidão.

Embora o rosto dela estivesse estampado em dois telões ao alto, Ian quase não reconheceu a própria mãe.

Era o sorriso.

Um sorriso esfuziante, brilhante, que banhava o ambiente com calor humano. Aquilo deixou Ian chocado até o âmago. Raramente sua mãe demonstrava tanta alegria diante dos filhos. Quando acontecia, era depois de ter envenenado alguém ou cometido um roubo internacional de obra de arte.

Ela estava em pé no meio do palco, atrás de um pódio, diante de um banco de microfones da imprensa. Atrás dela, uma imagem surgiu em outro telão, atraindo gritos de espanto e aplausos. Ian o reconheceu do site da organização da sua mãe: no posto avançado num selva tropical sul-americana, um menino feliz comia uma banana, cercado por jovens trabalhadores de etnias diferentes.

— Este é o querido Carlos — disse Isabel, em tom doce e melodioso. — Quando chegou ao nosso posto na serra de Córdoba, na Argentina, ele pesava apenas 14 quilos. Vestia trapos e chorava baixinho. Parecia mais um animal que um ser humano. Mas vejam-no agora! Em poucos meses, virou um rapazinho em franco crescimento. Um garoto que já sabe ler obras infanto-juvenis em duas línguas e navegar na internet. Um garoto que, antes de dormir, diz as seguintes palavras...

Sua voz se calou, e um vídeo surgiu no telão. Lá estava Carlos outra vez, de pijama, com um sorriso banguela no rosto, segurando a mão de Isabel.

— OBRIGADO, A-O-EME! — ele falou.

Uma mulher sentada ao lado de Ian começou a chorar. A plateia ficou em pé, explodindo em aplausos. Alguém começou a gritar “Ka-BRA! Ka-BRA!”, e em pouco tempo o recinto inteiro repetia o brado em uníssono.

— Não, por favor... Não devo levar o crédito. — Isabel sacudiu a cabeça modestamente, como se estivesse constrangida até não poder mais. — É o trabalho, não sou eu. É a missão de cem pessoas... para ajudar um milhão de outras!

As poucas pessoas que ainda permaneciam sentadas se levantaram, batendo palmas com força. Se a ONU pudesse aprovar uma resolução para beatificar alguém, Isabel Kabra seria a primeira candidata da lista.

Ian enfiou as mãos nos bolsos e mordeu a língua, para evitar gritar.

Quando a apresentação chegou ao fim, as pessoas se postaram ao longo do corredor para ver Isabel. Várias mães tinham trazido seus filhos pequenos. Quase todo mundo carregava um exemplar do novo livro dela, *Ouvindo a folha da bananeira: Salvando o mundo, uma pessoa por vez.*

Ian entrou no fim da fila. Esperou por um tempo que lhe pareceu longo demais, e então lá estavam. Olhos nos olhos pela primeira vez desde o último desafio.

— Ian, querido — cumprimentou ela — eu estava esperando você.

Ele se revoltou. A raiva, o choque e a saudade colidiram em sua cabeça, um cancelando o outro e deixando-o sem palavras.

— *Me esperando?*

— Era apenas uma questão de tempo para você deixar aquelas... pessoas — disse Isabel, evitando dizer “Cahill”, como se pronunciar o nome equivalesse a beber de um copo infectado de varíola. — E então, Ian, você tem alguma pergunta? Ou está aqui para ser voluntário e fazer algo útil na vida, para variar?

— Quero bater papo, mamãe — Ian respondeu com alegria forçada. — Sobre seus planos para as férias. Vim para lhe dizer, só para seu conhecimento, que, caso esteja pensando em fazer outro passeio naquele fim de mundo no interior do estado de Nova York, não poderá mais visitar a fábrica da DeOssie. Se bem que a cratera que ficou ali deve atrair uma multidão animada.

— Ian, meu querido, você está falando por enigmas — Isabel retrucou.

— Resolva um enigma para mim, mamãe — falou Ian. — O que a AjudaOperaMilagres tem a ver com os Vesper?

Ian a observou atentamente. Sua mãe era mestre em manter a expressão inalterada. Com frequência se gabava de ter controle total sobre cada um de seus músculos faciais. Mas ele sabia que não era bem assim. Mesmo depois de ter passado dois anos sem vê-la, conseguiu detectar um endurecimento minúsculo no lado esquerdo do lábio dela.

Ian estendeu a mão e passou um dedo sobre a testa da mãe.

— Que estranho... Você está suando, mamãe. E olha que o ar-condicionado daqui é ótimo. Ah, antes que eu me esqueça:

sua filha ainda está viva, obrigado por perguntar. Aparentemente ela está morrendo de fome. Como você parece se importar tanto com o pequeno Carlos, com certeza vai querer saber do estado da sua própria filha, sangue do seu sangue...

— Carlos *é* sangue do meu sangue — Isabel interrompeu irritada, abaixando a voz para falar num sussurro direcionado. — Quando meus filhos me deixaram, meu mundo acabou. Fui jogada na prisão, como sua irmã. Aprendi muito lá. Aprendi o significado da compaixão pelo outros. De doar-se aos outros. Da lealdade.

— Lealdade a quê, mamãe? — Ian indagou. — Em que você acredita?

Isabel segurou suavemente o rosto de Ian com a mão.

— Faça essa pergunta a você mesmo, meu belo filho. Por que está aqui? Por que deixou a sua nova família?

— Eu não a deixei! — Ian respondeu.

— Será que *eles* se dão conta disso? Encare a verdade, Ian: eles toleram você, mas é só. Para eles, você sempre será um estranho. E agora você os deixou. Pronto, é o fim dessa frágil relação. Você acha que vão deixá-lo voltar? — Isabel jogou a cabeça para trás, gargalhando ironicamente. — As pessoas confiam em mim, Ian. Quem confia em você?

— Eu... eu... — ele gaguejou.

— Próximo! — Isabel já estava convocando a pessoas atrás dele na fila.

Ian se virou e abriu caminho em meio à multidão adoradora. Ninguém pareceu prestar a menor atenção nele.

Do lado de fora do auditório, uma mesa em que vendiam produtos da AjudaOperaMilagres estava cercada por uma multidão. As pessoas compravam broches e adesivos de 15 dólares para carros.

— Cada compra alimentará uma família inteira por um mês! — repetia uma funcionária, falando alto e exibindo um adesivo com os dizeres FAÇA UMA FAMÍLIA FELIZ: MUDE O MUNDO!

Uma família inteira.

A ideia era estarrecedora. Quinze dólares era o que a lavanderia cobrava para lavar sua gravata de seda italiana pintada à mão. Desde que tinha perdido a fortuna dos Kabra, Ian descobrira quanto custavam as coisas. Quinze dólares era o preço da felicidade de uma família? Inimaginável. Na realidade, Ian não conseguia sequer imaginar uma família feliz.

Enquanto esperava o elevador, olhou pela janela e viu um avião comercial iniciar a descida para pousar no aeroporto de LaGuardia. De onde estava, o trajeto de táxi até lá seria rápido.

Ian pensou em mandar uma mensagem de texto para Attleboro, informando onde estava. Mas mudou de ideia.

Você sempre será um estranho...

Algumas coisas ele teria que fazer sozinho.

Pegou o telefone e procurou o aplicativo que exibia a confirmação de seu voo para Boston.

No canto superior direito, Ian clicou sobre um link: MUDAR DESTINO DO VOO.

* * *

— Talvez *orbis latao* tenha algum significado em persa — falou Dan enquanto escovava os dentes. — Alguma expressão particular da época de Ulugh Beg. Sabe, como aquele sujeitinho grego que gritou “Eureca!” quando inventou o arroz à grega ou algo assim. Tipo, “Veja, Abdul. A estrela número mil! Uhu! Orbis latao!”.

— Foi Arquimedes — Amy respondeu, debruçada sobre uma pilha de papéis. — E ele descobriu o empuxo. Ah, e sabe de uma coisa, Dan? Ulugh Beg influenciou gerações, chagando até Tycho Brahe. Ele estimou com precisão inacreditável a duração do ano e o ângulo de inclinação da Terra. Mas ele não falou “Uhu! Orbis latao!”.

— Ok, ok, só estou tentando pensar um pouco fora do planetário — disse Dan, cuspindo na pia. — Tentando abrir a caixa com minha paralaxe mental, entendeu?

— Seu eu tiver que ler mais uma palavra sobre paralaxes, declinações celestiais, astrolábios, sextantes, quadrantes e gnômons, vou gritar — comentou Amy, esfregando os olhos.

Eram quase 2h30, e ela já tinha relido pelo menos duas vezes cada texto do material recebido de Umarov. Não havia dúvida de que Ulugh Beg tinha sido impressionante. Mas ser impressionante não resolvia algumas coisas. Para começo de conversa, não salvaria a vida de tio Alistair.

— Espere aí — falou Dan. — Você falou *paralaxes?* É assim o plural? Pensei que fosse, sabe, uma paralaque, duas paralaques.

— Não existe *paralaque*, Dan! — Amy retrucou. — E agora ou saia daí e venha ajudar ou então vá dormir.

— Desculpe — de repente, Amy ouviu a escova de dentes de Dan caindo na pia. — Espere aí, irmãzinha. Você descobriu!

— Descobri o quê?

— Lembra quando eu falei que orbis latao era um anagrama? — Dan prosseguiu. — Talvez eu não estivesse errado, no fim das contas! Vamos tentar de novo.

Amy olhou por cima do ombro de Dan quando ele começou a escrever:

ORBIS LATAO

ABRIA SOLTO

RABIOLASTO

BALAO RITOS

TIROS BALAO

Dan quase saltou da cadeira.

— É isso! Alguma coisa que se abria e soltava, algum balão ou objeto esférico usado em ritos. Tiros de balão! Alguém disparou contra o objeto? Será que alguém tinha inveja de Ulugh Beg? Será que outro astrônomo poderia querer tirar alguma coisa dele?

— As pessoas o odiavam — Amy ponderou. — Seu próprio filho o decapitou. Mas isso porque Ulugh Beg foi ficando mais cruel à medida que envelhecia. Às vezes assassinava seus próprios súditos.

— Por quê? — Dan quis saber. — Será que algum deles roubou alguma coisa importante dele? Alguma coisa que pode estar escondida até hoje?

Mas as palavras de Dan foram ficando distantes conforme Amy reorganizava as letras de TIROS BALAO em sua cabeça.

— Espere aí, Sherlock — ela falou, pegando a caneta.

Com cuidado, escreveu uma única palavra:

ASTROLÁBIO

Capítulo 22

*** ALERTA ***

Kabra, I. Voo cancelado.

Sinead olhou atônita para a mensagem em sua tela. Então ele tinha ido para Nova York. E não ia voltar.

Esta não era uma boa hora para uma crise.

Ela enviou uma mensagem rápida a Ian:

Cadê vc?

Logo depois chegou uma resposta, a mesma que a anterior:

Fora de área.

Sinead pôs a cabeça nas mãos e deu um suspiro profundo.

Eu deveria ter esperado por isso.

Ela tinha trabalhado com Ian. Havia tolerado sua presença. Tinha lhe dado o benefício da dúvida. Ela sempre soube que ele possuía muitas qualidades. O problema era que eram todas qualidades negativas.

— *Mrrp!* — disse Saladin, sentado sobre a mesa com uma expressão de quem ela: "Eu disse!".

— Deve haver uma explicação — Sinead falou.

— *Braachh!* — Saladin regurgitou uma bola de pelos e saiu de fininho, com o focinho para cima.

Faltavam vinte minutos para as 7h. Evan ia chegar a qualquer instante. Sinead não podia deixar sua atenção ser desviada para outra coisa. Àquela hora, ela pretendia já ter solucionado o problema em questão.

A identificação do lagarto de Nellie.

A foto era pouco nítida e de baixa resolução. Mas os softwares avançados de aumento de resolução que havia em Attleboro eram capazes de converter a imagem mais difusa em outra de altíssima definição. Sinead tinha se esforçado bastante com os parâmetros para que fosse possível prever o tipo de lagarto, fazendo comparações de comprimento, coloração, proporção e anatomia.

Primeiro, era preciso preparar a imagem. Com uma ampliação de 800%, ela deslocou um pixel aqui, outro acolá para facilitar as coisas. Por fim, pressionou ENTER.

CARREGANDO...

Em uma fração de segundo, o software apresentou três possibilidades: lagartos da Nova Zelândia, da África do Norte e da Argentina.

Sinead olhou atentamente para todos. Qual seria o certo?

Mas, antes que pudesse pôr mãos à obra, outra mensagem surgiu na tela. Era de um agente Ekaterina no Departamento de Zoologia da Universidade de Cambridge.

Obrigado pela imagem... Estou trabalhando nela agora — Agente BullCommando2

Os dedos de Sinead ficaram parados no ar. *Eu não enviei nenhum pedido de informação...*

Ninguém deveria saber nada sobre isso. O lagarto de Nellie era um dado sigiloso.

No mesmo instante, surgiu outra mensagem, de um Ekaterina em Kentucky.

SwampHamsterl no zoo de Cincinnati vai verificar réptil. — SneakyRed1

E mais uma:

Temos áudio, ClueCommander1?

A porta se abriu, e Evan entrou correndo.

— Desculpe o atraso — ele falou. — Tive que encarar um interrogatório da minha mãe porque o monitor do clube de oratória disse a ela que eu não estou...

— ClueCommander1... Esse é seu codinome, não é? — Sinead indagou, apontando para uma mensagem na tela. — Você transmitiu a imagem do lagarto para o mural de mensagens do comando Cahill!

— Sim, do meu celular — Evan explicou. — Fique tranquila. Está encriptada para 2.048 bits. Nem a CIA usa esse nível de encriptação.

Sinead mal conseguia acreditar no que ouvia. Era isso o que acontecia quando se confiava numa pessoa de fora.

— Evan, você não recebeu autorização para fazer isso!

— Mas somos apenas você e eu aqui — Evan falou. — Pensei...

— E Dan e Amy não contam? Nem Jonah, Erasmus e Hamilton? — Sinead encostou na cadeira, soltando um suspiro. — O mural de mensagens do comando Cahill tem milhares de pessoas, Evan. Podemos encriptar tanto quanto quisermos, mas algumas dessas pessoas nós não conhecemos muito bem. E se algum Tomas renegado resolver tentar resgatar os reféns por conta própria, para assim virar herói? E se uma dúzia de Cahill diferentes apresentarem uma dúzia de identificações diferentes do lagarto? E se houver um espião escondido entre eles, que vai

transmitir essa busca toda de volta à direção dos Vesper? *Você tem que pedir autorização antes de usar o mural de mensagens!*

— Sinto muito — Evan afundou-se numa cadeira. — Então ok, espere aí... Vou mandar outra mensagem, retirando o que eu disse, pode ser?

Sinead sacudiu a cabeça, cansada.

— É tarde demais, Evan.

É hora de implementar algumas mudanças sérias aqui.

A segurança de Attleboro deveria ser mais avançada, mas em questão de minutos se tornara uma piada. Isso era inaceitável. Sinead abriu uma gaveta do armário de arquivos e tirou de dentro uma pequena tornozeleira.

— Olhe, só por uma semana, mais ou menos, quero que você use isto aqui por baixo das meias.

— Um rastreador? — Evan olhou para ela, mal conseguindo acreditar. — Você está de brincadeira, certo? Está me tratando como espião?

— Pretendo dar um destes a Erasmus, a Jonah e a Hamilton quando voltarem — Sinead falou.

— Mas não a Ian?

— Ian não está mais aqui — Sinead respondeu. — Ele foi à Nova York de repente e depois cancelou o voo de volta.

— Mas a mãe dele está em Nova York! — Evan protestou. — Talvez seja aniversário dela e ele quisesse fazer uma surpresa.

— E talvez esteja nevando chicletes roxos — Sinead respondeu. — A mãe dele é Isabel Kabra, Evan! A mulher que matou os pais de Amy e Dan, que deu um tiro na própria filha! De agora em diante, preciso do registro de todos os nossos movimentos. Não apenas para nossa segurança, mas para a proteção de cada um de vocês.

Evan levantou-se de repente, com o rosto vermelho.

— Eu criei essa tornozeleira para ser usada em inimigos. Eu montei mais de duzentas proteções para nós. Estou há semanas contando mentiras a meus amigos e à minha família para poder vir para cá. Passo cada minuto de cada dia pensando em maneiras de resgatar os reféns e trazer Amy e Dan de volta em segurança. Posso não ser um Cahill, mas sou a única pessoa aqui que sabe fazer qualquer coisa.

— Evan, por favor! — Sinead implorou.

— E não vou usar uma tornozeleira de rastreamento — Evan concluiu, saindo furioso.

* * *

Vesper Quatro odiava a privacidade. Isso era para os fracos. Pessoas com baixa autoestima.

Mas, quando se era um Vesper, fazia-se o que fosse necessário.

A sala estava escura e em silêncio. Dentro em pouco, seria previsto voltar à agitação, ao movimento. Ao mundo que não suspeitava de nada.

Que semana sombria! A fortaleza na Turquia tinha explodido, Vesper Seis tinha falhado, a segurança telefônica tinha sido quebrada, a Interpol continuava a investigar o caso, os reféns tentaram fugir e o garoto conseguiu a foto que queria.

Vesper Um estava furioso. Cabeças iam rolar.

Mas que golpe de sorte esse de hoje! O chefão ia adorar a notícia.

Vesper Quatro sorriu. Os sons do outro lado da porta estavam ficando mais altos. Em um instante, pessoas iam bater à porta. Não ia demorar.

V-1: Golpe de sorte. Estabelecido contato com os Cahill. Exatamente o que se poderia esperar. Vou rastrear. Posso matar. Aguardo instruções.

– V-4

Capítulo 23

Evan Tolliver encolheu-se ao segurar o telefone. A lagoa de patos nos fundos do colégio estava deserta, mas o ar estava gelado. Ele tinha apenas alguns minutos entre a saída do colégio e o início da reunião do clube de robótica

— Evan? — Era a voz de Amy.

Ela parecia estar tão perto! Evan mal conseguiu falar de tanto que sorria. E de tanto frio que sentia.

— Ei, Ames! Eu só queria dar um alô. Como vão as coisas?

— É tarde aqui — Amy disse.

— Eu sei, me desculpe — Evan respondeu. — Eu só queira... só queria ouvir sua voz. Você parece ótima.

— Sim — disse Amy. — Você também.

Evan franziu o cenho. Pensou ouvir outra pessoa no quarto com Amy.

— Tem alguém aí com você?

— Dan — Amy respondeu rapidamente. — Estou no nosso quarto de hotel. Com os Rosenbloom...

— Ah... — Evan respondeu. — Bem, ãhn, Sinead e eu... brigamos, por assim dizer. Ela quer que eu use uma tornezeleira de rastreamento.

Ela conseguiu ouvir Amy suspirar.

— Oh, Evan. Olhe, simplesmente faça o que ela diz, tá bom? Ian não está por perto e ela precisa de você mais que nunca. Nós precisamos de você.

Nós precisamos de você. Evan adorou o som dessa frase.

— Ok, vou usar — ele falou suavemente. — Prometo. Boa sorte amanhã, Ames. Eu sei que vocês vão encontrar o que precisam. Mas se cuide. Porque eu preciso de você.

— Vou me cuidar — Amy respondeu. — Tchau, Evan.

— Tchau.

Evan desligou e ficou sentado por muito tempo, fazendo força para se manter otimista. Fazendo força para não ficar pensando no fato de não ter ouvido aquilo que esperava ouvir:

Eu também preciso de você.

* * *

Jake tocou suavemente no pulso de Amy.

— Ei, seus olhos estão se fechando.

— Não estão! — Amy respondeu, esforçando-se para afastar o sono do cérebro.

Era madrugada, e apenas ela e Jake continuavam acordados. Atticus tinha adormecido no sofá. Dan tinha entrado no banheiro meia hora antes e provavelmente pegara no sono lá mesmo.

— Estavam, sim — disse Jake. — Eu estava observando.

Amy inclinou a cabeça.

— Você estava observando meus olhos?

— Bem, não *observando*, apenas vi de relance — disse Jake. — Só estava checando se você estava prestando atenção. Só isso.

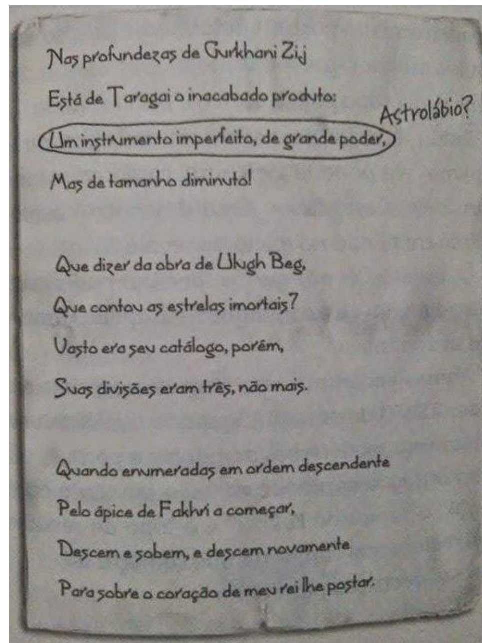
Amy não teve certeza, mas pensou ver Jake enrubescer.

Isso a fez sentir-se leve por dentro. *Pare com isso!* Por que ela estava desperdiçando um nanossegundo que fosse com aquele sujeito? Ele era exatamente o tipo de cara de quem ela não gostava: um gato que sabia que era um gato. Fato que eliminava sua gatice por completo.

Bem, não por completo.

Ela respirou fundo. Precisava manter o foco.

Astrolábio. Eles já tinham a palavra, mas não sabiam o que fazer com ela. Amy tentou concentrar-se no poema de Umarov.



Nas profundezas de Gurkhani Zij
Está de Taragai o inacabado produto:
Um instrumento imperfeito, de grande poder,
Mas de tamanho diminuto!

Astrolábio?

Que dizer da obra de Ulugh Beg,
Que contou as estrelas imortais?
Vasto era seu catálogo, porém,
Suas divisões eram três, não mais.

Quando enumeradas em ordem descendente
Pelo ápice de Fakhri a começar,
Descem e sobem, e descem novamente
Para sobre o coração de meu rei lhe postar.

— Aposto que você já conhece esse poema de cor — Jake comentou. — Alguma ideia mais concreta sobre o que ele significa?

Amy virou o papel para que ele pudesse ver.

— Sabemos que “Gurkhani Zij” é o observatório. E “Taragai” é o nome verdadeiro de Ulugh Beg.

Jake olhou atentamente.

— Então nas profundezas do observatório está “o inacabado produto... de grande poder... de tamanho diminuto”. Seria o astrolábio?

— É provável — Amy respondeu. — É um instrumento pequeno. Mas não é muito potente.

— E se Ulugh Beg estivesse tentando aprimorar algum tipo de astrolábio superpotente? — Jake aventou. — Um instrumento

portátil, totalmente preciso, seiscentos anos antes dos que temos hoje?

Amy concordou com a cabeça. Fazia sentido.

— Então, estudando o sextante de Fakhri no tamanho pleno, ele poderia descobrir como criar uma miniatura dele. Certo, Jake. Uma descoberta como essa teria sido tremenda no início do século XV.

— A questão é: por que Vesper Um poderia querer esse astrolábio? — Jake indagou. — É apenas uma engenhoca astronômica.

— Vamos encontrar essa engenhoca primeiro. Depois das 22h50 de amanhã, quando tio Alistair estiver em segurança, poderemos perguntar o porquê.

Amy esfregou os olhos e voltou a estudar o poema.

— Ok, o "ápice de Fakhri" é o topo do sextante de Fakhri. Parece que vamos ter que começar ali.

Jake se debruçou para olhar.

— "Vasto era seu catálogo, porém...". Que catálogo?

— A contagem que ele fez de todas as estrelas — Amy respondeu. — Mil e dezoito.

— "Suas divisões eram três, não mais". Vamos dividir o número de estrelas por três — Jake sugeriu.

Amy procurou uma folha cheia de rabiscos matemáticos que tinha feito.

— Já tentei isso. Mas o número não tem três fatores. Só dois.

1.018 = 2 x 509

— Acorde, Atticus. Precisamos de todas as cabeças pensantes a postos — Jake chamou o irmão.

Atticus levantou-se do sofá de um salto e se aproximou, cambaleando. Olhou para as anotações e recuou.

— Matemática. Muito perigoso. Deixe Dan tentar primeiro.

— Dan? — Amy chamou, voltando-se para a porta do banheiro.

A resposta foi um resmungo quase inaudível.

— Será que arrombo a porta para trazê-lo aqui? — Atticus perguntou.

— Não — disse Amy. — Ele não parou o dia todo hoje. Deixe-o descansar. E se ele pegar no sono e amanhã estiver com o bumbum dolorido, pelo menos não vai tentar deslizar pelo sextante de Fakhri.

* * *

Dentro do banheiro, Dan estava totalmente acordado. O bumbum em questão estava acomodado sobre uma felpuda

toalha de hotel, dobrada e colocada sobre a tampa fechada da privada.

Seus olhos não se desgrudavam de uma mensagem que tinha aparecido na tela do celular dele dez minutos antes:

Ok, sei que preciso ser paciente. Mas já passou bastante tempo, Dan. Estou pensando que talvez você esteja com raiva, ou confuso. Bem, fazer o quê? Estou cultivando paciência e esperança há muito tempo. Posso aguentar mais algumas horas ou dias.

Entenda, por favor, que o jogo está se aproximando do fim. O que você vê não é o que aparenta ser. O que aparenta ser crueldade é bondade. O que parece ser dor desnecessária é misericórdia. Talvez nada disso faça sentido para você, mas em pouco tempo fará.

Uma última coisa: precisa confiar em mim se você dá valor ao futuro do mundo e ao amor entre pai e filho.

AJT

Uma gota de suor caiu da testa de Dan sobre a tela, manchando as palavras.

As palavras do meu pai.

Dan secou a tela e olhou novamente a mensagem. Não havia mistério nem dicas vagas. AJT tinha falado sobre coisas das quais, antes, só havia dado indícios.

Pai e filho. Estava ali, preto no branco.

Desde o incêndio, Dan vinha convivendo com uma doença. Não era nada visível, mas ele sentia que alguma coisa tinha penetrado na sua alma. Ele havia aprendido a conviver com a perda. Havia se protegido. Durante toda a vida ele evitara olhar para meninos jogando bola com seus pais ou atravessando a rua de mãos dadas com eles. Tinha feito força para não sentir inveja, dizendo a si mesmo que algumas coisas eram simplesmente impossíveis.

Agora, com três palavras, o impossível estava a um clique de distância. Uma oportunidade de atravessar uma ponte para o passado. Ou para as duas coisas.

O que está acontecendo comigo?

Dan tinha jurado dar as costas à escuridão, atear fogo àquela ponte. Mas agora estava ali, com os polegares congelados sobre o teclado. De novo.

Ele havia redigido uma resposta, mas a apagara. Fez isso três vezes. A sensação era de escrever a um fantasma. O que acontecia quando os mortos voltavam a viver? O que acontecia com sentimentos que tinham sido combatidos por nove anos?

Que largura deveria ter um rio para que não pudesse ser atravessado?

Quem era Arthur J. Trent, afinal?

Crueldade é bondade... Dor é misericórdia...

Um Vesper, sem dúvida. Essa questão já estava resolvida na cabeça de Dan. Responder à mensagem significaria trair os Cahill. Esse gesto seria como jogar de lado o desafio e tudo o mais em que acreditava. Seria selar um pacto com o assassino de William McIntyre.

De repente, batidas fortes na porta do banheiro o fizeram levantar-se de um salto.

— Ei, o que aconteceu aí? Você caiu na privada? — Era Jake.

A porta se abriu com força, e Dan guardou o telefone.

Capítulo 24

Ian Kabra não entendia por que as pessoas gostavam de dirigir. Era desnecessariamente complicado. Exigia habilidade e atenção. Fazia você suar e provocava câimbras nas pernas. O melhor era deixar isso a cargo de profissionais contratados. Ian simplesmente não era a pessoa certa para manobrar um jipe alugado numa selva sul-americana no fim do mundo, que fazia o interior de Nova York parecer a Riviera Francesa.

Mas a necessidade operava milagres, Ian concluiu.

— Vire à direita — ordenou a voz de seu GPS. — Agora.

— Agora? — Ian respondeu, afrontado. — Só estou vendo uma brecha estreitíssima entre árvores!

— Recalculando a rota — disse a voz.

Ian detectou um tom de reclamação na voz do GPS. *Você precisa de um exame de vista ou será que cochilou naquela curva? Tenho coisas melhores a fazer que ficar recalculando a rota a cada poucos segundos pelo resto da minha vida.*

— Aos diabos com isto — Ian murmurou, pisando no freio.

Um zunido como o de uma serra elétrica soou em seu ouvido, e ele deu um tapa num mosquito do tamanho de um filhote de passarinho. No aeroporto, tinham recomendado que ele se lambuzasse de repelente de insetos do pescoço para cima. Mas ele ignorara o conselho, e agora tinha a sensação de que seu rosto era como um alvo de dardos numa sala de jogos.

Ian virou a direção para o lado e pegou o retorno, depois voltou até a entrada que perdera. Dessa vez, abriu caminho pela trilha estreitíssima.

— Espero que você esteja satisfeita agora — ele resmungou para a máquina.

— Você chegou ao seu destino — ela anunciou.

Ian pisou fundo no freio outra vez.

— Cheguei? *Aqui?*

Ele teve vontade de jogar o GPS para longe dali. De jeito nenhum aquela poderia ser a sede sul-americana da organização AjudaOperaMilagres. Ele estava na beira de uma clareira na floresta... Uma clareira vazia, abandonada, sem nada.

Ian saiu do carro com a câmera que estava no banco e com a impressão de uma foto que constava no site da AjudaOperaMilagres. Os resquícios de uma fogueira ardiam no centro da clareira. Em volta dela, várias pilhas de madeira e papéis. Uma raposa-cinzenta-argentina que se esquentava ao lado da fogueira lançou um olhar precavido para Ian e se afastou.

Entrando mais fundo na clareira, Ian pôde ver a estrutura de uma choupana caindo aos pedaços e pendendo para um lado de um jeito estranho. Um cartaz quebrado pendia do alto da porta. Metade do cartaz estava no chão; na parte remanescente, viam-se pintados à mão as palavras AJUDA OPER.

Ele ergueu a foto. Era a mesma casa... Aquela na frente da qual, nas fotos, todos os trabalhadores faziam pose. Mas, na imagem, ela parecia forte e substancial, não caindo para o lado, como estava.

Andando um pouco pela lateral da choupana, Ian entendeu o porquê da diferença radical entre a imagem e realidade. Aquilo era apenas a fachada de uma casa: uma parede, uma porta. O resto tinha sido escorado com um vergalhão.

As outras palhoças dali tinham caído havia muito tempo, e seus escombros, varridos em pilhas nas beiras da clareira. Ian foi até uma das pilhas. Havia muitos papéis, incluindo o canto de uma foto reproduzida em papel brilhante. Ele tirou a foto da pilha, com cuidado.

A imagem de um rosto de menino sorriu para ele, banguela e bonitinho. Embaixo da foto havia duas linhas de texto: ROBERT J. RODRIGEZ / REPRESENTADO PELA AGÊNCIA DE TALENTOS FILMKIDS. Mas Ian conhecia o garoto como outra pessoa.

— Carlos — murmurou.

Um tiro ecoou atrás dele. Ian gritou e caiu no chão.

— *¿Quién es?* — uma voz berrou.

Três homens de meia-idade entraram na clareira. Eram barrigudos, usavam camisas velhas e chapéus de palha. O homem do meio carregava um revólver. Vendo o rosto de Ian, sorriu.

— Americano?

Ian ficou de pé.

— Não, britânico! E veja como ficaram minhas calças! Elas foram feitas sob medida para mim na Harrods. Cedric, meu alfaiate...

Ele interrompeu a frase. Na realidade, ele não via Cedric havia meses.

— Se você quiser — disse o homem do meio, apontando a arma para uma perna de Ian — posso igualar o outro lado.

— Não! — Ian gritou. — Eu não tinha entendido que o senhor falava minha língua. Eu sou Ian Kabra. *Ka... bra!* Esse nome lhe diz alguma coisa?

Um lampejo de reconhecimento passou pelo rosto do líder. Ele resmungou algo em espanhol para um dos outros homens, depois abaixou a arma.

— Eu sou Marcos. A mulher, a Kabra, é sua mãe?

— *Sí. Oui.* Seja lá como for que vocês dizem. Sim — Ian concordou com um balanço de cabeça e estendeu a foto aos homens. — Vim à procura desta casa.

Os três homens olharam a foto e começaram a gargalhar.

— Olha eu aqui — disse Marcos, apontando para um rosto na foto. — E Miguel. E José. E nossas famílias.

Ian olhou a foto com atenção. Os três homens estavam no meio do grupo, trajando uniformes da AOM.

— Vocês não trabalham para a organização? — Ele perguntou.

Marcos fechou a cara.

— Sua mãe não nos deixou ficar com as roupas. Ela disse que íamos aparecer no cinema. Mas foi embora e não deu mais notícias.

Ian respirou fundo e pegou a foto de volta.

— Minha mãe mente — ele informou.

Capítulo 25

Amy caiu ao chão com força do lado de dentro do muro do observatório. Uma pontada de dor percorreu sua perna, mas ela a ignorou. No escuro, podia ouvir Jake, Atticus e Dan pousando ao seu redor.

Ela prestou atenção, preparada para ouvir o alarme de um sistema de segurança. Nada.

— Bom trabalho, Dan — ela disse.

— Agradeça ao meu guru de segurança, Larry Mão-Leve — Dan respondeu.

Seu relógio marcava 21h47. A travessia a pé do cemitério que ladeava o observatório parecia ter levado horas, mas Amy tinha decidido que ir a pé era a única maneira de não serem detectados.

— Temos exatamente uma hora e três minutos — sussurrou.

Ela subiu a coluna rapidamente, saltando sobre a mureta do observatório. À frente deles, a porta do sextante de Fakhri lançava sua silhueta contra o dossel das estrelas.

— Será que Ulugh Beg vai nos perdoar por arrombarmos seu observatório? — Atticus comentou.

— A gente o converte num Cahill honorário — disse Amy.

— Afastem-se — Jake girou rapidamente e desferiu um chute poderoso na porta logo acima da trave.

A porta se abriu.

— Onde você aprendeu a fazer isso? — Dan quis saber.

— Agradeça ao meu guru de artes marciais, Harry Pé-Pesado — falou Jake.

— Vamos! — Amy empurrou a porta e entrou.

Jake acendeu uma lanterna para iluminar o túnel, direcionando a luz para a longa inclinação do sextante.

O ar estava gélido e penetrante. Amy tremeu. Era como se fantasmas estivessem voando e subindo pelas suas narinas. Ela tirou do bolso de trás de seus jeans uma cópia do poema e a ergueu perto da luz.

— "Nas profundezas de Gurkhani Zij / Está de Taragai o inacabado produto: / Um instrumento imperfeito, de grande poder, / Mas de tamanho, diminuto!". Essa é a nossa primeira pista. O astrolábio é um instrumento pequeno. Jake e eu achamos que ele está escondido aqui, em algum lugar.

Sua voz lançou um eco estranho. Amy o imaginou saindo do observatório para flutuar sobre os túmulos, divertindo os mortos.

— Melhor falarmos baixinho — ela acrescentou.

— Como é mesmo a estrofe seguinte? — Dan cochichou, tentando ler o poema. — "Que dizer da obra de Ulugh Beg, / Que contou as estrelas imortais? / Vasto era seu catálogo, porém, / Suas divisões eram três, não mais."

— Seu catálogo enumerou 1.018 estrelas — Jake interveio. — Mas esse valor só pode ser divido por dois números primos: 2 e 509.

Amy aproximou-se do topo da escadaria que descia para o sextante. Puxando para o lado o cordão que dava acesso aos degraus, falou baixinho:

— Não tivemos uma chance de olhar melhor para as paredes onde ele registrou as estrelas. Talvez os números estejam ali.

Ela desceu as escadas do sextante, procurando atentamente os números 2 e 509. Jake a seguiu, iluminando a parede com a lanterna.

— Amy, a erosão acabou com a escrita há muito tempo. Não há mais nada aqui.

Ela concordou. Jake tinha razão.

— Leia o resto do poema, Dan — Amy pediu.

Sem luz, Dan recitou de cabeça:

— "Quando enumerados em ordem descendente / Pelo ápice de Fakhi a começar, / Descem e sobem, e descem novamente / Para sobre o coração de meu rei lhe postar."

— Você decorou o poema? — Jake quis saber.

— Memória boa — Dan respondeu.

— "Descem e sobem"! — Atticus exclamou. — Como o Sol ou a Lua! Há algum tipo de símbolo de Sol ou Lua que vocês consigam reconhecer?

— Ssssh — Amy arrancou a lanterna das mãos de Jake e começou a movimentá-la para iluminar em volta.

— Pessoal — Dan chamou, descendo a escadaria — o Sol e a Lua não são as únicas coisas aqui que sobem e descem.

— As escadas! — Atticus exclamou. — Incrível, Dan! Talvez esses números sejam o *número de degraus.*

— Mas não há 509 degraus — Amy objetou.

Atticus ficou sério.

— Oh.

Amy concentrou-se. Um aspecto do poema a incomodava.

— Não entendo uma coisa: por que o poema diz "suas divisões eram três, não mais", quando é evidente que o número de estrelas tem apenas dois fatores?

— Será que a divisão era feita de outro modo naquela época? — Dan sugeriu.

— Ou quem sabe o número de estrelas esteja errado — Jake propôs.

Amy concordou.

— Sim. Quando fizemos aquela visita guiada, Umarov falou que havia outros estudos, outras estimativas, não?

— Mil e vinte e dois! — Dan respondeu instantaneamente.

— O quê? — Jake se espantou.

Dan apertava a testa com os dedos.

— Estou tentando lembrar... As palavras exatas dele foram: "Alguns estudiosos dizem que foram 1.022, mas isso é o de menos, não?". É isso! Tente com esse número.

Atticus assobiou.

— Sua memória é *incrível!*

— SSSHHH! — Amy segurou a lanterna entre o queixo e o pescoço e tirou seu smartphone do bolso. Num instante, já tinha a resposta:

1.022 = 2 x 7 x 73

— Três fatores primos — ela anunciou.

Rapidamente, ela releu a última parte do poema:

"Quando enumerados em ordem descendente
Pelo ápice de Fakhri a começar,
Descem e sobem, e descem novamente
Para sobre o coração de meu rei lhe postar."

— Ordem descendente — ela disse. — Portanto, começamos do número maior. Ou seja, primeiro o 73.

— O ápice de Fakhri deve ser o topo — Jake interveio. — Mas será que tentamos à esquerda ou à direita?

— Dos dois lados! — Amy respondeu. — Setenta e três para baixo, sete para cima, dois para baixo.

— Atticus e eu vamos tentar! — Dan agarrou a lanterna.

Enquanto ele e Atticus desciam pelo lado esquerdo, começaram a contar os degraus. Depois de 73, chegaram ao fundo da escadaria. Estão subiram sete degraus e desceram dois.

— E agora? — ele murmurou.

Jake e Amy correram ao encontro deles. Amy se ajoelhou. Ela notou que os degraus eram, na realidade, feitos de pequenas pedras alongadas, como teclas de piano ou dedos. Ela puxou cada pedra individualmente. Jake dirigiu-se ao lado direito e puxou as pedras dali.

— São sólidas — Amy desanimou. — Não tem jeito.

— Atticus, preciso de luz! — Jake exclamou. As veias de seu pescoço saltaram enquanto ele puxava uma das pedras com força. — Acho... acho que está solta.

Atticus abaixou a lanterna e a colocou e a colocou na inclinação certa para iluminar a pedra. Ajoelhou-se ao lado do irmão e ajudou a puxar. Amy se uniu a eles.

A pedra não cedeu.

Quando Amy estava prestes a desistir, ouviu um som baixo, vibratório. Num primeiro momento, pensou que viesse do próprio estômago. Então sentiu seu corpo se deslocando. Pedras começaram a despencar das paredes.

— Caramba! — Dan exclamou, ofegante.

No centro do trilho, entre as duas tiras compridas de pedra curva, um alçapão estava se abrindo. Duas pedras maciças se afastaram diagonalmente, como mãos se movendo a partir dos pulsos.

Amy recuou. Depois se aproximou do centro, olhando para o interior do buraco.

Negrume absoluto.

Jake estava ao lado dela, iluminando o buraco com a lanterna. O feixe de luz revelou a lateral de uma grande caixa enegrecida de terra e fuligem.

— Que raios é isso?

Juntos puxaram a caixa para cima, mas ela não passava pela abertura. Atticus procurou seu canivete suíço no bolso. Encaixou o abridor de latas do canivete sob o topo da caixa e puxou para cima. Com um ruído forte, o tampo se soltou.

Amy pôs a mão na caixa e envolveu com os dedos um disco espesso de latão sólido, pesado. Enquanto isso, Jake iluminou delicados arabescos metálicos. Símbolos complexos estavam gravados sobre a borda externa, e na parte interna havia desenhos circulares e elaborados. Uma alavanca como o ponteiro de um relógio percorria o meio do objeto, presa ao centro.

— É como um relógio de pulso gigante — Jake comentou.

— É esta a coisa que Ulugh Beg pensou que poderia equipar-se ao sextante? — Dan perguntou.

— É esta a coisa que Vesper Um quer — Amy respondeu.



Ela olhou para seu relógio. 22h31.

— Temos ainda 19 minutos! Estamos dentro do prazo!

— *Não, não estamos!* — Dan estava correndo escada acima.

— Qual é o problema, Dan? — Amy o chamou.

Dan mostrou seu telefone. Mesmo no escuro, seus olhos brilhavam de medo.

— Não tem sinal.

A barriga de Amy tremeu. Se eles não tinham sinal, Vesper Um não teria como comunicar-se com eles. Não saberia que eles haviam encontrado o astrolábio.

Com o instrumento nos braços, ela correu escadaria acima.

Jake passou por ela a todo vapor. Chegando ao topo da escada, puxou Dan para trás. Girou-o para ficar de frente para ele e pôs um dedo sobre os lábios.

Uma voz se ergueu do lado de fora.

— Quem será? — Amy sussurrou.

Jake forçou a mão de Dan, que tremia, a iluminar seu rosto com a lanterna.

Ele formou uma palavra com a boca, sem emitir nenhum som.

Polícia!

Capítulo 26

Dan desligou a lanterna. As vozes se aproximavam rapidamente. Amy podia ouvir o som de passos sobre o cascalho.

— O que estão dizendo? — perguntou.

— Como eu posso saber? — Dan cochichou. — Não falo uzbeque!

— Para trás! — Jake sussurrou.

Dan ficou apavorado.

— M-mas... *tio Alistair...*!

— Vá para baixo, agora! — Jake o empurrou.

Dan quase derrubou Amy, mas os dois conseguiram descer os degraus até onde Atticus estava.

Jake ainda estava na escadaria... mas começou a subir por ela!

— Jak...! — Amy começou a gritar, porém, Atticus cobriu sua boca com a mão.

Os passos de Jake ecoaram alto. Lá fora, as vozes estavam chegando mais perto.

Amy tentou correr atrás dele, entretanto Dan e Atticus a impediram.

— Ele vai se machucar! — Amy cochichou.

— Jake sabe o que está fazendo — respondeu Atticus com firmeza. — Se ele mandou que ficássemos aqui, é melhor obedecer.

O teto do túnel estava sendo iluminado por reflexos de lanternas. Parecia uma imitação cruel do céu noturno, uma zombaria das medições precisas de Ulugh Beg.

As vozes se elevaram quando os homens entraram. Estavam gritando com Jake em uzbeque, e quando ele respondeu em inglês, Amy conseguiu identificar algumas palavras: *polícia*... *invasão*... *preso*...

Os passos chegaram mais perto da grade sobre a cabeça deles.

— Não há mais ninguém — Jake estava dizendo. — Só eu.

No entanto, a luz de uma lanterna estava descendo pela parede pipocada, delineando os degraus do outro lado...

— *Volte aqui!* — berrou uma voz com sotaque forte que vinha do alto e ecoava pelo túnel imenso.

De repente, as luzes sumiram. Os passos se afastaram correndo, saindo pela porta afora. Amy ouviu os gritos de Jake, mas o som estava do lado de fora do observatório.

Jake tinha fugido.

— Jake está desviando a atenção deles — Amy falou. — Vamos embora!

A área da grade ao alto, que um instante antes estivera cheia de pessoas, agora estava vazia. Amy subiu a escadaria, três degraus de cada vez. Chegando ao topo, correu até a porta e olhou cuidadosamente para fora.

De alguma maneira, Jake tinha conseguido atravessar o platô. Um policial o agarrara pela gola e o empurrava contra um carro. Havia duas viaturas e quatro policiais, todos de costas para eles.

Amy ficou com a respiração presa na garganta. Ela lutou contra vontade de correr atrás de Jake. Mas sabia que, se o fizesse, ia apenas estragar o plano dele.

Jake estava se sacrificando pela equipe.

Pelo tio Alistair.

Amy se virou. Apontou silenciosamente para a outra extremidade do platô, longe de onde estavam os carros. E correu.

Atticus e Dan a seguiram. No escuro, só o que Amy conseguia ver era que, ao fim do platô, havia uma queda abrupta.

Ela olhou rapidamente para trás. A entrada do sextante os impedia de estar na linha de visão dos policiais. Dan acendeu a lanterna e iluminou o caminho. A luz mostrou uma trilha íngreme, coberta de pedras.

— Vamos.

Amy segurou o instrumento delicado junto ao peito e partiu. Seu sapato afundou no declive coberto de pedrinhas. Com um ruído característico, escorregou alguns centímetros. Amy soltou um gritinho.

— *Vai, vai!* — Dan disse.

Cuidadosamente, Amy levantou seu outro pé o pôs no chão lateralmente, esforçando-se para não perder o equilíbrio. As pedrinhas escorregaram de novo, e desta vez o chão cedeu sob seu peso.

Amy bateu as costas e a cabeça no solo. Ela estava escorregando, com as pernas no ar, ainda abraçada fortemente ao instrumento.

— *Amy!* — Dan gritou, correndo atrás dela e tropeçando.

Eles colidiram na base da encosta. Amy caiu para trás, batendo no tronco de uma árvore retorcida.

— Ai! — Ouviram um grito à esquerda deles: Atticus.

Amy se endireitou. Seu peito batia descompassadamente. De manhã, o formato do astrolábio estaria estampado nele.

Ela olhou para o relógio: 22h49.

— Dan! — ela chamou. — Quantas barras de sinal?

Os olhos de seu irmão brilhavam tão fortes como uma supernova.

— Duas.

Ainda havia um minuto. Agora Vesper Um poderia comunicar-se com eles. Ele levava pontualidade a sério.

Amy olhou para cima. As vozes dos policias se aproximavam.

— Eles devem ter ouvido a gente — Atticus cochichou.

Amy tentou se esconder atrás do tronco fino de uma oliveira.

— *Ai!* — Eles ouviram a voz de Jake vinda do alto. — *Torci meu tornozelo! Vou processar vocês. Meu advogado vai cuidar disso.*

Um toque de telefone trespassou o ar noturno. Amy ficou rígida.

O celular de Dan brilhava com a chegada de uma nova mensagem.

— Ele se adiantou.

Estou aguardando notícias suas. Afinal, vocês têm meios de entrar em contato comigo, não? Estou contando os segundos...

— Temos que usar o telefone de Luna! — Dan cochichou.

O rosto de Atticus estava congelando numa expressão de medo.

— Temos vinte segundos.

Amy deixou o astrolábio cair, buscando o telefone no bolso. O aparelho não estava lá.

— Não está comigo!

— O quê? — Dan se assustou. — *O que você fez com ele?*

— Não sei!

Amy arrancou a lanterna das mãos do irmão e iluminou a área em volta. Nem se preocupou com a possibilidade de a polícia ver.

Ali. O brilho de metal na base da encosta tinha quase passado despercebido. O telefone devia ter caído de seu bolso quando ela aterrissou.

Ela correu para pegá-lo, mas Dan chegou antes.

— Um segundo! — Atticus avisou.

— Rápido! — Amy implorou.

Dan pressionou REDISCAR e digitou apenas uma palavra:

Pegamos

Mas seu dedo escorregou a caminho da tecla ENVIAR, digitando um número também.

Pagamos1

— Nosso tempo acabou! — Atticus berrou.

— Aperte enviar, Dan. *Enviar!* — Amy falou.

— Pronto! — Dan gritou, mostrando-lhe a tela.

Enviando...

Acima deles, um feixe de luz vasculhou a área, passando sobre a árvore sob a qual eles tinham estado um instante antes. Amy, Dan e Atticus se apertaram contra a beira do penhasco.

Os olhos de Amy não se desviaram da tela do celular de Luna.

As luzes se afastaram. O som de portas de carro se fechando pipocou na noite. Em seguida, ouviram o rugido dos motores de dois automóveis.

Mas a tela continuava vazia.

Capítulo 27

22h51.

— Não pode ser. — Dan sacudiu o telefone. — Deve haver algo errado.

Não podia ser. Um escorregão minúsculo de seu dedo. Uma gota microscópica de suor que o levou a pressionar 1 em vez de ENVIAR.

— A culpa é minha — Amy gemeu. — Eu não tinha intenção de deixar o telefone cair.

— *Não me importo!* — Dan exclamou. — *Só quero saber o que aconteceu com tio Alistair!*

— Aquele cara... Vesper Um... Ele não pode... — Atticus disse, hesitante. — Ele não faria...

Dan virou-se imediatamente para o amigo.

— Faria, sim. E sabe de uma coisa? Um dia eu vou devolver o favor. Vou matá-lo. — Ele ergueu o rosto para o céu. — *Está me ouvindo? Vou matar você, AJT!*

— Dan...? — Era Amy.

— Eu sei o que você vai dizer, Amy — falou Dan em meio a uma enxurrada de lágrimas. — Mas eu o odeio. Odeio nosso...

— Não! Olhe! — falou Amy, apontando para o telefone na mão dele. — A tela acabou de acender.

As lágrimas obscureciam o telefone na mão de Dan. Ele piscou e fez força para ler o que estava escrito:

Assustei vocês? É para não dizerem que não sou dramático.

E, já que vocês gostam da ilusão do controle, vou facilitar a entrega. Alguém vai encontrá-los agora.

Ah, sim. Parabéns. Seu tio querido está são e salvo.

Por enquanto.

* * *

Jake Rosenbloom tentou não ficar enjoado com o movimento da viatura policial.

— Para onde vocês estão me levando? — perguntou.

Um dos policiais no banco da frente voltou-se para encará-lo.

— Você invadiu um lugar proibido e resistiu à prisão. Vamos ter que registrar um boletim de ocorrência.

Jake se afundou no banco. Ele torcia para que Dan e Amy tivessem feito a entrega do astrolábio.

O motorista resmungou alguma coisa em uzbeque e puxou a direção para a direita. Outro veículo derrapara e estava parado atravessado nas duas pistas, impedindo a passagem de carros.

Com os pneus cantando, o carro policial saiu da estrada e parou em uma valeta. Jake procurou se segurar. Apesar de estar usando cinto de segurança, seu rosto bateu com força na janela lateral.

Os policiais desceram da viatura, gritando a plenos pulmões. Aproximaram-se do outro carro com os revolveres engatilhados. Era uma limusine longa e preta com vidros fumê.

Jake fez uma careta e tocou o corte do lado de sua cabeça. Um pouco de sangue escorria pelo seu rosto. Ainda não dava para saber a seriedade do machucado, mas ele se sentia bem. Mais ou menos.

Olhando para fora novamente, viu a janela traseira da limusine sendo abaixada. Dentro do carro havia um homem de chapéu preto e óculos de sol. Ele ergueu a cabeça devagar, olhando para os policiais, e deu de ombros, indicando que não entendia, o que apenas levou os policiais a gritar mais alto.

Jake olhou para a direita. A escuridão era quase total. Ele deslizou para aquele lado do carro e tentou abrir a porta. Estava destrancada.

Sabia que não tinha muito tempo. Pulou fora do carro, tropeçando ao pisar na valeta. A alguns metros dali. Havia um portão aberto. Jake ficou ereto. Sua cabeça pulsava, dolorida, mas ele conseguiu se mover.

Passou pelo portão, correndo em alta velocidade. Atrás dele, ouviu dois gritos e depois silêncio. E então o som de passadas pesadas que o seguiam.

* * *

O nascer do sol foi um choque. Amy percebeu que não tinha mais noção do tempo, não sabia quando era dia e noite. Parecia que haviam se passado apenas alguns instantes desde a chegada da mensagem de Vesper Um:

Mudança de planos. Entrem no cemitério à primeira luz do dia. Usem a entrada perto do Shah-i-zindi, logo antes da feira Siab Dekhkhan. Às 5h30 precisamente, encontrem Olga Sakarov na base do morro mais próximo. E digam oi para mim.

Quando ela entrou no cemitério, as lápides pareciam almas perdidas, congeladas, brilhando com uma pálida luz prateada.

Amy agarrou o astrolábio com força, virando o pulso para checar o relógio: 5h15. Ainda faltavam 15 minutos para a entrega. Como sempre, estavam obedecendo às instruções de Vesper Um. *Como fantoches*, ela pensou.

— Vamos — disse.

Atticus estava mexendo no telefone e quase tropeçou.

— Alguma notícia? — Dan sussurrou.

— Nenhuma resposta de Jake — falou Atticus, com a voz carregada de emoção. — Estou tentando há seis horas.

Amy olhou à direita e à esquerda quando chegou ao caminho. Sua nunca doía. Dormir no campo não tinha sido confortável. Ela e Dan conseguiram cochilar um pouco, mas ela estava preocupada com Atticus, que não tinha pregado os olhos.

— Não estou vendo ninguém. — falou Dan.

— Talvez seja o lugar errado para a entrega — Atticus sugeriu.

Dan virou a tela do celular de Luna na direção do amigo. Amy parou para reler a mensagem.

— Olga Sakarov... Até o nome dela soa como Vesper — Dan observou.

Um animal pequeno passou correndo à frente de Amy. Ela sufocou um grito, respirou fundo e pisou com cuidado. Lápides de pedra polida de todas as formas elevavam-se à sua volta, como placas de sinalização. Nelas estavam gravados rostos que pareciam lhe lançar olhares de desaprovação.

— Estes nomes estão em cirílico — Atticus comentou.

— Para mim, parece pedra de verdade — falou Dan.

— *Cirílico,* não *acrílico* — Atticus explicou. — É o alfabeto russo. Samarcanda tem uma enorme população russa.

Amy parou ao chegar à base do morro. O canto distante de pássaros soava como gritos de pessoas moribundas. Enquanto o sol surgia lentamente no horizonte, um urubu pairava no ar. Amy deu uma olhada no relógio: 5h24.

— Ela já deveria estar por aqui.

— É bom ela chegar antes que esse bicho no pegue — Dan comentou.

— É um urubu — disse Atticus. — Eles só comem carniça. Animais mortos.

Pelo canto do olho, Amy percebeu outro bicho pequeno correndo. O animal parou logo depois de uma lápide enorme, ao lado de um montinho fofo e maltrapilho. Parecia um esquilo que acabara de ser morto.

— E é o café da manhã dele — Amy falou.

Dan se aproximava do montinho, olhando com atenção. Ele parou e então se virou, com o rosto pálido.

— Não é a única coisa morta por aqui.

Amy acompanhou o olhar dele até chegar à silhueta de um pé que se projetava atrás da lápide.

Atticus inspirou profundamente, assustado.

— Será... Olga? — Dan falou baixinho.

Amy chegou mais perto, preparando-se para encarar seu pior medo: que Vesper Um tivesse matado uma estranha total só por diversão, só para alertá-los.

Uma refém por procuração.

Ela ouviu um grasnar furioso vindo do alto. *Afaste-se e deixe a natureza seguir seu curso. Deixe os mortos à disposição dos vivos.* Todos os seus instintos mandavam Amy fugir daquela cena horripilante. Simplesmente deixar o astrolábio cair no chão e bater em retirada.

— Esse pé... — falou Atticus, segurando o braço de Amy com força. — É grande demais para ser de uma Olga.

Amy já podia ver a perna, que usava jeans.

— A-alguém a-aí? — ela chamou.

Com medo do que ia ver, chegou até a frente da lápide. Um rapaz estava esparramado na grama, com a cabeça virada para o lado, na sombra.

Amy deu um passo para a frente a fim de ver seu rosto.

— *Jake?*

Capítulo 28

A primeira coisa que Jake Rosenbloom percebeu ao despertar era que estava chovendo. A segunda era que algo, no alto, soltava gritos agudos.

A terceira coisa foi que a chuva era, na realidade, Amy Cahill chorando em cima do seu rosto.

— Jake, você está vivo!

Jake se sentou. Parecia que alguém tinha aberto sua cabeça com uma machadada.

— Espero que sim.

— Eu pensei que nunca mais veria você... — Atticus abraçava o irmão e chorava. — O que aconteceu?

— Não sei direito... foi tudo muito confuso... — Jake tocou sua cabeça e deu um pulo imediato de dor.

— Deveríamos ter enfrentado a polícia juntos — Dan falou. — Se tivéssemos feito isso, os Vesper teriam pegado o astrolábio. Era só o que eles queriam.

— Então por que eles não o pegam agora e nos deixam em paz? — Atticus perguntou, olhando em volta do cemitério. — Onde eles estão?

— Não sei — Amy falou, estendendo o braço para ajudar Jake a se levantar. — Falaram para encontramos alguém aqui exatamente às 5h30. Olga Sakarov.

Jake levantou-se, gemendo. Olhou ao redor, piscando.

E de repente ele entendeu.

Embora tivesse se comprometido com os Cahill, ainda não tinha entendido o que eles enfrentavam. Olhando para o rosto de Amy, enxergou linhas de preocupação que desenhavam um mapa de problemas; a dor de uma pessoa idosa em uma garota de apenas 16 anos. Os Cahill estavam metidos num buraco tão fundo que talvez não houvesse como sair. Buraco em que ele e seu irmão também se encontravam.

Ele nunca tinha se sentido tão bem a respeito de sua decisão de unir-se a Dan e Amy na luta contra os Vesper.

— Eles fizeram isso comigo para ensinar uma lição a vocês — Jake falou.

Afastou-se da lápide para que pudessem ver:



Atticus engoliu em seco.

— Olga Sakarov.

— Ela não passou de um acessório — disse Jake. — Um símbolo do que pode acontecer com qualquer um de nós. Ele me pôs aqui, anotou o nome e enviou o torpedo. Era uma cena mórbida que ele queria que vocês vissem.

Ele olhou o relógio de Amy: 5h30.

Um grito forte ecoou acima. Os quatro esticaram o pescoço para trás para olhar para o céu.

O urubu, que os vinha sobrevoando com ar esfomeado, se afastava. Outra criatura descia do céu com as asas abertas: uma grande ave de rapina, com pescoço longo e bico afiado.

— Vamos sair daqui! — Amy disse. — Ele está atrás da carniça.

Afastaram-se pelo caminho por onde tinham vindo. Inclinando o corpo, a ave os seguiu. Quando chegou perto de Amy, abriu as garras e soltou um grito.

— Amyyyy! — Dan berrou.

Ela gritou alto. Sentiu penas em contato com seus cabelos. Garras se fecharam sobre o astrolábio e o puxaram.

Amy sentiu o disco sendo arrancado das suas mãos. O falcão voou em direção ao sol nascente, com o astrolábio preso em suas garras como um animal inerte.

Ela correu ao topo do morro para observar. O falcão estava descendo em direção a uma estrada distante.

Na estrada, a janela escura de uma limusine preta foi aberta. Uma mão enluvada ergueu-se em direção ao céu, com a palma para cima.

O falcão desceu rapidamente, freando quando estava quase sobre o carro. A mão estendida agarrou o astrolábio e o puxou para dentro do veículo.

Amy viu o homem de óculos escuros na limusine. Ele jogou um beijo para os quatro adolescentes.

Capítulo 29

Sinead parecia prestes a atravessar a tela do laptop.

— Amy, você é uma heroína!

— Ahn... só a *Amy?* — perguntou Dan.

Amy mostrou a língua ao irmão. Gargalhando, Dan se reclinou no banco de pedra diante da Mesquita de Shah-i-Zindi e observou o sol refletido nos ladrilhos turquesa. O lugar era silencioso e reservado o suficiente para que entrassem em contato com Attleboro.

— Todo mundo ajudou — Amy disse. — Atticus decifrou o código final. Jake quase sacrificou a vida. E Dan... deixe-me pensar...

Ela se preparou para ouvir um protesto. Mas Dan parecia preocupado com seu celular.

— Gente... — ele disse. — Temos a confirmação.

Ele ergueu o telefone para Amy, Atticus e Jake verem. E depois para a tela do computador, para que Sinead também pudesse ler.

A entrega foi ótima. Agradecimentos a todos que a possibilitaram. Incluindo à querida Olga Sakarov.

Bem, é hora de comemorar. E que lugar melhor para isso que a alegre cidade de Berlim, que abriga uma joia de valor inestimável

num museu fortemente protegido? Espero que vocês já tenham ouvido falar dela. Porque sua próxima tarefa é libertá-la. E entregá-la a mim.

Obrigado de antemão. E um alegre "Guten Tag" da parte de Tio Alistair.

— Alemanha? — disse Jake. — Por quê? E que joia?

Dan deu de ombros.

— Deixe que Amy faça as pesquisas. Ela gosta disso.

— Eu queria que Vesper Um não brincasse assim sobre Tio Alistair — Sinead comentou.

Amy concordou.

— Estive pensando nele o dia inteiro. Sobre o que por pouco não sofreu.

— Graças a vocês todos — Sinead observou. Seus olhos se desviaram rapidamente para direita. — Ahn, Evan e eu temos uma notícia a dar.

Evan se inclinou para parecer na tela.

— Sinead e eu estamos de bem outra vez. Ela identificou a lagartixa. E o tipo dela. Que, na verdade, é revelado por seu nome...

— Sua inteligente tutora Nellie — disse Sinead — estava segurando um teiú argentino gigante.

Amy quase pulou do banco.

— Argentina! Isso é incrível! Você o identificou!

— Uhu! — Dan gritou.

Sinead olhou para Evan e então se voltou para a tela.

— Além disso, estou rastreando Ian. Tivemos a confirmação de que ele visitou a mãe. A boa notícia é que ele não foi sequestrado. A má notícia é que, logo depois de falar com Isabel Kabra, ele mudou de voo.

— Ele está na Argentina, Amy — Evan falou.

— Que também, por acaso, é onde fica um dos redutos de Isabel Kabra — Sinead acrescentou.

Amy se balançou no banco. Isabel. Seria ela a mandante dos sequestros? Poderia ela ser Vesper Um?

— Ian deve ter descoberto a localização dos reféns — Amy sugeriu. — E deve ter ido para lá.

— Sem entrar em contato conosco? — Sinead questionou, soltando um suspiro irritado. — Ele está fora de contato com os Cahill, Amy. Silêncio total.

— Nunca confiei no sujeito — Evan comentou — Com todo o respeito.

Amy sacudiu cabeça. Não fazia sentido. Ian não podia estar envolvido com os Vesper. Ele era tão Cahill quanto Sinead e Evan.

— Deem um tempo a ele.

— Temos nosso pessoal acompanhando o caso, verificando todas as pistas... — Evan falou. Sua voz foi ficando mais baixa. — Ahn, Amy? Você está bem?

Os olhos de Amy estavam ficando marejados.

— Estou bem, sim. Obrigada, Evan, por todo trabalho incrível. Você é o máximo.

— Alguém mande os violinos começarem a tocar — Dan pediu.

— Ahn, tenho a impressão de que é Sinead quem merece os agradecimentos — Jake interveio.

Ouvindo isso, Evan ergueu as sobrancelhas.

— Amy Cahill é a chefe da família. Ela é capaz de pensar sozinha.

* * *

Outro aeroporto. Outro voo. Outro atraso.

Pelo menos aquele aeroporto tinha uma boa lojinha, com uma coleção de pequenos vasos de *aloe*.

Dezessete ingredientes.

Progresso.

Dan sentou-se com as costas apoiadas contra a parede, perto de um grupo de mochileiros da Alemanha. Três voos

estavam previstos para partir do mesmo portão de embarque, e dois deles já tinham sido cancelados.

Amy e Jake tinham ido comprar comida. Atticus, encostado ali perto, estava roncando.

Dan cautelosamente abriu seu telefone e leu a mensagem que havia chegado de AJT.

Oi, Dan! Achei que talvez você estivesse com um tempinho livre. Entre em contato comigo quando quiser. Ignore o J: meu nome do meio é "paciência". :)

O tom era tão pavoroso que Dan quase riu.

Seu pai tinha matado o senhor McIntyre, tinha mandado espancar Jake num cemitério... por diversão!

O que ele teria feito se eu não tivesse apertado ENVIAR a tempo de salvar tio Alistair?

Dan queria atirar o telefone debaixo das rodas de um avião. Contratar um hipnotizador para apagar do seu cérebro a lembrança das mensagens.

Mas aquela sensação estava de volta.

Contrariando tudo o que era provável, desdizendo cada átomo de bom senso, a mensagem lhe dava uma sensação estranha. Uma espécie de formigamento que começava nos dedos dos pés. Algo parecido com um fio de esperança.

E que beirava a insanidade.

Ele bloqueou o telefone com raiva e o enfiou no bolso. Depois fechou os olhos, contou até dez e os abriu novamente.

Respirou fundo várias vezes. Lembrou a si mesmo que estava com fome. Tirou da mochila uma barra de chocolate amassada e começou a abrir a embalagem. Cada uma dessas coisas o deixava mais calmo.

— Alô? — falou uma das alemãs, uma garota de bochechas rosadas, mais ou menos da idade de Dan.

— Oi — Dan respondeu.

— Você tem alô? — A garota insistiu, apontando para a mochila dele, para uma folha verde saindo de um saco plástico.

— Ah, você quer dizer *aloe*? — Dan entendeu. — Sim, para esfregar na minha...

— Queimadura de sol — a garota puxou para baixo a gola da camiseta, revelando sua pele avermelhada.

— Ai, credo... — Dan murmurou, rapidamente quebrando um pedaço da folha e o entregando à garota. — Ok? *Auf Wiedersehen*. Ou sei lá. Preciso fazer minha reserva.

Ele enfiou o chocolate na boca e encontrou um assento sob uma janela panorâmica. A chuva martelava a vidraça.

Precisava ter mais cuidado e esconder os ingredientes. Bastaria um vislumbre do *aloe* e Amy saberia.

Ao alto, um monitor de TV transmitia um noticiário. Dan viu uma reportagem sobre um pai e seu filhinho que se reencontraram após um tornado. Estavam sorrindo e eram tão parecidos!

Como gêmeos, separados por uma geração...

As palavras de Amy ecoaram na sua cabeça. *Quando você era pequeno, ele segurava você em pé no colo para mostrar a todo mundo e dizia "Cara de lua!". Você dava um sorriso enorme, idêntico ao dele.*

Dan se endireitou.

Claro! Ele poderia resolver o problema com AJT de uma vez por todas. Por que não tinha pensado nisso antes? Nenhum estranho poderia ter conhecimento daquele fato.

Ele olhou para a esquerda e para a direita e então pegou o celular. Desta vez, compôs uma mensagem e a enviou imediatamente:

Se você é realmente meu pai, pode dizer que coisa especial costumava falar para nos fazer sorrir juntos?

A resposta chegou em muito menos tempo do que ele poderia prever.

Cara de lua.